

Márcia Bortoli Uliana

ENTRE RECORTES E COLAGENS: PATO BRAGADO,
UMA CIDADE NO PLURAL (1985-2005)



2014

Universidade Federal da Grande Dourados

Editora UFGD

Coordenação editorial: Edvaldo Cesar Moretti

Administração: Givaldo Ramos da Silva Filho

Revisão e normalização bibliográfica:

Raquel Correia de Oliveira e Tiago Gouveia Faria

Programação visual: Marise Massen Frainer

e-mail: editora@ufgd.edu.br

Conselho Editorial

Edvaldo Cesar Moretti | Presidente

Wedson Desidério Fernandes

Paulo Roberto Cimó Queiroz

Guilherme Augusto Biscaro

Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti

Rozanna Marques Muzzi

Fábio Edir dos Santos Costa

Diagramação, Impressão e Acabamento: Triunfal Gráfica e Editora | Assis | SP

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

U39e	Uliana, Márcia Bortoli Entre recortes e colagens: Pato Bragado uma cidade no plural (1985-2005). / Márcia Bortoli Uliana – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 166p. ISBN: 978-85-8147-083-2 1. Pato Bragado – Município. 2. Identidade. 3. Memórias. I. Título. CDD – 307.768162
------	---

Escrever a História ou construir um discurso sobre o passado é sempre um ir junto ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.

Sandra J. Pesavento

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1:	
A PRODUÇÃO DA “CIDADE IMAGEM”: IDENTIDADE E ALTERIDADE	19
Morar em Pato Bragado: qualidade de vida	23
Um cenário para o turismo	27
A germanidade: uma identidade hegemônica?	36
A festa enquanto <i>maquinaria</i>	46
Das várias festas alemãs à Oktoberfest	46
A Festa do Cupim Assado: do CTG à comemoração pelo município	58
A Festa dos Navegantes e suas indefinições: do rio ao Lago de Itaipu	70
Capítulo 2:	
O “PEQUENO GRANDE” DO OESTE: EMBATES SIMBÓLICOS E MATERIAIS NA CONSTITUIÇÃO DA CIDADE	75
Tensões e transformações na imprensa	80
Da emancipação político-administrativa aos <i>royalties</i> e ao <i>Progresso sem Fronteiras</i> : Peculiaridades impressas nos jornais	87
A construção de memórias sobre Pato Bragado	105

Capítulo 3:

A PRODUÇÃO DE DISCURSOS E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS:

CONSTRUINDO PATO BRAGADO 113

A publicidade e veiculação de valores: progresso, trabalho e comunidade 116

Diferentes sujeitos constroem a cidade 130

Pato Bragado entre progresso e tradição 138

CONSIDERAÇÕES FINAIS 151

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 155

APRESENTAÇÃO

As cidades evocam em nós curiosidade e encantamento, particularmente porque muitas possuem um passado longínquo e suas fundações ora estão cercadas de ações humanas heroicas, ora estas são atribuídas a divindades, expressas em lendas e mitos. Assim, é comum fazermos muitas perguntas sobre seus segredos, como e por quem foram fundadas, sua gente, seus governantes, as atividades desenvolvidas em seu cotidiano. Não se dispensam interrogações também sobre o que comiam, se possuíam alimentação exótica, suas formas de lazer e diversão e seu jeito de amar e se vestir. Tais aspectos nem sempre estão abertos à leitura, permanecem como incógnitas, o que exige perspicácia e argúcia do pesquisador.

A cidade de Pato Bragado é o objeto de reflexão de Márcia Bortoli Uliana. Trata-se de um pequeno município do interior do Paraná, que se emancipou no início da década de 1990, portanto, não se localiza num passado a perder-se nas brumas. Não se trata de uma grande cidade, capital ou polo de uma região, nem tão pouco de uma urbe do litoral, padrões mais frequentemente tratados na nossa historiografia. Mas nem por isso os desafios de compreendê-la são menores. Cada cidade, como bem tratou Italo Calvino em *As cidades invisíveis*, possui seu próprio *script*. Apesar de possuírem em comum praças, ruas, recantos, casas, templos, comércio, é o arranjo desses elementos que, em parte, as distinguem.

Há pessoas que se apaixonam pelo que as cidades revelam de característico em sua arquitetura. Contudo, o que está ao alcance da visão requer apreensão de sentidos, para se compreender as forças e energias que as comandam e as tornam únicas. O que as caracteriza está além dessa dimensão do visível. Nisso reside, em grande parte, o desafio para os historiadores, apreender os valores que motivam seus moradores e visitantes a interpretá-las como um lugar especial.

A emancipação de Pato Bragado possui relação com as transformações que o oeste do Paraná viveu a partir da construção da barragem de Itaipu no rio Paraná. A hidrelétrica alterou significativamente parte da paisagem, pelo lago que se formou. Muitas áreas agriculturáveis ficaram submersas, assim como o conhecido salto de Sete Quedas, na altura da cidade de Guaíra, PR. Populações inteiras foram deslocadas, como os índios Avá-Guarani e os ribeirinhos que perderam suas pequenas propriedades. Foi nesse contexto que novos municípios e cidades surgiram. Além da própria Pato Bragado, surgiram Quatro Pontes; Entre Rios do Oeste; Mercedes; Itaipulândia. O que Baudelaire afirmou sobre a forma das cidades modernas, que mudam mais depressa que o coração de um mortal, podemos aplicar às transformações que ocorreram nessa região nas últimas décadas.

A cidade de Pato Bragado possui características próprias que sensibilizaram a pesquisadora a desvendá-las. Sua aventura foi apreender os discursos, inicialmente elaborados no interior do Centro de Tradições Gaúchas – CTG Sepé Tiaraju, quando da luta pela emancipação, e a seguir, pela administração municipal, pelo jornal local e por setores empresariais. Os principais elementos do discurso são a identificação da origem dos pioneiros com a germanidade e a construção da cidade através do trabalho. Enaltecem o progresso, a qualidade da arquitetura e o turismo da região. Os discursos circulam com a função de convencer sobre os destinos dinâmicos e já traçados para o povo e a cidade.

A análise do entendimento desses discursos e de sua desconstrução se fez a partir de um rico repertório de formas identificadas por Marcia Uliana, quais sejam, as imagens de calendários, de cartazes, de *outdoors*, de placas indicativas do turismo na região, das propagandas veiculadas nos jornais, dentre outras. A cenografia dos locais das festas do Cupim Assado e da Oktoberfest também foram objeto de estudo. As referidas festas revelam um investimento de ressignificação de sentido, e já eram praticadas em comunidades locais. Ao serem encampadas pelo poder municipal se tornaram eventos significativos dos discursos em torno da cidade. A autora buscou em conceitos como o de “maquinaria sobre as festas” e “cidade imagem” suporte para pensar esse processo.

A ação de montar e desmontar revela a função de espetáculo que as festas assumem. Por seu turno, as várias formas de imagens já referidas revelam a estetização da cidade para consumo turístico. Demonstra como é possível a leitura da cidade a partir de uma diversidade de fontes, independente se delas jorram água cristalina.

A dinâmica multifacetada deste processo de produção de sentidos foi apreendida pela autora ao fazer a leitura a contrapelo da história, conforme proposto por Walter Benjamin, pois identifica as tensões geradas no e pelo grupo hegemônico vinculado ao CTG com aspiração a ofertar uma única identidade, que provocaram reações de insatisfação.

Ao ouvir narrativas de diferentes sujeitos para além do círculo do poder local, advindos de diversos estados não sulinos, da fronteira com o Paraguai, assim como de descendentes de colonizadores anteriores a 1940, Márcia constatou que, onde se delinea a identidade ideal, ao mesmo tempo se verifica uma divisão social da cidade. Seus narradores ao chegarem a Pato Bragado sentiram imediatamente a diferença no tratamento e a árdua tarefa de buscar espaço e reconhecimento social, particularmente os afrodescendentes. Afinal, as cidades atraem muitas pessoas que as adotam por seu lar e ajudam na construção das mais diversas dimensões. Não foi diferente em Pato Bragado, que por reunir pessoas de distintas origens e atividades, se constituiu no lugar da diversidade, da diferença, de novas possibilidades, o que contraria o discurso uniforme da germanidade.

Mas há também outras tensões na concretização desse projeto Éden. O processo de emancipação político-administrativo esteve vinculado aos ganhos que o município teria com o recebimento dos *royalties* da Itaipu. Nesse sentido, o discurso de que a cidade viveria um *Progresso sem Fronteiras* ganhou a imprensa local. Muitas concessões sem critérios melhor definidos na área de saúde, educação, calçamento de vias de acesso ao meio rural se devem aos *royalties*, contudo, estes têm seus dias contados e requerem planejamento, motivam preocupações, ferem interesses políticos.

Outras peculiaridades foram identificadas pela autora, como a comemoração da fundação da cidade em duas datas, as tensões entre a defesa do progresso e as tradições, os grupos que não se identificam com os projetos propostos. Tais temas apenas aguçam a curiosidade de

apreender a formação da cidade em pleno estado de movimento, puro vir a ser, do qual não pretendo antecipar conclusões nem tirar o prazer da descoberta do leitor. Daí não há porque estender esta apresentação, mas apenas ficar no limiar do portal da cidade, uma das formas de acesso para o leitor, não necessariamente a mais significativa, e convidá-lo à aventura dessa leitura.

João Carlos de Souza
Faculdade de Ciências Humanas FCH/UFGD

INTRODUÇÃO

A [...] utilização da imprensa periódica [...] não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada de seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica [...] (LUCA, 2005, p.141).

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida construindo enredos sobre essa realidade a partir do seu próprio ponto de vista. Neste sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência que é sempre social e compartilhada e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delinham horizontes possíveis na realidade social (KHOURY, 2004, p.125).

Este livro é resultado de pesquisas sobre a construção de Pato Bragado¹, Paraná, entre 1985 e 2005. Neste período, poder público municipal e jornais elaboraram uma visão do

1 De início, destaca-se que tal localidade fora distrito de Marechal Cândido Rondon e, por sua vez, insere-se, segundo a historiografia tradicional, no processo de colonização da empresa gaúcha denominada Companhia Madeireira Rio Paraná – reconhecida na região simplesmente como MARIPÁ – com sede na cidade de Toledo, Paraná. As terras administradas por esta empresa abrangiam boa parte da região Oeste do Paraná, a chamada Fazenda Britânia. Foi no momento da colonização que se escolheu o nome de Pato Bragado. Uma das hipóteses, segundo Romer, ao consultar Valaski, consiste na seguinte afirmação: “o nome Pato Bragado foi sugestão indicada pelo gerente geral da MARIPÁ, Sr. Willy Barth em 1955. Tal denominação surgiu em função do nome de um dos maiores navios que haviam ancorado no Porto Britânia, até aquela data. Este navio “[...] transportava a madeira e erva mate para os portos da Argentina, onde era comercializada para o mercado internacional [...]” (VALASKI, Reynaldo, 1993, p. 90 apud ROMER, Inge. *Emancipação de Pato Bragado*. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Humanas Educação e Letras. Colegiado de História: UNIOESTE, 1998. p. 11). Outra possibilidade citada por Romer diz respeito a embarcação do Sr. João Figueiredo que veio a encalhar no Porto Britânia devido à grande seca ocorrida nos anos 50, quando as águas do rio Paraná baixaram significativamente. Disto João Figueiredo veio a nomear a localidade sob a

município através da *cidade imagem*. Entre recortes e colagens, seus contornos foram delineados e a cidade apresentada sem quaisquer fissuras. Vários elementos que se imbricam ajudaram a compor a *cidade imagem* – a qualidade de vida, o turismo, a germanidade e as festas. No entanto, ao reunir, cruzar e analisar várias fontes outras cidades emergiram. A cidade então se constrói em meio a constantes modificações, tensões e contradições. Os embates materiais e simbólicos não estão ausentes do processo de construção da cidade, da identidade e da memória. Conflitos foram deflagrados durante as transformações ocorridas na imprensa, no processo de emancipação político-administrativa e na produção de memórias sobre Pato Bragado. Aos discursos produzidos atribuíram-se sentidos. Pato Bragado foi nomeado *município pujante* e por meio da publicidade veicularam-se valores como o progresso e o trabalho; os diferentes sujeitos constroem e (re) constroem a cidade de maneira singular através de suas experiências, lembranças, inquietações etc. Os discursos que não surgem naturalmente ainda foram utilizados em favor de grupos que buscam se autoafirmar bem como o município por eles construído. Neste sentido, alguns discursos se fundiram, como o progresso e a tradição, para gestar a cidade, estabelecer determinada identidade e memória que são (re) inventadas.

Os jornais impressos e as entrevistas com moradores figuram como as principais fontes que utilizo para problematizar meu objeto. *A Folha Bragadense*, de Pato Bragado, e *O Presente*, de Marechal Cândido Rondon, também no Paraná, foram os periódicos selecionados para, através de suas notícias, editoriais e anúncios publicitários², servirem de fonte para análise dos discursos produzidos sobre a cidade, desconstruindo-os e reconstruindo-os. Os referidos

designação de “Pato Bragado”. Cabe lembrar que em 29/12/1962 a comunidade de Pato Bragado tornou-se distrito de Marechal Cândido Rondon (lei nº 52/1962) e em 12 de abril de 1965 foi elevada à posição de distrito administrativo e judiciário (lei estadual nº 5079/1965). Pato Bragado continuou a pertencer àquele município até o ano de 1993, quando ocorreu a instalação do município, após as movimentações para a emancipação. (ULIANA, 2004, p.36).

2 Cf. Schwengber, ao citar LAGE (1987) e Elborato (2003), a notícia é o “principal produto da imprensa e o único que não tem o objetivo de expressar opiniões”. Editorial é um “texto que representa o pensamento da direção do jornal. Pode ser escrito tanto pelo proprietário como por um editor afinado com a linha política do veículo”. Anúncio é “um texto e ou imagem, cujo espaço ocupado no jornal é pago por um patrocinador identificado. O anúncio visa estimular o público a adquirir o produto anunciado, que pode ser também um bem simbólico” (SCHWENGBER, 2005, p, 71).

jornais, fundados respectivamente em 1995 e 1991, não abarcam o período da pesquisa (1985-2005), contudo, outros documentos, entrevistas orais e bibliografia recobrem o mencionado período. As 12 entrevistas foram realizadas no decorrer de 2007, em meio às minhas idas e vindas ao Paraná. Visei encontrar pessoas que necessariamente não fossem *sulistas* (sul-rio-grandenses e catarinenses), mas oriundas de outros locais. Devido à localização do município, na tríplice fronteira, direcionei-me àqueles desta área, como paraguaios e argentinos ou descendentes. Além do *local de origem* dessas pessoas, interessava-me que morassem na cidade há algum tempo, no mínimo há 1 ano.

As dificuldades afloravam por não residir na cidade de Pato Bragado, mas isto não me impediu de realizar a pesquisa (DIAS, 1984, p.19-60). Foi por meio do contato com integrantes do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sepé Tiaraju e amigos, que pude estabelecer ligações com outros sujeitos. Gradualmente, diversos fios condutores constituíram uma rede de relações.

Por vezes acreditei que me viam como *diferente*, uma *estranha*, *alguém de fora*, mas também mais próxima devido às relações que ali iam se estabelecendo. Ao mesmo tempo sentia-me *igual e diferente*. No campo da pesquisa, numa relação fluida, ocorreu um intercâmbio entre pesquisadora e entrevistado, pois “somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante” (PORTELLI, 1997, p.23).

Ao “violar memórias” (JÚNIOR, 2007, p. 207) e lembranças, o historiador analisa falas, atua sobre aquilo que os entrevistados trazem à tona, elementos significativos da sua experiência de vida em meio a silêncios e esquecimentos.

Partindo destes pressupostos e da metodologia descrita, este trabalho é composto por três capítulos. No capítulo 1 analiso a construção de uma visão de Pato Bragado através da *cidade imagem*. As imagens não apenas são refletidas, como num espelho, mas são fabricadas em conjunto com a cidade. A “cidade imagem”, como um quebra-cabeça, traz peças e encaixes que podem montá-lo facilmente; e este quebra-cabeça é contemplado por munícipes e por aqueles que a visitam, destacando o município na região em que está inserido, o extremo oeste do Paraná.

Ao historiador cabe depurar o seu olhar e perceber a cidade além daquilo que aparentemente representa, pois “é preciso ressuscitar o implícito, o invisível à superfície, desenterrando

aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desapercibido e o lacunar, o ausente” (PESAVENTO, 2004, p. 27). Numa espécie de *arqueologia do olhar*, é preciso descobrir aquilo que se encontra oculto ou talvez imperceptível, mas que deixou marcas. Para Pesavento, a cidade é um *enigma a ser decifrado*, um *palimpsesto*, comparada aos pergaminhos reaproveitados, nos traços deixados por uma escrita que se oculta sobre a outra, nos vestígios de um tempo que escoou. As marcas, pistas ou os vestígios servem de matéria-prima ao historiador, que de certo modo também a produz, mas que, sobretudo, a transforma, a lapida e lhe dá uma outra forma. O historiador costura, cola, molda, recompõe e reconstrói, como num quebra-cabeça, a cidade para apreender as elaborações de sua identidade e memória. Mas a cidade é um quebra-cabeça em que as peças não possuem necessariamente encaixes, e é necessário cruzá-las, reunir e comparar os fragmentos que permitem compor outras cidades. A cidade então é vista como um espaço construído em meio a modificações constantes.

Construída em meio a tensões e conflitos, outras imagens são elaboradas, assim como a própria cidade. Pretendida singular, a cidade torna-se plural. Então, ao vê-la através do espelho, cabe observar o implícito, além das imagens aparentes que visam apenas o belo. A dicotomia *cidade imagem/cidade vivida* será analisada através dos seguintes elementos que estão imbricados: a qualidade de vida, o turismo, a germanidade³, e as festas.

3 O termo geralmente é associado, pelos periódicos e munícipes, à “cultura germânica” ou como sinônimo de “cultura alemã”. De acordo com Maria B. R. Flores, os primeiros imigrantes “alemães” que chegaram ao sul do Brasil em 1824 não eram propriamente alemães, pois o processo de unificação da Alemanha só foi concluído em 1871. Tais imigrantes não poderiam ser considerados alemães, eram prussianos, bávaros, renanos, dentre outros. No Brasil, houve também um processo de criação de identidades e dentre este os “alemães” passaram a se diferenciar dos outros grupos existentes na região, a exemplo dos “bugres”, “brasileiros”, “italianos” e outros. (FLORES, 1997. p. 48). Em Pato Bragado, “germanidade” é atrelada à identidade alemã, como aspecto diferenciador diante de outros que não são “germânicos ou alemães”. Além disso, é utilizada em “tentativas de rememorar” a cultura dita “alemã”. Ao tentar memorar ou lembrar frequentemente, recriam-se memórias e lembranças, construídas material e simbolicamente. Os que fazem, muitas vezes são migrantes, “colonos”, principalmente vindos do estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que constroem e reconstróem festas, gastronomia, grupos de dança, traços arquitetônicos, dialetos, etc. A “germanidade” recriada então é utilizada, por vezes, como atrativo turístico, relacionada à promoção de eventos e especialmente na construção de diversas imagens à cidade e aos seus munícipes. Cabe frisar que a “germanidade” ali

No capítulo 2 problematizo os embates simbólicos e materiais na constituição da cidade. Tais embates foram deflagrados durante as transformações ocorridas na própria cidade, na imprensa e no processo de desmembramento e emancipação político-administrativa na década de 1990, que analiso através das disputas em torno do recebimento dos *royalties* pagos por Itaipu aos municípios atingidos pelas águas de seu reservatório e da elaboração do *progresso sem fronteiras*. Atento para a suposta imparcialidade, neutralidade e objetividade dos jornais, as quais o historiador encara como um discurso construído para ocultar os posicionamentos dos mesmos. Recorro à análise do discurso e também à materialidade e as técnicas empregadas na produção dos periódicos, para analisar a construção do próprio jornal, as “[...] motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa [...]” (LUCA, 2005, p. 140), os acontecimentos que se tornaram manchete⁴ de capa ou que foram relegados ao interior do jornal, junto aos sentidos dos discursos ali presentes, dentre outros aspectos.

Ainda discuto a construção de memórias para Pato Bragado através do jornal local, e da relação entre o periódico, o poder público municipal e historiadores que auxiliaram na produção de um livro sobre o município. Em meio à memória elaborada por estes ao município, determinadas falas trouxeram à tona sentimentos, muitas vezes ocultos, selecionados e esquecidos. Assim, a cidade está envolvida em meio a dinâmicas culturais e em constante movimento.

A análise da construção de Pato Bragado, da produção dos discursos e a atribuição de sentidos estão apresentados no capítulo 3. Esta abordagem investiga a relação entre a história, o progresso e a tradição. Num primeiro momento, através da produção de anúncios publicitários, seguindo pelos diferentes sujeitos que constroem a cidade. Diante das incessantes transformações na vida das pessoas, e do local em que vivem, analiso a construção de narrativas singulares

constantemente recriada têm influências de outros municípios, como por exemplo, Marechal Cândido Rondon, do qual Pato Bragado foi desmembrado. Consultar ainda: STEIN, Marcos Nestor. A construção da germanidade. *A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon: 1946-1996*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

⁴ Cf. Schwengber, ao citar Lage, manchete é o “título principal de um jornal ou de uma página. Eventualmente pode ocorrer uma manchete fotográfica, foto que domina a página” (SCHWENGBER, 2005, p. 59).

(PORTELLI, 1997, p. 17), através de experiências, lembranças, inquietações, emoções, etc., lembrando que suas falas estão impregnadas de memória (KHOURY, 1997, p. 117-138).

Neste sentido, a memória é instável, mutável, sujeita a esquecimentos, silêncios, tensões, e insere-se num campo de disputa (POLLAK, 1989, p.03-15); distingue-se da história enquanto ciência, pois é pautada em análise crítica (NORA, 1993, p.07-28). A história não é cativa da memória, antes, a memória é objeto da história, devendo ser dessacralizada ou problematizada pelo historiador (MENEZES, 1992, p.09-24). Finalizo o capítulo com a problematização do progresso e tradição – elementos que são utilizados pelo poder público e pela imprensa para gestar a cidade, estabelecer uma certa identidade e memória, que são (re) inventados – que, peculiarmente, fundem-se em Pato Bragado.

Capítulo 1

A PRODUÇÃO DA “CIDADE IMAGEM”: IDENTIDADE E ALTERIDADE



Fig. 1. Calendário de eventos de Pato Bragado 2004. Prefeitura Municipal.



Fig. 2. Calendário de eventos de Pato Bragado 2005. Prefeitura Municipal.

Calendários como esses que ilustram a página, espalhados pela cidade, bem como em distritos e municípios vizinhos, divulgaram Pato Bragado e seus eventos, em 2004 e 2005. Mas qual a necessidade de organizá-los? Visualizados também no site do município⁵, intrigava-me saber: quem os definia e o que promoviam? Inquietou-me, de início, o destaque concedido a duas festas no *calendário de eventos 2004*. Dispostas num cartaz, estavam em vermelho e com letras maiores que as demais: Cupim (março) e Oktoberfest (outubro). Assim, perguntava-me: o que há de especial para merecerem este tratamento? A princípio, via um aspecto comum: a organização, realizada pela administração municipal e a CCO (Comissão Central Organizadora). As imagens também me intrigaram, pois retratavam apenas alguns eventos em determinados meses do ano ou locais específicos do município: a escolha da Miss Pato Bragado, junto à Festa Nacional do Cupim Assado, em março; o dia das mães, em maio; as festas juninas, em junho; o dia dos pais, em agosto; o desfile de fanfarras e a Semana Farroupilha, em setembro; a Oktoberfest, em outubro; e a ornamentação natalina, em dezembro. Havia ainda imagens do portal, da prefeitura municipal, da câmara de vereadores, da praça Luis Dalcanalle Filho e do Lago de Itaipu. O calendário de 2005 trazia imagens semelhantes, mas foram diferentemente construídas assim como o próprio calendário. Na versão *calendário de mesa*, apenas a Festa Nacional do Cupim Assado foi destaque em seu interior. Junto ao *Cupimzinho*⁶, personagem criado para representá-la, foi ressaltada a realização da XVII edição em meio aos 12 anos de Pato Bragado.

5 *Eventos*. Disponível em: <<http://www.patobragado.pr.gov.br/makepage/controlador.do?action=load&resource=1>>. Acesso em: 22 fev. 2007.

6 A grafia “cupimzinho” diverge em relação à norma padrão de escrita, no entanto, estamos referenciando de acordo com as fontes históricas utilizadas.



Fig. 3. Calendário de Eventos de Pato Bragado 2007.
Prefeitura Municipal.

No calendário de 2007, confeccionado no mesmo formato e pela mesma administração que o de 2005, ao lado da prefeitura municipal ornamentada para o Natal, e da vista aérea do município, há imagens simbolizando a gastronomia local, representada pelo cupim e o pelo café colonial. Tanto em 2005 como em 2007, a identificação da gestão municipal e o *slogan* adotado: *Pato Bragado: administração transparente e participativa* foram reforçados. Isso ocorreu sobretudo porque, a partir de 2005, Pato Bragado, pela primeira vez desde sua emancipação político-administrativa, em 1993, era administrado pela coligação de oposição e também por uma mulher, Normilda Koehler⁷. Embora se tratassem de mandatos distintos, os enfoques presentes nos calendários eram similares. Busco ir além de rupturas e/ou permanências e investigar qual cidade estava sendo produzida.

⁷ Em 1992 foram eleitos à primeira administração municipal de Pato Bragado Luiz Grando e Walter Kleemann, pelo apoio dos partidos, PDS, PFL, PTB e PST. Em 1996, Verno Scherer e Delmar Fincke, pela coligação PTB e PFL. Em 2000, assim como em 1996 a situação venceu o pleito, Luiz Grando e Delmar Fincke com apoio do PSDB, PTB e PFL. Em 2004, foram eleitos pela oposição, Coligação Renovação Bragadense, que reuniu o PP, PT e PMDB, Normilda Koehler e Arnildo Rieger.

Assim como o espelho, a cidade reflete imagens, todavia, observava que Pato Bragado era construída através de imagens selecionadas. Em meio a recortes e colagens, determinados eventos foram escolhidos e enfatizados entre vários outros. Aos poucos, a cidade era fabricada e suas imagens não apresentavam quaisquer desalinhos. Pato Bragado era apresentada aos munícipes, e aos demais municípios do extremo-oeste paranaense, como *cidade imagem*, e, independentemente das gestões municipais, é *dada a ver* e *dada a ler*, construída e (re) construída numa simbiose, envolvendo poder público, imprensa e grupos hegemônicos. No entanto, a cidade é produzida em meio a tensões, e diferentes atores não autorizados forjam outras cidades, de maneira conflitante com a versão oficial. A cidade pretendida singular é na verdade múltipla, heterogênea e plural. Desta maneira, visualizar Pato Bragado através do espelho é vê-la além de suas imagens aparentes, que visam apenas o belo, pois há rachaduras e/ou fissuras implícitas.

A problematização se dá pela análise da dicotomia *cidade imagem/cidade vivida*. Assim, analiso através da qualidade de vida ressaltada pelo poder público, veiculado pela imprensa, mas também (re) elaborada por sujeitos que residem em Pato Bragado. Abordo também outras construções discursivas, como a do turismo que se tornou uma importante política econômica para o município, uma *indústria sem chaminés*⁸. Principalmente o chamado *turismo gastronômico e de eventos*, em especial pela comercialização da cultura através da (re) fabricação de determinadas festas, em conjunto com “outros potenciais a serem explorados”, como o turismo ecológico.

Na sequência, aponto como a germanidade é visualizada em festas, grupos de dança, gastronomia, arquitetura etc. Trata-se de uma tentativa de consolidar a identidade do município através da *origem* da população pautada na memória da colonização realizada, a

8 O termo “indústria sem chaminés” é referenciado em 2003, no especial da *Revista Região*, pelo então prefeito Luiz Grando, para remeter-se à promoção do turismo no município de Pato Bragado. As propostas de atividades turísticas a serem desenvolvidas são positivadas, segundo este, “não poluiriam” e ainda “geraria empregos” em diversos setores (*Revista Região*. 2003, p.14). No entanto, cabe frisar que o termo utilizado pelo prefeito é empregado em outros locais também para tratar do turismo, mas de modo diferente. Em Santa Catarina, por exemplo, dentre as atividades turísticas específicas e diferentes das de Pato Bragado, o termo gerou críticas e controvérsias. De acordo com Maria B. R. Flores, o termo “indústria sem chaminés”, que nos países desenvolvidos definia uma atividade considerada de baixo impacto ambiental, vem sendo questionado com muita ênfase pelos ambientalistas, que denunciam os impactos da especulação imobiliária e da superexploração de praias e recantos turísticos catarinenses (FLORES, 1997. p. 114).

partir da década de 1940, pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ – e transformada num *marco oficial* da história do município. No entanto, ao mesmo tempo em que se frisa a *presença alemã*, a alteridade é afluída, presente nas narrativas daqueles que não se identificam como *alemães*. Problematizo as festas consideradas como *maquinaria*, em razão de serem montadas e desmontadas de acordo com interesses e momentos específicos. Em outras palavras, como as festas foram inventadas e selecionadas entre os inúmeros eventos realizados, como foram municipalizadas⁹ e incorporadas ao turismo, a exemplo da Festa Nacional do Cupim Assado, da Oktoberfest e da Festa dos Navegantes – esta última como uma festa construída sobre margens indefinidas. Em suma, os vários elementos que ajudam a compor a *cidade imagem* – a qualidade de vida, o turismo, a germanidade, a invenção e as (re) apropriações das festas – estão imbricados.

Morar em Pato Bragado: qualidade de vida

Ao tratar da constituição de Pato Bragado, da produção de uma *cidade imagem*, adentrei na complexidade de seu processo ao considerar os diferentes atores sociais, ora produzindo consenso, ora experienciando conflitos e tensões. Na imprensa, essa construção se dava por meio de notícias, editoriais, cadernos especiais e anúncios publicitários. Construída detalhadamente, Pato Bragado é ideal para se viver pela sua qualidade de vida, obtida graças à emancipação político-administrativa, às gestões públicas ou à população. No entanto, esta mesma cidade é (re) elaborada pelas narrativas de moradores. Deparei-me, então, com a identidade forjada em meio a tensões e disputas envolvendo principalmente a alteridade, aqueles que não se encaixam no modelo proposto e que reivindicam sua atuação através de suas experiências em Pato Bragado. Cada qual, de acordo com os seus interesses e de seu grupo social, faz uma leitura peculiar. Por vezes, essas leituras se entrecruzam e até mesmo se contradizem.

⁹ Utilizo o termo “municipalização” para indicar as festas que eram celebradas por um grupo e que foram ressignificadas para representar o município. São administradas pela prefeitura municipal de Pato Bragado, por meio da nomeação da Comissão Central Organizadora (CCO) que as organizam em conjunto com várias entidades do município.

Qual cidade estava sendo produzida? *Bom para morar, ótimo para investir*, assim referenciava o *calendário de eventos 2005* (figura 2), no início da gestão municipal de Normilda Koehler. A qualidade de vida ressaltada no *bom para morar* não é algo de que apenas os bragadenses *devam orgulhar-se*, mas, àqueles que vierem a residir ali, será proporcionado *vivê-la* ou *desfrutá-la*. Agregado a esta perspectiva, Pato Bragado ainda é um município em que *vale a pena investir*, pois, se é *bom para morar*, é *ótimo* para se fazer investimentos, principalmente porque “as parcerias com o poder público [...] estão produzindo resultados amplamente positivos, principalmente ao aumentar o bem-estar e melhorar a qualidade de vida da população” (*O Jornal*, março de 2008).

Num *folder* de 2001, elaborado durante o segundo mandato de Luiz Grando, lê-se que nos “projetos que visam o desenvolvimento de Pato Bragado e de sua gente há o apoio da administração municipal, o que leva os cidadãos a concluir: Bom mesmo é viver aqui” (*Folder Pato Bragado: Bom mesmo é viver aqui!* Prefeitura Municipal de Pato Bragado). Mas, é relevante frisar, não bastava simplesmente *viver* na cidade, ainda, segundo o texto, *o futuro é aqui*. Observei que não era qualquer *folder*, mas uma espécie de *caderno de divulgação* do município, pois dispunha de algumas páginas escritas em português, em espanhol e em inglês, onde destacava-se a *formação histórica* do município, cuja base está na colonização realizada pela MARIPÁ, em meados do século XX¹⁰.

Geralmente a *ocupação* de Pato Bragado é abordada através da colonização de boa parte do oeste paranaense a partir da *Compania de Maderas Del Alto Paraná*, conhecida também como Fazenda Britânia, fundada em 1906. E, em especial, pelo projeto de colonização e atuação da

10 Sobre a colonização, há inúmeros trabalhos realizados, mas reacionando-a a Pato Bragado, destaco: GREGORY, Valdir; MYSKIW, Antônio M.; GREGORY, Lúcia T. M. *Porto Britânia a Pato Bragado: memórias e histórias*. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2004; ROMER, Inge. *Emancipação de Pato Bragado*. 1998. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Colegiado de História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon; PETRY, Claudete R. A. *A “emancipação político-administrativa” de Pato Bragado – Paraná*. 1995. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Colegiado de História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.

MARIPÁ, iniciados em 1946, após a aquisição da Fazenda Britânia, na área que atualmente compreende vários municípios: Toledo, Marechal Cândido Rondon, Quatro Pontes, Maripá, Mercedes, Entre Rios do Oeste, Nova Santa Rosa e Pato Bragado. Em meio à intervenção do Estado e a nacionalização das fronteiras – que ficou conhecida como “Marcha para o Oeste” – a MARIPÁ definiu o *elemento humano*, selecionando a população que deveria ser atraída para aquele espaço. Ao agrupamento que se tornou Marechal Cândido Rondon, de onde Pato Bragado foi desmembrado no início da década de 1990, coube o estabelecimento de uma política seletiva com base na procedência religiosa e étnica, em especial luteranos e alemães (PIOVE-SANA, 2007, p. 26-57).

Deste modo, o referido *folder* frisava que *o município de Pato Bragado tem muito a oferecer. Pátria de gente trabalhadora que não mede esforços para ver o sonho de desenvolvimento se tornar realidade*. Neste sentido, o trabalho deixa de ser obrigatório e é reconhecido, segundo Róbi Schimidt, como “[...] uma virtude que possibilita a satisfação de necessidades pessoais e coletivas, pois trata-se de um valor mesclado à religião, ambos significativos para as comunidades do Oeste paranaense” (2001, p. 127). Sendo assim, Pato Bragado é fruto do trabalho realizado por sua população, que “faz a cidade” hospitaleira, próspera e ordeira (ULIANA, 2004, p.19).

As imagens não são fruto de causalidade, elas são intencionalmente construídas para projetar Pato Bragado por meio de elementos que a diferenciem, visando comercializá-la, *vendê-la* para investidores do país ou até mesmo do exterior.

Além disso, a qualidade de vida *tem sido a principal prioridade* do poder público e sua *filosofia*, tanto que o ex-prefeito Verno Scherer chegou a afirmar *vivemos num dos melhores municípios da região*, qualificando-o como *a Gramado do Paraná*, conforme publicado no jornal *O Presente*, em junho de 2004 (p. 02 e 04). Na primeira administração da cidade, correspondendo ao primeiro mandato de Luiz Grandó, a *Folha Bragadense* destacava que sua gestão estava “construindo um município onde você quer morar” (dezembro de 1995, p. 03). Não apenas os jornais, em edições especiais, ressaltaram a qualidade de vida ali existente, a *Revista Região*, em 2003, afirmou que a “qualidade de vida que foi possível alcançar deve-se à vida política e administrativa independente” (p. 04). A imprensa, principalmente em especiais que frisaram o aniversário do município, relacionava a qualidade de vida ao papel desempenhado pelas gestões municipais e ao processo de emancipação político-administrativa. Desta maneira,

o poder público, apoiado pela imprensa, lapidava a *cidade imagem*. Ao (re) inventá-la, os periódicos, fazem inúmeros recortes, e como interpreta Maria B. R. Flores, transformam-na em *cidade-colagem* produzida para *morar* e também para se *olhar* (1997, p. 67).

A moradora Eliane Barros Haag, natural de Santo Antônio do Sudoeste, Paraná, tem a percepção de parte desses valores e identifica-os, mas em sua narrativa também revela outras experiências:

é uma cidade bem planejada, limpa, muito bonita [...] É uma cidade maravilhosa [...] Eu gosto de morar na cidade, uma cidade tranquila, calma [...] Por enquanto, eu ainda pretendo ficar [*na cidade*], porque eu gosto de morar aqui. Só que a gente vai pra São Paulo, no final do ano e lá os terrenos é mais barato. Aí, quem sabe, [...] a gente vá morar lá. Só que por enquanto a gente tem que ficar aqui, porque ele [*o marido Roberto*] tem que cuidar dos pais dele. Só que lá em São Paulo, o custo de vida, eu acho que é mais barato (2007).

Eliane mora desde 2005 em Pato Bragado, mas antes residiu por dez anos em Araçatuba, São Paulo. Ao comparar estas cidades, inúmeras diferenças se sobressaíram às semelhanças. Enquanto dois espaços distintos e singulares, o município de Pato Bragado destacou-se em sua fala pelas facilidades em atendimento médico, por ser um “município pequeno” com cerca de cinco mil habitantes, ao disponibilizar *remédios e dentista de graça no posto de saúde*. Para ela, com a *geração de empregos*, a cidade está *crescendo cada vez mais*. Eliane fez vários recortes em sua narrativa, mesclou referências sobre uma Pato Bragado *planejada, limpa, calma* que produz qualidade de vida a sua população, com as dificuldades financeiras em adquirir um terreno para construir sua casa própria. Assim que se mudou para Pato Bragado, há três anos, ela se casou com Roberto, e, desde então, mora na mesma casa com o sogro e a sogra. Além dos cuidados dispensados aos idosos, Eliane e o marido trabalham numa fábrica de calçados da cidade e, diante disso, ela destacou sua vontade e a possibilidade de voltar para São Paulo, onde, segundo ela, o custo de vida seria mais barato. A construção de sua fala demonstra a maneira peculiar com que os sujeitos (re) produzem suas vivências e sua memória, e como a “cidade imagem” é por estes (re) elaborada.

De acordo com Maria B. R. Flores,

com a proliferação de imagens, estamos acostumados a enxergar a realidade num espelho, ou seja, o real se dá a ver na linguagem e no signo [...] os signos dados a ver, na produção de simulacros, aspiram ser a própria coisa e a abolir as contradições da atividade de remetimento ao passado, da reprodução, da construção (1997, p. 21-22).

Desta forma a leitura do real é vista através da linguagem e do signo, e a imagem vista no espelho não é única, mas dúbia, como visto na narrativa de Eliane. O signo nos remete à imagem que aspira ser real, assim como a imagem refletida no espelho. Ao deparar-me com determinados posicionamentos do poder público, associados ou não aos jornais, ao entrevistar alguns moradores e contemplar Pato Bragado *ao vivo e em cores*, buscava entender as engrenagens que moviam a construção da *cidade imagem*, transformada num discurso do qual analiso os sentidos produzidos, o seu *funcionamento*. (ORLANDI, 1996, p. 49). Enfatizar a qualidade de vida existente em Pato Bragado serve de base para outras construções discursivas como a do turismo.

Um cenário para o turismo

Um dos grandes destaques do município momentaneamente é o turismo gastronômico e de eventos uma vez que atrai milhares de turistas durante a Festa Nacional do Cupim Assado (em março) e da Oktoberfest (em outubro)¹¹.

Consumidos durante a Festa Nacional do Cupim Assado e da Oktoberfest, o cupim e o café colonial¹² são destaques do *turismo gastronômico e de eventos* por atraírem milhares de

11 A indústria sem chaminés. *Revista Região*, 2003, p.14.

12 O *cardápio do café colonial* é composto por tortas (de morango, frutas, chocolate e creme); bolos (de cenoura, formigueiro, requeijão, laranja, banana, abacaxi e inglês); rocamboles (de frutas, creme e chocolate); cucas recheadas (com requeijão, chocolate e cremes diversos); bolachas (de mel, melado, nata, polvilho, maisena, fubá, chocolate etc.); obskuchen (uma espécie de torta com frutas); waffer; roscas de polvilho; tortas e bolos salgados; pães (de trigo, milho, centeio, cenoura, beterraba, mandioca, frutas, espinafre e queijo); embutidos (presuntos, salames defumados e cozidos, morcela branca e negra); costelinha de porco, torresmos e patês de torresmo com alho; risoles; queijos (branco de minas, mussarela, prato e colonial); ovos quentes, azedos e mexidos; doces (mel de abelha, melado, geléias “schimias” de frutas e açúcar mascavo); requeijão; ricota; nata; margarina; manteiga; bebidas (café preto, leite puro, chocolate com leite e chás). (Cf. Cartão-postal *Oktoberfest*, produzido em 2001 e obtido junto a Prefeitura Municipal de Pato Bragado).

turistas para Pato Bragado. O turismo, um dos elementos utilizados na constituição do discurso da *cidade imagem*, foi promovido principalmente através da seleção de dois dos eventos ordenados e dispostos no calendário anual. A busca de políticas econômicas que pudessem tornar o município autossuficiente contribuiu para que houvesse investimentos no turismo e na (re) invenção das festas. A atividade foi enfatizada também no extremo-oeste do Paraná, principalmente nos municípios que estão às margens do Lago de Itaipu, conhecidos como municípios lindeiros ao Lago de Itaipu.



Fig. 4. Cartão-postal 1. Pato Bragado. Prefeitura Municipal. 2001.

Na produção da cidade imagem, para consumo, é frequente a utilização de cartões-postais montados com várias imagens. Nesse (figura 4) foram dispostas sobre uma foto aérea da cidade, imagens da arquitetura enxaimel (vista no paço municipal e no portal da cidade), da câmara de vereadores, da creche *Gotinha de Mel*, do *Projeto Piá – Luz do Futuro*, do Lago de Itaipu e dos ipês floridos da praça central do município. Assim como outros cartões-postais produzidos em

2001, esse traz imagens de um município ordenadamente construído, aparentemente planejado e constituído por *traços culturais significativos*. De acordo com Maria B. R. Flores, “[...] ao revestirem os produtos com a simbologia da cultura, tornam-os ainda mais atrativos” (1997, p. 127). É com esta *bela imagem*, projetada no cartão-postal utilizado para divulgar ou dar visibilidade a Pato Bragado, que se veicula como uma cidade sem contrastes, onde não aparecem quaisquer desalinhos, para ser *vendida* ou comercializada a quem a visualize. Deste modo, *a cidade é ela própria a mercadoria à venda* (1997, p.11).

Os recortes realizados para a construção da *cidade imagem*, através do turismo que aliava as festas e a gastronomia, também foram destacados nos periódicos que visavam consolidá-lo como um *saber fazer* bragadense. Segundo o jornal local, “a principal característica e atrativo das festas de Pato Bragado é a gastronomia, pois [...] o município tem mostrado para a região que sabe fazer turismo gastronômico. O sucesso da gastronomia local é marca registrada, por esse motivo espera-se cerca de 15 mil pessoas para os festejos...” (Folha Bragadense, janeiro de 2002, p. 06). Em virtude da Festa Nacional do Cupim Assado, que se aproximava, a *Folha Bragadense* enfatizou a gastronomia, simbolizada pelo cupim assado, como uma característica da cidade, consolidando sua *expansão*, tornando-a uma das *mais conhecidas do Paraná* (março de 2003, capa e p. 08).

A ênfase na gastronomia e nos eventos ocorreu durante a segunda administração de Luiz Grando, entre 2001-2004. Nesse período, o chefe do executivo municipal esteve inclusive na diretoria e também na presidência da Associação dos Municípios Turísticos do Estado do Paraná – AMUTUR. Além disto, houve investimentos significativos em *marketing* na elaboração do *turismo gastronômico e de eventos*, a exemplo da criação do *Cupimzinho*, de *folders*, cartões-postais, edições especiais em jornais e revistas, dentre outros. No entanto, a gastronomia também foi enfatizada nas outras gestões municipais. No último ano da gestão de Verno Scherer, em 2000, a *Folha Bragadense* destacou a *apreciação da boa comida* através da superação das expectativas na Festa do Cupim. Pato Bragado tornou-se, então, *referência obrigatória* à região (abril de 2000, capa e p.06). Durante o mandato de Normilda Koehler, em 2007, o *prato típico* do município foi preparado no programa de culinária da TV Naipi e também na TV Paraná Educativa. (*Gazeta Popular*, junho de 2007, p. 09).

A maneira como a *Folha Bragadense* destaca a importância da Festa do Cupim assemelha-se em quase todos os anos, entre 1996 e 2005¹³, pautando-se na quantidade de carne consumida e no número de visitantes que o evento costuma atrair, conforme a tabela a seguir:

ANO	CONSUMO DE CUPIM (toneladas)	PÚBLICO ESPERADO
1996	3*	12 mil
1997	3	15 mil
1998	3,5	10 mil**
1999	4*	18 mil
2000	4,5	15 mil
2001	5	15 mil
2002	X	28 mil
2003	5	16 mil**
2004	5	23 mil
2005	5,7*	20 mil

* Juntamente com cupim são consumidos outros tipos de carne.

** Estimativa para o domingo – Concurso Nacional do Cupim Assado.

“X” Número não mencionado pelo periódico.

13 Terceiro aniversário do município de Pato Bragado e VIII Festa Nacional do Cupim Assado (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 01, ed. 04, março de 1996, p. 06); Festa do Cupim (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 02, ed. 11, março/abril de 1997, p. 04); Tudo pronto para a Festa do Cupim em Pato Bragado (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 03, ed. 19, março de 1998, capa); Começam os festejos alusivos ao 6º Aniversário de Pato Bragado. (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 04, ed. 28, março de 1999, capa); Festa do Cupim apresentou resultados satisfatórios (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 04, ed. 29, abril de 1999, p.06); Preparando uma grande festa. (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 05, ed. 37, março de 2000, capa); Uma grande festa (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 06, ed. 48, março de 2001, p.05). Pato Bragado realizou a maior festa da história do município (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 06, ed. 60, abril de 2002, p. 04); Público comparece e consolida o sucesso da Festa do Cupim (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 07, ed. 70, abril de 2003, p. 04); Festa do Cupim reúne cerca de 23 mil pessoas (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 08, ed. 81, março/abril de 2004, p.04); Festa do Cupim tem novidades (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 09, ed. 91, março de 2005, p.03). Festa do Cupim é a maior da história de Pato Bragado. (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 09, ed. 92, abril de 2005, p. 07).

Distante de uma análise apenas quantitativa da festa, os dados aqui explicitados indicam que ao longo de nove anos o consumo de cupim variou de 3 a 5 mil quilos (o jornal não noticiou o consumo de 2002). Em relação ao número de visitantes, entre 12 a 28 mil, em alguns anos, como 1998 e 2003, o jornal enfatizou não apenas o público esperado para os três dias, mas a presença deste no domingo, último dia da festa e considerado como seu *ponto alto* (*Folha Bragadense*, abril de 2000, p. 06) – nesse dia é realizado o Concurso Nacional do Cupim Assado. Para o jornal local, estes números são significativos também para análise da proporção que a festa alcançou ao longo dos anos, principalmente ao traçar um paralelo com o número de habitantes de Pato Bragado, 4.631 mil¹⁴, o qual durante o evento torna-se de 3 a 5 vezes maior que o total de sua população.

Ao lado da promoção do *turismo gastronômico e de eventos*, estava o interesse em “conquistar espaço no turismo ecológico” (*Revista Região*, 2003, p. 14). Em 2003, a *Revista Região* ainda informou que Pato Bragado estava “[...] a fim de fortalecer o turismo local e divulgar as potencialidades bragadenses”. A *Revista Região*, *O Presente* e a *Folha Bragadense* noticiaram, simultaneamente, a inserção de Pato Bragado no Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu, o projeto *Roteiros Turísticos Integrados da Costa Oeste* (2003, p. 14; 10 de junho de 2003, p. 09; julho de 2003, p. 06). O periódico local apontou que tal projeto consistia na parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – e a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – e abarcaria 16 municípios lindeiros ao Lago de Itaipu, integrando-os a uma rota turística específica: “os três caminhos turísticos desde Foz do Iguaçu a Mundo Novo no Mato Grosso do Sul [...] os caminhos rurais e ecológicos, caminhos da colonização e caminho das águas [...]”. Através de estratégias de *marketing* e comercialização, propostas pela UFSC, os três roteiros temáticos da região estão incluídos nos *Caminhos: Turismo Integrado ao Lago de Itaipu*. Hoje as referências à região são canalizadas ao *Lago de Itaipu* e não à *Costa Oeste*¹⁵.

14 Contagem da população em 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 06 out. 2007.

15 Cf. informações concedidas pelo o Departamento de Estudos e Pesquisas Paraná Turismo. Disponível em: <www.pr.gov.br/turismo> e <www.turismonolagodeitaipu.com>. Acesso em 22 out. 2007.

A modificação não está apenas na nomenclatura concedida à região, mas na intensa publicidade em torno da atividade turística. Visualizei durante minha estadia em Marechal Cândido Rondon, entre 2001-2005, e em minhas idas e vindas, entre 2006-2008, muitas faixas, *outdoors*, placas, *folders* etc. Firmar o reconhecimento do logotipo dos *Caminhos* parecia primordial. Numa abordagem realizada por uma funcionária da Secretaria de Turismo (na rodoviária de Marechal Cândido Rondon, quando eu retornava daquela cidade, em outubro de 2007), ela perguntava-me sobre minha estadia, se reconhecia o logotipo e, ainda, se havia participado da XX Oktoberfest. Dias depois, constatei que esta festa também estava integrada aos *Caminhos*¹⁶. Em suma, a proposta dos *Caminhos* focaliza as áreas naturais, inclusive a modificação ocasionada pela Usina Hidrelétrica de Itaipu (águas) visando torná-las atrativas, mas também foram incluídas a história e a cultura dos municípios lindeiros.

Ainda em 2003, a *Folha Bragadense* ressaltava a necessidade de melhorar o *produto turístico* e a divulgação através de “folhetos demonstrativos, guias e Cds interativos” (julho de 2003, p. 06). A confecção destes materiais é visualizada, em 2007, na produção de mapas animados acerca da região lindeira, encontrados no *site* dos *Caminhos* e em *folders* como o seguinte: *Iguassu – Natureza, História, Cultura*.

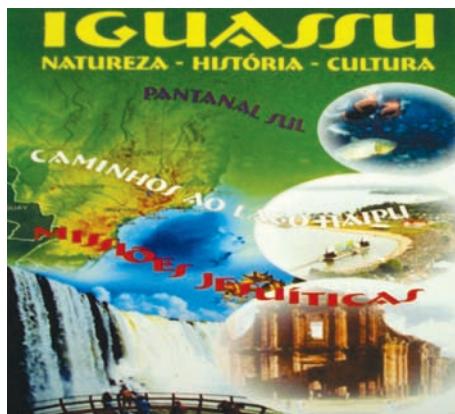


Fig. 6. Folder Iguassu: natureza, história e cultura. Prefeitura Municipal. 2007.



Fig. 7. Folder Iguassu: natureza, história e cultura. Prefeitura Municipal. 2007.

¹⁶ Disponível em: <www.turismonologodeitaipu.com>. Acesso em: 22 out. 2007.

Para além da grafia diferenciada, *Iguassu* e não *Iguaçu*, provavelmente voltada ao público internacional, o *folder* situa em referência local, regional e mundial, os *Caminhos ao Lago de Itaipu* como integrados a outros *pontos turísticos* do país, de um lado o destaque ao Pantanal Sul, em Mato Grosso do Sul, e, de outro, às Missões Jesuíticas, no Rio Grande do Sul. Ligar os municípios lindeiros pela proximidade a outros pontos estimularia o reconhecimento da região e influenciaria os turistas a conhecê-la e/ou visitá-las em conjunto, pois fazem parte da mesma rota.

No site dos *Caminhos*, ao abrir o mapa interativo, barcos e carros movimentavam-se ao longo da indicação dos municípios pelos quais transitavam, mostrando *os caminhos* ao Pantanal e a *Missiones*, tanto pela água, quanto pela rodovia. No mapa visualiza-se ainda toda a região lindeira, por meio de *links* específicos acessam-se as 16 cidades, incluindo os principais atrativos turísticos de cada uma delas. A Pato Bragado é reservada a ênfase à *cultura alemã*, presente no cotidiano das pessoas, na culinária e na arquitetura, como frutos da colonização.

Pato Bragado é destaque por sua arquitetura enxaimel, herança dos primeiros imigrantes alemães que vieram dos Estados vizinhos (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) para residirem na região. A cultura alemã está também presente na culinária através de pães, doces e biscoitos e pratos salgados preparados com salsichas, marrecos e suínos. Pato Bragado tem uma praia artificial para a visitação turística. Venha, veja e encante-se¹⁷.

Além do modo interativo, despertou-me interesse a forma como aqueles que o visualizavam eram *convidados a conhecerem* a cidade, pois o objetivo, ao visitar Pato Bragado, era *encantar-se*. A cidade ganha contornos especiais, uma espécie de aura, a qual corresponderia ao deslumbramento e ao encanto dos turistas que viessem e veriam com seus próprios olhos a arquitetura, experimentar a culinária e também visitariam a praia artificial, desfrutando daquilo que *folders* e o *site* anunciavam. Desta forma,

17 Mapas animados. Disponível em: <<http://www.turismonolagodeitaipu.com/modules/lago/site/mapa-animado.php>>. Acesso em: 22 out. 2007. Informações semelhantes estiveram presentes no *site* <www.portal-dacostaeste.com.br/municipio/index.asp?cidade=4>. Contudo, neste último as referências direcionavam-se à Oktoberfest (ULIANA, 2004, p. 21).

feita para ser contemplada, sua imagem é enquadrada num espelho. Presa na moldura deve eliminar suas rugas, suas manchas, seus desalinhos. O feio não se mira no espelho. Somente o belo contempla a sua imagem e se deixa fotografar para a sua reprodução. A cultura turística é a cultura fotogênica (FLORES, 1997, p. 96).

Cabe frisar que nenhuma das festas realizadas na cidade é destacada naquele mapa. No entanto, a XX Festa Nacional do Cupim foi destaque, em um *web banner*, na página inicial do site, enfocando os *eventos* em março de 2008¹⁸. A Oktoberfest, considerada um dos símbolos da *cultura germânica bragadense*, no site do projeto é *feira típica* de Marechal Cândido Rondon¹⁹.

Ao invés das festas, o mapa visualizado no site enfatizou *a praia artificial para a visitação turística*, como incentivo ao turismo ecológico. Todavia, a praia ainda é pouco frequentada, de acordo com alguns municípios de Pato Bragado. Eliane Barros Hagg (2007) destacou: “a gente vai pra prainha de Entre Rios [...] a gente não sai muito aqui na cidade”. Assim como Eliane, muitos preferem se deslocar aos municípios vizinhos. Uma das justificativas para isto consistiria na pouca estrutura, visto que nem todos os municípios investem nas *prainhas* como atrativo principal da cidade. Para Manoel Lauro de Oliveira, a atividade turística ainda é muito incipiente, não apenas em Pato Bragado, mas em outros municípios do extremo-oeste paranaense:

O turismo na nossa região, o Oeste, eu acho que está ainda muito a desejar, apesar da potencialidade que tem. Não tem sido assim, investido, na parte do turismo para atrair pessoas, porque a gente vê que as pessoas vão pro nordeste, pra outras regiões [...] Nós não temos, aqui em Pato Bragado, não temos um hotel que possa atender uma demanda de 20, 30, 40 turistas de uma vez [...] Em outros municípios, em Entre Rios, também não tem e, ali já tem uma prainha, Santa Helena também que é maior [...] Então falta investir bastante na área do turismo [...] Agora, eu creio assim que o foco está sendo

18 Disponível em: <<http://www.caminhositaipu.com.br/modules/lago/site/>>. Acesso em: 11 mar. 2008.

19 Mapas animados. Disponível em: <<http://www.turismonolagodeitaipu.com/modules/lago/site/mapa-animado.php>>. Acesso em: 22 out. 2007. No mapa, “Marechal Cândido Rondon destaca-se na região por sua festa típica: a Oktoberfest e, pelos torneios realizados anualmente – *Torneio de Pesca Esportiva ao Tucunaré* – no Lago de Itaipu. A cidade conta também com uma indústria de chopp artesanal em que se pode saborear a bebida direto da fábrica. Venha pescar e festejar”.

desviado, porque não vai ser com festas que vai atrair turistas [...] Fazem estas festas mais [...] Termina o quê? Muito mais, às vezes, despesa para o município, do que lucro. Porque são dois ou três dias, por exemplo, a Festa do Cupim são três noites e dois dias, mas o município investe [...] Mas não é turismo é apenas uma festa. As pessoas vêm já com um roteiro, vão lá no parque de exposição, só lá. Mas o município tem outras coisas a mostrar a essas pessoas. Isso só poderá acontecer se o município investir no turismo mesmo (OLIVEIRA, 2007).

Num primeiro momento, o morador destaca a falta de investimentos no turismo, a começar pela infraestrutura necessária, tanto em Pato Bragado como nas demais cidades. Este é um dos fatores pelo qual o turista, segundo ele, ainda se destina a outras regiões. Num segundo momento, ressalta a possibilidade de exploração do turismo, se houver investimentos maciços por parte do poder público. Sua narrativa ainda se contrapõe à promoção do turismo através das festas. Manoel acredita que estas não trazem turistas para conhecer o município e, desta forma, não trazem lucratividade significativa à cidade, causando inclusive prejuízos.

Assim como em Santa Catarina, os investimentos no turismo em Pato Bragado e região foram pensados como uma *indústria sem chaminés*. Para Maria B. R. Flores, o

termo que nos países desenvolvidos definia uma atividade que era considerada de baixo impacto ambiental, é idéia que vem sendo questionada com muita ênfase pelos ambientalistas, que denunciam os impactos da especulação imobiliária e da superexploração de praias e recantos turísticos (1997, p. 114).

Sob a ótica da *indústria sem chaminés*, o prefeito Luiz Grando afirmou, em 2003: “[...] será desenvolvido um trabalho rápido de integração do turismo na Costa Oeste, uma vez que o turismo é uma indústria que não polui e gera uma das maiores rendas do mundo” (*Folha Bragadense*, julho de 2003, p. 06). Trata-se de uma situação semelhante ao caso de Santa Catarina na década de 1980, no qual “[...] os discursos oficiais passaram a incluir o turismo como uma das fontes de atração e investimento, como uma das saídas para os impasses econômicos” (FLORES, 1997, p. 114 e 117). Lá, o enfoque dirigiu-se à *diversidade cultural e histórica* em meio à multiplicação das festas municipais por todo o Estado, como as de outubro, em conjunto com a diversidade *topográfica, climática e vegetal*, como referenciou Maria B. R. Flores (1997, p. 160).

Investir no turismo tornar-se-ia uma medida adotada para “gerar renda”, não apenas a Pato Bragado, mas àqueles que, como este município, tinham na agricultura e nos *royalties* suas principais fontes de sustentação. Com o dólar em alta – naquele período os *royalties* equivaliam a um valor maior em reais – inúmeras áreas tiveram incentivos ou investimentos por parte do poder público. Assim, o turismo foi visualizado como uma política econômica a ser implantada na Costa Oeste. O desenvolvimento da atividade turística é qualificado como uma atividade lucrativa e não poluente, pois se comercializa natureza, cultura, história, através dos três caminhos (águas, colonização, rurais e ecológicos). Culinária, festas, praias artificiais, dentre outros, transformam-se em “mercadorias” específicas para serem comercializadas.

De acordo com o *folder* obtido na prefeitura municipal de Pato Bragado, em 2007, TURISMO significa: *Movimento da economia*. Este ainda “[...] é o caminho do desenvolvimento com bases sólidas nas pessoas, para a família e para toda a comunidade”²⁰. Aliar turismo e sustentabilidade ainda é considerado como paradigma (JÚNIOR e BARRETO, 2001). A atividade turística, segundo a visão antropológica, envolve não apenas o aspecto econômico, mas é voltada também ao social e ambiental. Como apontou Manoel, em sua narrativa, o turismo em Pato Bragado necessita de reformulações, a começar pelo enfoque concedido pelo poder público às festas. Além disso, Manoel destacou algumas modificações numa festa em especial, a Oktoberfest, um dos símbolos da germanidade em Pato Bragado, e um dos elementos que compõem a *cidade imagem* que problematizo a seguir.

A germanidade: uma identidade hegemônica?

Apesar que ainda a maioria dos habitantes aqui é de origem alemã, a gente sabe que existe também uma certa rivalidade entre os descendentes alemães [...] polonês, os italianos aqui na região. As festas, aqui em Pato Bragado [...] são, todas elas, praticamente de origem alemã [...] Gira em torno da descendência germânica e, isso ainda **a gente percebe que existe aqui um grupo fechado [...] Principalmente para os adultos [...] acho, que tem que ser mudado, mas alguém tem que dar um início, pra que haja essa integração [...]**

20 Folder *TURISMO* obtido junto à prefeitura municipal de Pato Bragado, em outubro de 2007. A frase acompanha fotos de sacos abarrotados de barras de ouro, reais, dólares e moedas, juntamente com a logomarca dos *Caminhos*.

Não há porque [...] excluir alguém que não é de descendência alemã participar de uma festa, não é?! Por que de repente ele sabe dançar até melhor [...] que o outro né?! [risos] de descendência germânica. Assim não é ainda uma festa com o objetivo de integração. É apenas de preservação de uma cultura específica e, sendo o Brasil um país com várias raças [...]. Creio que deveria ser bem mais aberto (OLIVEIRA, 2007. Grifos meus).

O analista do discurso, assim como o hermenêuta, de acordo com Domingue Maingueneau, “[...] supõe que um sentido oculto deve ser captado [...]”. (1989, p.10-11). Segundo o autor, o oculto é entendido a partir daquilo que está explícito. Na análise do discurso da *cidade imagem* busco aquilo que está implícito e aparentemente não é visto, como, por exemplo, fissuras observadas em embates envolvendo a germanidade e o *reconhecimento do outro*²¹. Sobretudo, tensões entre *alemães*, termo atribuído àqueles que assim se autodenominam, ou àqueles que afirmam ter descendência *alemã*, mas que geralmente são migrantes ou até filhos de migrantes catarinenses e sul-rio-grandenses, e os *não alemães*, que são aqueles que não apenas se opõem, mas que, assim como os *alemães*, reivindicam espaços na cidade e se fazem visíveis, como apontou Manoel.

Natural de Vila Bela, Mato Grosso, e residente em Pato Bragado desde 1998, para Manoel cabem considerações a respeito das festas, em especial da Oktoberfest, pois os *não alemães* são *excluídos*, diante de um *grupo fechado* que não abre espaço à integração. Estes podem até *dançar melhor que um alemão*, mas durante o evento, por exemplo, Manoel não vê negro, assim como ele, apresentando-se e até mesmo compondo os grupos de dança folclórica alemã. Em sua narrativa, ele se vê como um *não alemão*, ao reconhecer sua negritude. Manoel busca fazer-se visível através de uma *política de reconhecimento* (HALL, 2003, p. 46), reivindicando integração, defendendo a valorização da diversidade cultural existente no Brasil e também na cidade em que mora.

21 O Outro no sentido do “outrem”, sem adentrar na existência de “outros em si mesmo”. Sobre o tema ver: TODOROV, Tzvetan. A questão do Outro. *A Conquista da América*. Martins Fontes: São Paulo, 1998, p. 03-47; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 09-113; SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-119; BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas* São Paulo: Edusp, 1998, p. 85-126.

Para Maria B. R. Flores,

as festas, de maneira geral, caracterizam-se pela repetição, pela sua particularidade em reunir a coletividade, pelo momento de exacerbação da vida social. **Elas podem ser o lugar de bodes expiatórios, dos conflitos, das exclusões, de controle, de disciplina, educação e reforma do povo, bem como de resistência a todos esses processos.** (1997, p. 42. Grifos meus).

Na entrevista, Manoel considera que a festa caracteriza-se pelos conflitos, pela exclusão e resistência. São tensões que o envolvem enquanto negro, junto a *certa rivalidade* entre *poloneses, italianos e alemães*, e estão impressas numa maioria de *origem alemã* que busca se afirmar diante daqueles que *não são de descendência alemã*.

A alteridade construída a partir da diferenciação *alemão/não alemão* colabora para a construção de identidades, mas, ao mesmo tempo, gera embates e disputas pautadas por sentimentos de pertencimento à cidade e reivindicação de espaços exclusivos que contribuem para a tentativa de homogeneização, que acaba por ocasionar exclusão daqueles que têm menos representatividade e força política dentro da cidade.

Esses embates e disputas Pierre Bourdieu denominou de *lutas de representação*. A *produção e imposição* de representações do mundo social implicam “no fazer e no desfazer dos grupos, produzindo, reproduzindo ou destruindo as representações que tornam visíveis esses grupos perante eles mesmos e aos demais”. (1998, p. 117). Tais lutas vinculam-se a *encenações do real*, ao *real* construído por determinados grupos sociais que, com interesses específicos, convivem em “luta permanentemente para definir a ‘realidade’” (BOURDIEU, 1998, p. 112). Os embates que se estabelecem entre alguns grupos que buscam afirmar-se perante eles próprios e aos demais, não se restringem apenas aos evidenciados por Manoel, mas também estão presentes na fala de outras pessoas ou nas páginas dos jornais. Há ainda os embates envolvendo aqueles que se reconhecem como *gaúchos paranaenses*²².

²² Denominação conferida por alguns membros do CTG Sepé Tiaraju a si próprios. Há ainda menções no Movimento Tradicionalista do Paraná – MTG-PR e também na imprensa. É utilizada ainda para a diferenciação daqueles nascidos no Rio Grande do Sul, considerados como “gaúchos”.

Boa parte das disputas entre *gaúchos paranaenses* e *alemães* se expressa entre os grupos de danças folclóricas. Estes constituem grupos com integrantes de diferentes idades, reunindo desde crianças até idosos²³, diferentemente do grupo *Artes de Viver*, que reúne apenas crianças e adolescentes em vários estilos (clássico, *jazz*, *street*, *country*, árabe etc.). As disputas envolvem sobretudo apoio e incentivo financeiro concedido pelo poder público municipal, e são acentuadas devido às ligações entre sujeitos que ocupam espaços diversos, como o CTG, a prefeitura municipal e o jornal local. Há também a divulgação através dos jornais e as identificações proporcionadas por estes à cidade, ora *gaúcha* ora *alemã*. Todavia, cabe frisar que estes não são grupos homogêneos, pois são compostos por *sujeitos híbridos* (CANCLINI, 2006), *homens traduzidos*, (HALL, 1997), a exemplo de Eduardo Henrique Wolff, que (re) apropriou-se de elementos presentes no grupo de danças folclóricas alemão e a Invernada Artística do CTG Sepé Tiaraju, quando integrava a ambos, em 2004 (ULIANA, 2004, p. 30).

Sobre a germanidade presente em Pato Bragado, existem posições peculiares e distintas entre moradores do município. Alguns, por exemplo, afirmaram *desconhecer* ou até mesmo *inexistir* pessoas na cidade que não fossem oriundas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ou descendentes de *alemães*. Deparei-me com tais afirmações em narrativas de integrantes do CTG por ocasião do meu trabalho de pesquisa anterior²⁴. No entanto, este *estranhamento* possibilitaria maiores indagações, tais como: por que os *não alemães* não eram mencionados? Quais

23 O grupo de dança da Invernada Artística (birivas, folclóricas e tradicionais) do CTG envolve 100 participantes na categorias mirim (até 12 anos), juvenil (até 17 anos) e adulta (acima de 17). (Cf. Família Telles e a Invernada Artística. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 07, ed. 74, agosto de 2003, p. 13). E os grupos municipais de dança folclórica alemã envolvem cerca de 60 participantes entre o juvenil (Sonnenblume – Girassol, fundado em 2000, integrantes de 14 a 17 anos), o adulto (Fortshritt Ohne Grenzen – Progresso sem Fronteiras, fundado em 1996, integrantes de 18 a 21 anos) e o da terceira idade (Leben Spur Tans Gruppe – Rastro da Vida). (Cf. Grupo de danças demonstram seu potencial. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 07, ed. 74, agosto de 2003, p. 12). (Cf. também Trabalho das secretarias. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 08, ed. 76, outubro de 2003, p.15).

24 A pesquisa a que me refiro é o Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2004, em que analisei a cultura tradicionalista na cidade de Pato Bragado, Paraná, através do Centro de Tradições Gaúchas Sepé Tiaraju, e por ocasião parte das entrevistas ocorreram com migrantes sulistas, em especial do Rio Grande do Sul.

eram os motivos? Haveria “grupos e indivíduos que ocupam posições de poder e prestígio, os estabelecidos e, o estranho, o forasteiro, os outsiders?” (ELIAS, 2000).

Aos poucos constituiu ligações que me permitiram encontrar mato-grossenses, acreanos, paranaenses de diversas regiões do estado, e também aqueles *da fronteira*. Pato Bragado está situada na fronteira política Brasil-Paraguai via Lago de Itaipu, como mostra o mapa a seguir, e os *da fronteira* são os nascidos nesta região entre Brasil-Paraguai, ou vindos da Argentina, e que residiam neste local há 4, 5 ou 6 décadas.

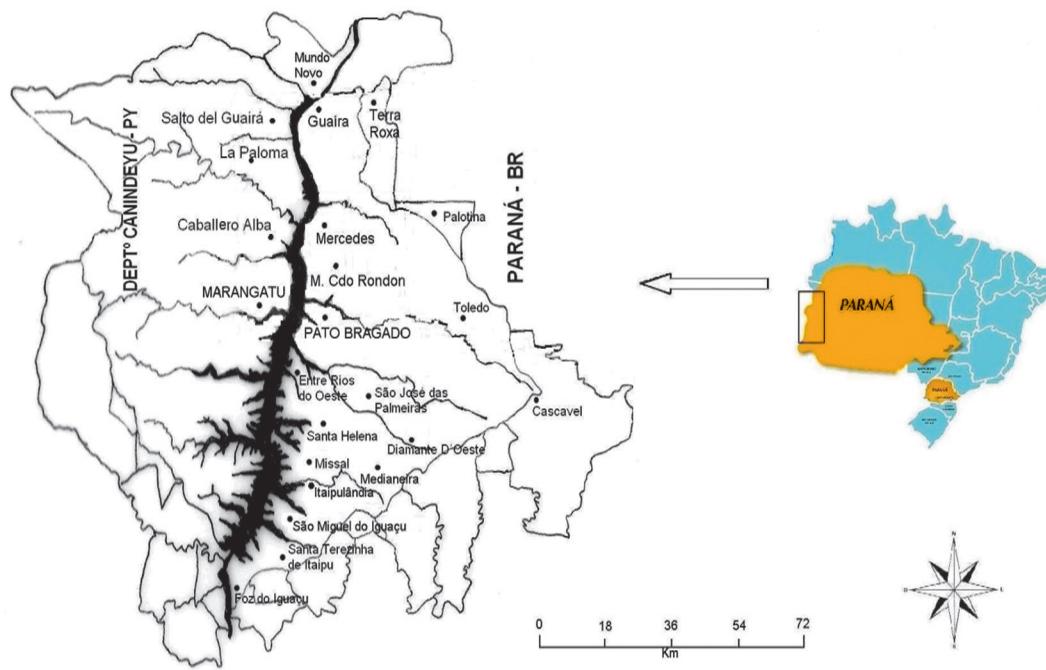


Fig. 8 Mapa que situa Pato Bragado (Paraná – BR) e Marangatu (Deptº Canindeyu – PY).
Organizado por Antônio M. Myskiw e Leandro Baller.

Assim, os *estabelecidos* em Pato Bragado diferiam dos da pesquisa de Norbert Elias. Em *Winston Parva a minoria dos melhores*, os *estabelecidos* firmavam seu poder e distinção *no princípio da antiguidade*, ou seja, moravam no local há “muito antes que os outros [...]” (2000, p. 07),

os chamados *outsiders*. Em Pato Bragado, os *estabelecidos*, ditos *alemães*, reivindicam para si o *princípio da antiguidade*, pautando-se na colonização realizada pela MARIPÁ como discurso fundador da cidade, obscurecendo assim a presença e existência dos moradores *da fronteira*. Seu poder é firmado ainda na ênfase ao *colono desbravador* ou ao *espírito bandeirante do pioneiro sulista*, considerando-se não a minoria, mas a grande parcela da população. Deste modo, questiona-se a ausência daqueles que nasceram neste espaço de fronteira e residiam ali muito antes da MARIPÁ, bem como daqueles que migraram e imigraram no decorrer daquela colonização, após o desmembramento de Marechal Cândido Rondon e a emancipação político-administrativa, e que ainda deslocam-se a Pato Bragado.

Tais aspectos foram fundamentais para a problematização da paisagem social que se vivenciava. Ao lado da autoafirmação de uma *cidade germânica*, barreiras e *estranhamentos* foram frequentemente mencionadas nas narrativas. A singularidade de cada fala ou vivência frisou a relevância da *cultura germânica* no município, outras, porém, demonstravam incômodo com a ênfase demasiada e buscavam *maior abertura e incentivos a outras culturas*.

Adejandre Bolsoni, natural de Bituruna, Paraná, residente em Pato Bragado desde 1996, destacou a importância da cidade e da região ser identificada por uma *cultura*. Ele comparou a *cultura germânica* como *vitrine* de Pato Bragado e do Oeste paranaense, ao relacioná-la aos *italianos* e a *cultura do vinho e da uva*, no município e na região sul do Paraná, onde viveu parte de sua vida. Assim afirmou:

chegando no Oeste do Paraná, uma região germânica [...] tem encantado com o folclore, com as tradições do germanismo [*as pessoas que são de outras regiões do Paraná*]. E, eu acho que é muito importante [...] As culturas dos povos são muito interessantes e [...] cada região [...] cada município deve ter sim sua cultura (BOLSONI, 2007).

Para ele o *germanismo* deve ser ressaltado, pois identifica o Oeste paranaense, e, além disso, *tem encantado* aqueles que *vêm de fora*, assim como ele quando migrou para a cidade. A imagem específica proporcionada ao município e à região está atrelada à cultura, e é também delimitada pelas fronteiras políticas, diferenciando-as das demais.

Ao mesmo tempo em que afirmou a relevância em identificar Pato Bragado pela *tradição germânica*, Adejandre frisou também as dificuldades sentidas *ao chegar* no município:

No começo, as dificuldades foram tantas que tu nem imagina a quantidade [...] **Você não era conhecido na cidade.** Os alemães aqui têm uma cultura [...] **A tradição deles, pra quem vêm de fora [...] não abrem muito o sorriso, são mais fechados.** Então tivemos toda essas dificuldades [...] de crédito, de pessoas, de trabalhador pra trabalhar conosco porque tinham medo que nós não conseguiríamos pagar o salário em dia. Então, mas tudo isso foi passando, nós fomos melhorando (2007. Grifos meus).

Assim como Manoel, Adejandre também considerou os alemães como um *grupo fechado* (não através da Oktoberfest como citou Manoel), mas quando migrou para a cidade e ali iniciou a administração de uma indústria de calçados. Destacou que a dificuldade de crédito e de trabalhadores deu-se por *não ser conhecido na cidade* e por *ser de fora*, um *não alemão*. Em pouco mais de uma década Adejandre constituiu família, estabilizou as contas da empresa e frizou: *fomos melhorando*. A postura de empresário de sucesso, tornou-o reconhecido, sentindo-se respeitado e *contente por estar em Pato Bragado*. Atualmente, Adejandre não precisa reivindicar espaço, pois já o conquistou. Manoel e Adejandre reconhecem dificuldades ao terem migrado para a cidade, no entanto, suas vivências e experiências são bem distintas. Manoel enfatizou que ainda há *barreiras* na atualidade, situou-as na festa e ao se reconhecer como negro, pois precisou, através de *seus atos, merecer* ou *conquistar confiança* dos alemães.

No sul, talvez pela descendência europeia, tenha essa certa resistência [...] a receptividade às pessoas, principalmente, se for de outra raça [...] cultura. Até que de repente essas pessoas adquiram, tenham confiança. Então elas começam a se abrir, mas enquanto isso não acontece [...] **a gente tem que, através dos nossos atos, demonstrar que a gente pode merecer a confiança deles. Também, conquistar, na verdade, seria conquistar a confiança** (OLIVEIRA, 2007. Grifos meus).

Manoel afirma que passou a residir em Pato Bragado, em 1998, em função do ministério (ele e a esposa são pastores da Igreja Batista). Ele ingressou no seminário em Ijuí, Rio Grande do Sul, na década de 1980, onde se formou em Teologia. Foi também em Ijuí que conheceu sua mulher, e como ela era natural de Pato Bragado, ali se casou, anos depois. Casado, migrou para Rondônia, depois para o Mato Grosso, à cidade em que Manoel nasceu. No final da década de 1990, veio residir em Pato Bragado com a esposa e filhos. A partir de

sua trajetória de vida, apontou as diferenças do *pessoal do sul* e aqueles *pelo menos da região que trabalhou*, não apenas em relação à *receptividade*, mas da *cultura germânica não ter confiança* nos demais, sobretudo *se for de outra raça*. Em sua narrativa foi cauteloso, destacou a existência do “estranhamento”, embora afirme que não *sofreu preconceito racial*.

De acordo com Thomaz T. da Silva, identidade e diferença são inseparáveis, são “[...] resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (2000, p. 75 e 81). Social e culturalmente produzidas, não *emergem ao natural*, por isso são questionáveis. Ambas estão imbricadas por relações de poder: “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81). Ao considerar que identidade e diferença estão imbricadas uma a outra, aqui não está em jogo a análise de um binarismo estabelecido ou reconhecido como os *alemães* e os *não alemães*, mas sim o questionamento à identidade e à diferença enquanto relação de poder permanente. A identidade não é fixa, mas é desestabilizada por aquilo que deixa de fora (SILVA, 2000, p. 83 e 111). Neste sentido há um *descompasso* entre a *cidade imagem*, germânica e hospitaleira, e a maneira como alguns migrantes foram *receptionados*. A *cidade imagem* é por estes, desconstruída e (re) elaborada.

As tensões entre os *alemães* e *não alemães* se dão em torno das disputas pelo equilíbrio de poder (ELIAS, 2000, p. 37). De forma permanente e constante, os embates persistem. Transcorrida mais de uma década que Adejandre e Manoel residem em Pato Bragado, elementos semelhantes foram mencionados na narrativa de Francielli Pirolli da Silva. Ao migrar da cidade de Toledo, Oeste do Paraná, há pouco mais de um ano, a *recente moradora* afirmou ter percebido *um estranhamento* visto no *olhar diferente* por *ser morena*. Considerando-se *não alemã*, ela contou:

Aqui o pessoal é de origem alemã, né? E eu sou morena [...] Tipo por eu ser morena, você passa na rua e o pessoal olha [...] Tá escrito na tua testa que tu não é daqui [...] No começo [...] Não tive preconceito enquanto isso, mas [...] Você percebe que o pessoal te olha diferente [...] Eles não falam, mas você percebe. Há um estranhamento. Assim, até eu brinco muito e eles falam que eu falo arrastado, aí eu falo assim: **“Não são eu que falo arrastado são vocês que falam puxado”** [...] Essas coisas assim. Não sofri preconceito e não espero que isso aconteça. **E o tanto de chimarrão que eles tomam!**

Porque toda hora eles tomam chimarrão, toda hora e, eu não consigo e eu não sei como é que consegue, mas [...] é uma questão de cultura (2007. Grifos meus).

Em meio aos *estranhamentos sentidos*, Francielli é reconhecida como *alguém de fora*. Percebeu isso na maneira como algumas pessoas da cidade a olham; ela diz que a *cor da pele* a identifica como *não pertencente à cidade*: “tá escrito na tua testa que tu não é daqui, ou então porque é uma cidade pequena e quase todo mundo conhece todo mundo”. Apesar de declarar que é *uma questão de cultura*, Francielli visualizou a produção do estigma (ELIAS, 2000, p. 24), em ser percebida ou perceber-se como diferente, mas ela também o rebate, ao contra-argumentar com o *excesso de chimarrão* e pelo *falar puxado*. Sua narrativa buscou equilibrar forças, fazendo-se atuante nos espaços que ocupa, tanto na cidade quanto na escola onde trabalha. Em sua fala, ela ressaltou que veio para Pato Bragado em virtude do trabalho. A ausência da família, dos amigos e do namorado implica no retorno a Toledo praticamente todos os fins de semana e feriados. O *estranhamento* e as dificuldades em residir pela primeira vez *fora de casa*, aos 23 anos, revelavam não estar *adaptada plenamente à cidade*, havendo ainda a possibilidade de ali não permanecer.

Neste sentido, a produção de uma *cidade imagem*, dita *germânica*, sob a perspectiva de uma população aparentemente homogênea, é utilizada para encobrir a pluralidade, ou os *outros* existentes no município. Há uma luta permanente entre grupos, e a naturalização e negação das diferenças são utilizadas para manter a unidade do grupo *predominante*, legitimar determinado discurso e a identidade e memória reservada por este a Pato Bragado.

Sobre a memória coletiva, diz Jacques Le Goff:

[...] foi posta em jogo de forma importante **na luta das forças sociais pelo poder**. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. **Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação de memória coletiva** (1996, p. 426. Grifos meus).

Cabe frisar, neste momento, dois elementos citados por Jacques Le Goff. Primeiro, a memória coletiva enquanto *instrumento e objeto de poder* (1996, p. 476), revelando os conflitos e as disputas entre os grupos sociais existentes na cidade. Segundo, os esquecimentos,

silêncios e omissões deliberadas enquanto mecanismos de manipulação da memória coletiva. Como enunciado por Michel Pollak, “nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (1992, p. 203), a memória é seletiva em sua natureza. No entanto, quando preferimos *colocar uma pedra em cima* de momentos dolorosos, ou não agradáveis, por exemplo, *queremos* ou *desejamos* esquecê-los. *Deixar algo de lado*, ocultá-lo, silenciá-lo, também implica numa seleção, voluntária e não natural, pois escolhemos determinados aspectos em detrimento de outros. Ao recordá-los, manipulamos a memória, reconstruindo-a.

Diz ainda Jacques Le Goff: “a memória é um elemento essencial do que costuma chamar de identidade, individual ou coletiva [...]” (1996, p. 476). Neste sentido, a memória e a identidade imbricam-se num campo de negociação e estão relacionadas à construção de uma imagem de si e ao mesmo tempo de uma imagem do *outro*. São valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, como afirmou Michel Pollak²⁵. Em Pato Bragado, isto é visto nas tensões, por vezes canalizadas, nos grupos que lutam entre si, defendendo o seu próprio discurso, desqualificando o *outro*, ou o *não alemão*, e até mesmo ignorando a presença ou existência de negros, paraguaios, argentinos ou seus descendentes. Embora presentes, são considerados *invisíveis* por parte da população, que *faz de conta que não os veem* como moradores da cidade.

Em Pato Bragado, essas escolhas e seleções, apresentadas pelos agentes que as elaboram, tentaram legitimar um discurso único e assemelham-se à construção das identidades nacionais no século XIX, fundamentadas em elementos comuns e no pressuposto de uma *comunidade imaginada* que identificasse toda a nação²⁶. Entretanto, como aponta Stuart Hall, não deveríamos pensar nas identidades nacionais como unificadas, pois são entrecruzadas por várias

25 POLLAK, 1992, p. 204 e 205. Este “outro” pode ser “externo ou interno”, isto é, as “negociações” dão-se através das relações com outras pessoas em meio à sociedade, que neste momento estou mencionando e que o autor chama de “sujeito sociológico”. Stuart Hall intitula de “sujeito pós-moderno”, ao assumir não apenas uma, mas várias identidades dependendo da circunstância. Hall defende ainda o colapso das identidades modernas (Estado-Nação) para assentar a crise de identidade na pós-modernidade, momento em que a identidade encontrar-se-ia descentrada, ou seja, deslocada ou fragmentada (HALL, 1997, p.08). Para a discussão do “outro”, Todorov (1993, p.107-141) e Bauman (1999, p. 09-113) referenciam-no em seus trabalhos reportando-se ao século XIX e estão inseridos na construção do Estado-Nação.

26 Cf. Anderson, 1989, p. 10-56. Ver também Chauí, 2000, p. 16-19 e Hobsbawm, 1990.

divisões e diferenças e unificadas apenas “no exercício de formas diferentes do poder cultural” (HALL, 1998, p. 47). Deste modo, para ele a identidade *é definida historicamente* (HALL, 1997, p. 12-13) e a construção desta ocorre em meio a ocultações. Parte destes *silêncios* estão presentes nas vivências, nas experiências das pessoas entrevistadas, quando elas rompem ou (re) elaboram o discurso proposto. A cidade, a identidade e a memória não se constroem de maneira harmoniosa, mas envolvidas em conflitos entre grupos, e, por vezes, no cotidiano, como vivenciou Francielli, ou expressas nas festas, como apontou Manoel. As festas, objeto de análise a seguir, a Oktoberfest e a Festa Nacional do Cupim Assado, não surgiram em função do *turismo gastronômico e de eventos*, mas foram (re) criadas para assumir outros sentidos.

A festa enquanto *maquinaria*

A que fins a festa deve servir? [...] essa é uma reflexão essencial para quem cria festas. Mas o leitor dessas festas permanece com a dúvida: a utilidade é um elemento suficiente para a compreensão? Mesmo nas festas mais estritamente relacionadas por seus autores com uma pedagogia [...] não existe, todavia, uma superabundância de sentidos? (OZOUE, 1995, p. 223).

A festa é uma dócil maquinaria, pronta para ser montada e desmontada num abrir e fechar de olhos, tendo em vista as necessidades da causa. (OZOUE, 1995, p. 224).

A partir das interrogações realizadas por Mona Ozouf, para a compreensão da festa sob a Revolução Francesa, analiso, entre as inúmeras festas promovidas em Pato Bragado, a Oktoberfest e a Festa Nacional do Cupim Assado, pois foram (re) fabricadas ao serem municipalizadas pelo poder público, a primeira em 1997 e a segunda em 1993. Neste sentido, trato as festas enquanto *maquinaria*, pois as mesmas são objeto de operação de montagem e desmontagem. Considerando a *superabundância de sentidos*, observo os que *criam* e os *leitores* que a interpretam, a começar pela Oktoberfest.

Das várias festas alemãs à Oktoberfest

A Oktoberfest, em meio a montagens, foi (re) fabricada. Apoiando-se no *turismo gastronômico e de eventos* e em estratégias de *marketing*, a *cidade imagem* (re) produzia-se. A festa

assumiu outros fins e sentidos variados, sobretudo pelos *leitores*, aqueles sujeitos que a visualizam, mas também atuam na sua feitura.

Produzido em 2006, o *folder* a seguir destaca-se não apenas pela cor marcante, mas por várias fotos e pelo *convite especial* que enunciava. O vermelho representava uma outra administração, mas os elementos ali presentes não eram tão distintos das anteriores, em relação ao *marketing* empregado sobre duas festas, à natureza de Pato Bragado, assim como sobre a própria cidade. Num primeiro momento, destacam-se dois eventos, com datas previamente estabelecidas, terceiro final de semana de março, a *Festa Nacional do Cupim Assado*, na qual o *prato típico* tornou-se o *Cupimzinho*. Abaixo, no mesmo *folder* destacam-se o *café colonial* e a *Oktoberfest*, realizada no segundo final de semana de outubro. Ao lado das referências aos eventos, há mais fotos, dessa vez da arquitetura em estilo enxaimel, associada à germanidade, vista na fachada da *prefeitura municipal* e do *portal do município*, *cartões-postais da cidade*, além da vista aérea do *parque de exposições* repleto de carros.

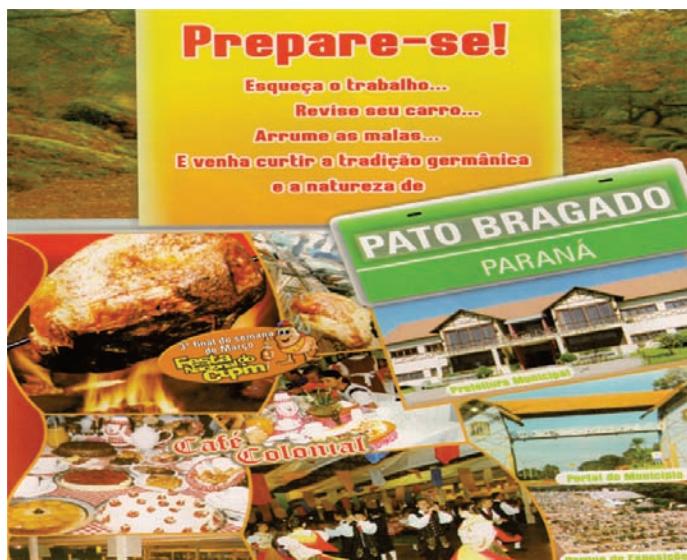


Fig. 9. Folder Prepare-se! Prefeitura Municipal. 2006.

O *convite* chama atenção para algo que estava por vir, para que aqueles que o lessem estivessem de sobreaviso: *Prepare-se!* Logo em seguida, advertia para negar o *stress* diário e nem pense em trabalho, *esqueça-o*. Deste modo, apenas *revise seu carro e arrume as malas e venha curtir a tradição germânica e a natureza*, não de qualquer lugar, mas *de Pato Bragado – Paraná*.

Ao imbricarem-se visual e verbal, a *cidade imagem* é (re) produzida pela gestão municipal dita de oposição, estimulando a visitá-la, conhecê-la, desfrutá-la e também consumi-la, exatamente como fizeram as administrações anteriores.

Sobre este aspecto, recorro ao trabalho de Maria B. R. Flores e Cristina S. Wolff, as quais enfatizam a recriação de festas municipais e a sua utilização em meio à sociedade contemporânea, pois são, em sua maioria, voltadas ao consumo ou à mercadorização da cultura. Para estas,

as festas municipais recriadas, reinventadas, têm-se constituído num fato social e cultural de alta monta, com o aparecimento do turismo de massa e do lazer como um assunto que envolve questões econômicas, sociais, psicológicas e culturais. **O turismo de massa e o lazer são fenômenos da sociedade pós-industrial e aparecem como um manancial econômico de primeira linha, além da preocupação com o uso do tempo do não-trabalho de forma administrável. Com a urbanização e com a industrialização, o lazer tornou-se uma necessidade, além de uma atividade econômica de grande importância** (1997, p. 161. Grifos meus).

Ao deixar de lado os afazeres do cotidiano e/ou o trabalho, aos quais se atribuem o cansaço e o *stress*, deve-se festejar e desfrutar a *tradição germânica e da natureza*. Como afirmado acima, para as autoras, o turismo está voltado ao lazer e ao uso do *tempo livre*, do *não trabalho*. Neste caso, o trabalho possui uma conotação específica aparentemente negativa, ao contrário dos discursos produzidos que o utilizam como elemento primordial para o *progresso* da cidade, como já foi mencionado e ainda será discutido nesta pesquisa. O turismo tornou-se, ainda, atividade econômica relevante ao *comercializar cultura*. Observa-se, no *folder*, as seleções realizadas e as ênfases concebidas para a construção de atrativos a serem comercializados e transformados em *mercadorias*: as festas, a gastronomia, a arquitetura, o grupo folclórico, a natureza, as praias artificiais e os *passeios* pelas águas do Lago de Itaipu.

Ao abrir o *folder*, contemplavam-se ainda empreendimentos registrados juntos aos *Caminhos*, segundo informações obtidas na prefeitura municipal. As fotos da *Churrascaria e*

Restaurante Calçadão, Lancha Vitória II, Cafehaus Vitória acompanhavam os *serviços prestados* e indicavam as formas de contato. No caso, *cupim, café colonial* e a apreciação da *fauna e flora do Oeste do Paraná* foram ressaltados ao lado do grupo folclórico alemão *Fortschritt Ohne Grenzen*. Nos comentários a ele reservados, observei que o grupo foi nomeado em alemão, mas curiosa é a tradução *Progresso sem Fronteiras*. O *folder* frisou que o nome do grupo é *frase simbólica do município*, adotada pela administração quando Luiz Grando foi prefeito, sobretudo pela segunda vez, em 2001. Criado em 1996, o grupo de danças alemãs adulto reúne, ao mesmo tempo, tradição e progresso, elementos que identificam a cidade, principalmente diante da sua necessidade de autoafirmação, através do processo de emancipação e em meio às mudanças ou melhorias na passagem distrito-município.

O *folder* de 2006 ainda continha um mapa dos municípios limítrofes ao Lago de Itaipu, destacando-os a partir do estado do Paraná, situando, em específico, Pato Bragado. Ao lado do mapa estavam as instituições que apoiavam a administração municipal em vigor: a *Câmara Municipal de Vereadores, ACIBRA (Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Pato Bragado), Sicredi, Sebrae e Caminhos do Turismo Integrados ao Lago de Itaipu*.

Para além dos *eventos municipais* selecionados pelo poder público para representar a cidade, o *folder* foi detalhadamente construído; recortes e colagens são essenciais ao processo de produção da *cidade imagem*. A municipalização da festa, em 1997, trouxe mudanças significativas envolvendo não apenas o local, mas a maneira como a festa era realizada até então. As pré-oktoberfests eram realizadas nas associações de moradores de alguns loteamentos²⁷, ou nas comunidades do interior do município reconhecidas como linhas²⁸, e tinham seu encerramento na sede do município, como visto na primeira edição do jornal, em outubro de 1995:

27 Os loteamentos Mutirão I, Continental e Santa Inês foram criados quando Pato Bragado era distrito de Marechal Cândido Rondon e após o desmembramento surgiram: o Loteamento Seibert, Conjunto Habitacional Alvorada, Loteamento Costa Oeste, Borelli, Mengarda, Britânia I e Britânia II, Novo Millennium, Borelli II e Cristal. Os loteamentos Liberdade e Social são os mais recentes, este último, em fase de implantação na cidade ao lado do Mutirão I e do Conjunto Habitacional Alvorada, prevê a construção de casas populares, com o apoio da COHAPAR.

28 O município de Pato Bragado conta hoje com 12 linhas: Itapiranga, Oriental, Km 09, Km 05, Km 13, Flor do Sertão, Dois Vizinhos, São Francisco, Progresso, Cristal, Barigui e XV de Novembro.

“as noitadas da pré-oktoberfest iniciaram no dia 07 nas linhas Itapiranga e Oriental. Dia 11 esta festa acontece no Mutirão e no dia 14 na linha Barigui. A final será realizada dia 21 no clube dos idosos”. (*Folha Bragadense*, outubro de 1995, p. 07). Em 1996, o jornal destacou que a *última noitada* foi *fechada com chave de ouro*, no clube de idosos Felicidade, pois estiveram presentes aproximadamente mil pessoas, além do grupo folclórico de Iguaporá (distrito de Marechal Cândido Rondon), coordenado por Sival Klitzke²⁹. O periódico local ainda enfatizou, em 1995, que a cidade *vive o clima da maior festa do folclore germânico*, principalmente porque estava distribuída pelo município nos finais de semana de outubro. Com a municipalização, a festa foi centralizada em três dias consecutivos (sexta, sábado e domingo), no Centro de Eventos, localizado no parque de exposições bragadense.

Na primeira edição da festa realizada no Centro de Eventos, o jornal, em busca de consolidar as (re) apropriações, destacou a presença da população. Neste sentido, em outubro de 1997, “a presença da população bragadense, também foi fundamental para que a festa fosse coroada de pleno êxito por todos”. (*Folha Bragadense*, novembro de 1997, p.05). No momento em que se realizava a primeira edição da Oktoberfest, a participação da população comprovaria a sua aceitação diante das mudanças estabelecidas. O jornal traz ainda o agradecimento do poder público municipal *ao empenho e de todas as pessoas que colaboraram de uma ou de outra forma para o sucesso do evento*.

Em 1998, o *sucesso da festa é comprovado* em manchete através da foto de uma *multidão* que prestigiou o evento. Acompanhando essa foto, o jornal destacava uma fala do então prefeito, Verno Scherer, apontando *melhorias* para maior *conforto* dos participantes e *atendimento*, um “atrativo” para que a *festa popular* fosse *sucesso absoluto*. (novembro de 1998, capa). A festa foi (re) fabricada. Um dos motivos para a alteração, segundo o jornal local, foi “uma das

29 Oktoberfest (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 01, ed. 02, novembro de 1995, p.12). Cabe frisar que no ano seguinte, 1996, Sival Klitzke foi instrutor do grupo de dança alemão, fundado neste mesmo ano, o *Fortschritt Ohne Grenzen*. (Oktoberfest! Sucesso comprovado. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 01, ed. 09, novembro/dezembro de 1996, p. 08). Em 2004, além do grupo adulto, coordenava o da terceira idade e juvenil, no entanto, envolvido em conflitos com o poder público foi dispensado do cargo, pelo prefeito Luiz Grando. (Prefeito presta esclarecimento sobre o pedido de saída de Sival Klitzke. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano IX, ed. 82, abril de 2004, p. 14).

propostas apresentadas pelo prefeito de Pato Bragado, Verno Scherer, durante sua campanha eleitoral, a de incrementar a realização de festas tradicionais no município”. (*Folha Bragadense*, agosto/setembro de 1997, p. 04). Na perspectiva de equipará-la à Festa Nacional do Cupim, tornando-a tão tradicional quanto, Verno Scherer cumpria sua promessa de campanha. Dessa forma, também daria mais visibilidade à germanidade bragadense, buscando firmá-la como identidade local.

Assim como em Marechal Cândido Rondon, o poder público tem participado de forma ativa na construção da identidade local, mas, em cada município, esse processo ocorre de maneira peculiar. Em Marechal Cândido Rondon, segundo Sueli Fritsch, no início dos anos 1990, “ocorreu a desmobilização da identidade gaúcha em prol da germânica” (FRITTSCH, 1999, p. 03 e 16), em virtude da falta de apoio da prefeitura municipal e dos investimentos à germanidade; através do projeto de germanização de 1987³⁰, o *gaúcho* deixou de ser enfatizado. Em Pato Bragado, as referências à germanidade e ao *gaúcho* coexistem e ambas são enfocadas pelo poder público municipal. O CTG foi amplamente incentivado e apoiado por Luiz Grando durante suas administrações (integrante e prefeito ao mesmo tempo), contudo, na gestão de Verno Scherer tentou-se equiparar os *alemães* à ênfase que se dava aos *gaúchos*, inclusive com a municipalização da Oktoberfest que constituir-se-ia nos “principais eventos do

30 Decreto 090/1987, de 22 de junho de 1987. Gestão de Ilmar Priesnitz. Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon. O projeto consiste em isenção fiscal para os proprietários que, durante um período de 10 anos, construíssem imóveis, tanto comerciais como residenciais em estilo germânico – enxaimel ou casa dos Alpes. Ainda em 1987 a Oktoberfest foi criada com intuito de reforçar a tradição germânica (Cf. PIOVESANA, 2007, p. 26-57). Rodrigo Piovesana destacou ainda outros projetos que reforçaram a identidade germânica, a exemplo do “Projeto Rondon 2000” e da construção do “Memorial Histórico”. O primeiro implantado na administração de Ademir Bier (1993-1996). O projeto se destaca principalmente “no que se refere a edificações públicas”, situando “a elaboração e a construção do calçadão, do centro de eventos, do centro esportivo, do estádio municipal, da casa da cultura e a remodelação da praça central Willy Barth”, além do fórum e do portal da cidade, não previstos no projeto, mas construídos ainda no primeiro ano da gestão de Ademir Bier. O segundo, durante a administração municipal de Ariston Limberger (1997-2000) relacionava-se à “preservação da memória germânica”, o “Memorial Histórico” – continha a “Galeria dos ex-prefeitos” e a “Cápsula do tempo” (reservada em especial aos “pioneiros” e “desbravadores” do município).

município” (*Folha Bragadense*, setembro/outubro de 1997, p. 06), junto com a Festa Nacional do Cupim Assado.

Em meio aos embates entre a tradição gaúcha e a germânica, a germanidade foi estimulada pela gestão de Verno Scherer, houve mais visibilidade à festa e a construção do Paço Municipal, em estilo enxaimel. Cabe lembrar que, além de prefeito em Pato Bragado, durante 1997-2000, Scherer foi duas vezes vereador na década de 1970, nomeado para o cargo de prefeito entre 1978-1985 e vice-prefeito em 1992, em Marechal Cândido Rondon (*O Presente*, 2001, p. 71). Tais elementos produziam muitas semelhanças com aquele município principalmente quando se trata da germanidade. Cabe frisar que Marechal Cândido Rondon, em 1987 construiu um projeto de germanização da cidade, e neste período Pato Bragado era um de seus distritos. A criação do grupo folclórico e das pré-oktoberfests podem ser resquícios deste projeto e do processo de desmembramento de Marechal Cândido Rondon, bem como a institucionalização de uma *identidade germânica*. Pato Bragado tornou-se município na década de 1990, assim como Quatro Pontes, Entre Rios do Oeste e Mercedes, que também possuem características germânicas herdadas de Marechal Cândido Rondon.

Um elemento significativo a ser analisado corresponde não apenas à (re) construção da festa, mas às semelhanças com a Oktoberfest realizada em Marechal Cândido Rondon. No entanto, há diferenças entre a germanidade de ambas as cidades? A (re) fabricação da festa, a partir da municipalização, foi marcada inclusive pela alteração de nome, passando a se chamar *Chopp Fest*, como o jornal noticiou em agosto/setembro de 1997. No entanto, não se fazem menções ao porquê da escolha do nome, e, nas edições seguintes, setembro/outubro e novembro de 1997, o jornal anunciava não a *Chop Fest*, mas a *1ª Oktoberfest* de Pato Bragado (*Folha Bragadense*, setembro/outubro de 1997, p. 12; novembro de 1997, p. 05). Além da nomeação *Chopp Fest* ter sido utilizada para diferenciá-la da festa rondonense, Verno Scherer mencionou que “a intenção não era de competir ou tentar prejudicar o evento do município vizinho, mas abrir um espaço maior a participação para que os casais possam se divertir na festa de outubro” (*Folha Bragadense*, agosto/setembro de 1997, p.04).

O evento é prestigiado sobretudo por um público jovem, que geralmente participa de outras *Oktober*s, como a de Marechal Cândido Rondon e a de seu distrito, Margarida, ambos localizados na fronteira política de Pato Bragado. Realizadas em lugares próximos

geograficamente, e num intervalo curto de tempo, ambas acontecem no mesmo mês, ocorrem tensões e disputas, a exemplo da data em que a festa realizar-se-ia em cada local. A data do evento bragadense foi alterada várias vezes para não coincidir com a Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, como visto já na segunda Oktoberfest, realizada em 1998 (*Folha Bragadense*, agosto/setembro de 1998, p. 08).

A princípio, a Oktoberfest de Pato Bragado e a de Marechal Cândido Rondon possuem aspectos semelhantes, tais como: a concentração em três dias, a sangria do barril, o concurso do chopp em metro, a decoração e ornamentação da cidade, o desfile alegórico pelas principais ruas, etc. Porém, tornava-se necessário propor especificidades para a festa em Pato Bragado. Conforme o periódico local, em 1999: “não é preciso fazer a maior festa da região. Porém, [...] é possível fazer a melhor e, em 2001, a festa é destacada como a melhor e também a mais simpática da região” (outubro de 1999, p.02; agosto de 2001, capa).

Peculiarmente, em Pato Bragado a Oktoberfest é organizada por entidades locais. Entretanto, participam dela apenas 15 entidades³¹, número menor se comparado às 28 que organizam a Festa Nacional do Cupim. Nenhuma das igrejas da cidade participa dessa organização, em virtude do excesso de bebida comercializada durante o evento, elemento destacado por Manoel, pastor da Igreja Batista.

A Festa Nacional do Cupim Assado e a Oktoberfest, ao serem projetadas pelo poder público e a imprensa, constituem uma determinada identidade e memória. No entanto, são (re) construídas de maneiras peculiares pelos vários sujeitos sociais.

Para o poder público e para a imprensa, a presença de *alemães* na cidade é fundamental para justificar e legitimar a realização da festa. Embora em ata registrada em 10/07/1997³² a Oktoberfest não seja enfatizada, a *Folha Bragadense* em novembro do mesmo ano noticiou a realização da primeira edição. A festa tinha por objetivo: “preservar as tradições da cultura

31 Da Oktoberfest participam 15 entidades, apenas as Associações de Moradores Sempre Unidos, da linha Barigui, Itapiranga, Oriental, do Km 05, São Francisco, Km 13, Dois Vizinhos, Flor do Sertão, XV de Novembro, Associação dos Servidores Públicos – ASSERBRA, Escola Estadual Pato Bragado, Escola Municipal Marechal Deodoro, Clube de Idosos e Associação Comercial e Industrial – ACIBRA.

32 Ata nº 01, de 10 jul.1997. Ata encontrada na Prefeitura Municipal de Pato Bragado, referente à primeira reunião acerca da realização da Oktoberfest.

germânica alemã [sic] existente no município” (*Folha Bragadense*, novembro de 1997, p. 05). A preservação da tradição alemã é relacionada diretamente ao desenvolvimento de Pato Bragado. Segundo a *Folha Bragadense*, em 2002, “a festa da cultura germânica, a Oktoberfest, vem de [sic] encontro a homenagear os desbravadores de descendentes alemães que participaram do desenvolvimento que hoje é realidade no município” (março de 2002, p. 02). De fato há a presença de *alemães* na cidade, mas estes não são os únicos, nem constituem a maioria. Divisões e diferenças por vezes são neutralizadas, mas há rachaduras no modelo proposto. Além do *belo* refletido no espelho há uma imagem que se quer apagar, o *feio*, a exemplo dos *não alemães* esporadicamente referenciados, pois estão envolvidos em tensões e disputas, em *lutas de representação*, destoando da imagem fotogênica que surge atrelada à atividade turística.

A Oktoberfest transformou Pato Bragado em *lugares de memórias*. Segundo Pierre Nora, ao serem construídos “[...] não condizem com aquilo que evocam, eles recebem outros atributos. São reajustados de acordo com determinados interesses que estão presentes” (1993, p. 13 e 27). Exemplo disso é a notícia em que se leem: “as fachadas das lojas bem como algumas ruas do município serão ornamentadas para caracterizar ainda mais a festa da cultura alemã” (*Folha Bragadense*, setembro de 2004, p. 07). A intenção é propiciar ao visitante, de acordo com Antônio A. Arantes “[...] a sensação de estar imerso num universo pitoresco e diferenciado” (2000, p. 66 apud ULIANA, 2004, p. 31). Assim como na Festa Nacional do Cupim Assado, o lugar é reconstruído cenograficamente para receber os visitantes, há carros de som, shows, apresentações culturais, decorações nas principais ruas da cidade, cartazes, faixas, laços, flores, ou seja, elementos que não se encontram todos os dias na cidade. De acordo com Maria B. R. Flores, ao turista “[...] a aparência da cidade preparada para a festa é confundida pela realidade cotidiana da cidade [...] as fronteiras entre realidade e representação se desfazem [...] tudo e todos adornam o espetáculo” (1997, p.23).

Nos jornais, as festas são noticiadas como palcos para a “coroação” de determinadas gestões administrativas. Há também referências às obras concretizadas no município e inauguradas durante a Oktoberfest, como, por exemplo, a câmara de vereadores, o portal da cidade e o terminal rodoviário (*Folha Bragadense*, setembro de 2000, capa; setembro de 2001, capa; setembro de 2003, capa). Diferentemente de *O Presente*, que noticiou a festa apenas entre 1997 e 2005, após a municipalização, e, neste período, retratou o *concurso de ornamentação típica*

como incentivo do poder público para a população entrar no *clima germânico da cidade* (01 de outubro de 1999, p. 11). Esse aspecto é relevante para discussão, não apenas pela forma como referenciou, mas também por este fato estar ausente das páginas da *Folha Bragadense*.

Diferentemente do periódico local, *O Presente* noticiou, em 1999, a realização de um *concurso de ornamentação típica*, em Pato Bragado. Tal concurso *incentivaria os empresários a decorarem seus estabelecimentos durante o mês de outubro, [...] ornamentando suas vitrinas e fachadas e atenderá aos clientes trajados com roupas típicas alemães*, e também estimularia a população a “vestir-se com trajes típicos, pois aumentaria o clima germânico na cidade” (17 de setembro de 1999, p.17; 01 de outubro de 1999, p. 11). Neste mesmo período, a *Folha Bragadense* sequer mencionou o concurso e buscou consolidar a germanidade existente através das *raízes germânicas* no município. Segundo o jornal, a *cultura alemã* é “uma das que mais preserva a sua tradição. O povo alemão, como é chamado aqui na região, gosta de se vestir como seus antepassados, gosta de um bom chopp, afinal, gosta de festa” (outubro de 1999, p. 02). A germanidade parece aflorar naturalmente, pela simples presença de *alemães* e de sua identificação como *alemães* voltados às *origens*, ou no *gosto pelo chopp*. No entanto, a germanidade é inventada e (re) inventada quando se vê a necessidade de preservar a tradição, elaborada para consolidar identidade e memória específicas à cidade. A tradição visualizada pelo jornal, em princípio, é algo imutável. Aparentemente transportada a Pato Bragado, resgatada e não restaurada culturalmente, a festa não teria alterações num discurso pretensioso que pressupõe a inexistência de quaisquer (re) elaborações. Na *cidade imagem* a germanidade é um dos aspectos fortemente ressaltados. Em outras palavras, buscou-se justificar a germanidade a partir da trajetória da cidade, desde a colonização até a emancipação, solidificando-a material e simbolicamente.

Utilizada como *marketing* local, a germanidade em Pato Bragado assemelhou-se à italianidade no município de Urussanga, sul de Santa Catarina, analisada por Adiles Savoldi (2001, p. 89-116). *Folders* e cartões-postais são produzidos para ressaltar a gastronomia e as apresentações culturais. A produção desse material contrapõe-se principalmente à *bebida* e à *paquera* destacadas em editorial da *Folha Bragadense*, em 2000 (outubro/novembro de 2000, p. 02). Em Pato Bragado a Oktoberfest geralmente foi referenciada pelo periódico por sua *excelência em organização* sem grandes transtornos, a não ser pelas críticas dirigidas ao consumo

indisciplinado de chopp e à necessidade de *moralizar* a festa. Deste modo, os atos de *beber e paquerar* seriam superados pelo investimento em outros elementos.



Fig. 10. Cartão-postal 2. Oktoberfest. Prefeitura Municipal. 2001.

Os cartões-postais produzidos no ano seguinte, 2001, assegurariam, junto ao pronunciamento do prefeito Luiz Grando, o crescimento da festa em *qualidade*, devido à gastronomia, às apresentações folclóricas e aos desfiles que “resgataram a cultura alemã” (*Folha Bragadense*, outubro de 2001, p. 07). Em 2005, houve estímulos ao aumento do consumo de cafés coloniais, que foram servidos todos os dias, (*Folha Bragadense*, agosto de 2005, p. 14), fortalecendo a gastronomia da festa. A festa é (re) inventada, enfatizaram-se outros aspectos, em contraposição aos litros de chopp, que, assim como os quilos de cupim, por vezes, foram usados como indicativos do *sucesso* da festa.

Nas entrevistas, de maneira singular, a *Oktoberfest* é citada como *símbolo da cultura bragadense* ou sinônimo de encanto em meio à necessária valorização de *outras culturas* ou a não

participação naquela festividade. Diante disto, como destaca Maria B. R. Flores, referenciada por Davi F. Schereiner, “[...] a festa pode tornar-se um caleidoscópio pelo qual é possível visualizar [...] os figurantes sociais, distribuídos por espaços que não são só físicos, como também sociais” (1997, p.44). A festa expressa, dentre outros aspectos, as relações sociais aí imbricadas e as constantes transformações culturais. A cultura, entendida enquanto “[...] um processo dinâmico, incessante, de construção e reconstrução, de invenção e de reinvenção [...]” (FLORES, 1997, p. 14), é transformada constantemente pelos diferentes atores sociais e não *simplesmente instituída de cima para baixo*.

Neste sentido, embora os casais e as famílias sejam convidados pelo poder público para participar da festa, Ivanilda de Freitas Bourscheidt, nascida em Xapuri, no Acre, residente em Pato Bragado desde 1997 disse: *nunca fui nessa festa* (2007). Casada e mãe de três filhos, ela destacou que os motivos para nunca ter ido ao evento são os filhos, pois não os deixaria sozinhos em casa e também porque o marido *não gosta dessas festas*, então ela não iria sem a sua família. Ao mesmo tempo, Ivanilda destacou que, para o município, “as festas [Cupim e Oktoberfest] são muito boas, são ótimas [...] porque faz muita propaganda fora, vem muita gente de fora, deixam dinheiro no município e, isso só tende a ajudar”.

Adejandre Bolsoni não mencionou a participação sua e de sua família na festa, mas foi enfático ao reconhecer a cidade pela *tradição, folclore, dança*, principalmente pelos grupos de dança que representam Pato Bragado em diferentes lugares. Assim afirmou:

[...] A nossa região tem os alemães e tem essa [...] tradição, do folclore, de dança, de danças folclóricas que eu acho muito bonito [...] Tem o grupo de danças dos idosos, dos jovens. Eles saem aí nas regiões em outras cidades para se apresentar. Então isso [...] faz com que o município fique conhecido [...] na região ou no Estado e é muito importante [...] para Pato Bragado (2007).

Além da admiração, ou encantamento, com as tradições germânicas, frisados anteriormente, Adejandre se vê enquanto um integrante da cidade, morador há mais de uma década. No entanto, ele se percebe como um espectador ou admirador da *cultura germânica* utilizada para representar o município. Deste modo, Pato Bragado faz-se germânica, constitui-se através de seleções que lhe proporcionaram características próprias, por vezes reconhecidas pelos

habitantes, como é o caso de Adejandre. Assim como a Oktberfest, outra festa foi selecionada para “dar a ver” a cidade, a Festa Nacional do Cupim Assado.

A Festa do Cupim Assado: do CTG à comemoração pelo município

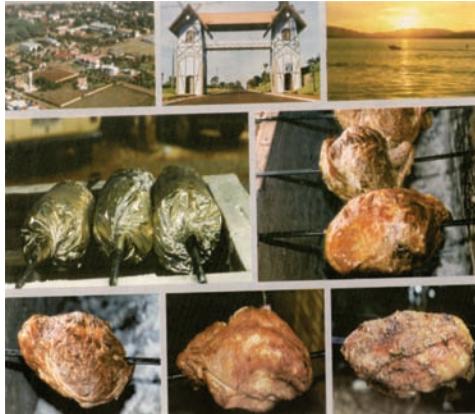


Fig. 11. Cartão-postal 3. Cupim. Prefeitura Municipal. 2001.

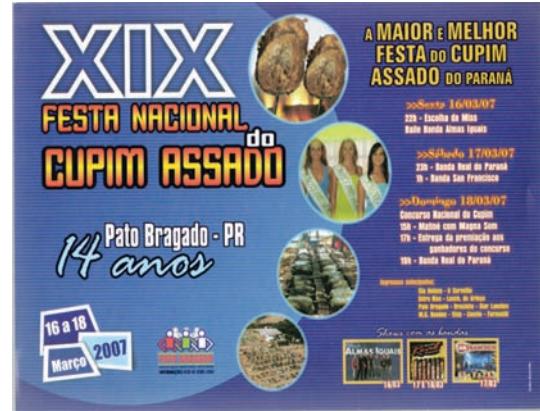


Fig. 12. Folder XIX Festa Nacional do Cupim Assado. Prefeitura Municipal. 2007.

Referenciada em cartões-postais e *folders*, a Festa Nacional do Cupim Assado é destacada através de várias imagens: vista aérea da cidade e do centro de eventos, do portal, do Lago de Itaipu, das misses bragadenses, dos shows, e, em especial, da gastronomia, simbolizada pelos cupims assados. No verso do cartão-postal produzido pelo poder público em 2001, ressaltando o *saber fazer* bragadense, há a *receita para o preparo do cupim à moda Pato Bragado*. No *folder* de 2007, a Festa Nacional do Cupim Assado é referenciada como *maior e melhor* festa. Semelhanças são encontradas no periódico local, em abril de 2002 e 2005, em que o evento é destacado como a *maior festa da história* do município (abril de 2002, p.04; abril de 2005, p. 07). Em 2002, apenas o público recorde da festa, 28 mil pessoas, é ressaltado pela notícia, mas, em 2005, destaca-se que as 20 mil pessoas superaram o consumo de cupim, em torno de 5,7 mil quilos. Embora as gestões municipais fossem distintas, em 2001 e 2007, observa-se que o poder público possui um papel significativo na construção da *cidade imagem*, e, juntamente com a

imprensa, neste caso a *Folha Bragadense*, consolida, através das festas e da gastronomia, imagens de um município planejado, ordenado e repleto de atrativos.

As constantes referências aos números utilizados para dimensionar a amplitude alcançada pela festa aguçam a curiosidade e suscitam interrogações sobre como a festividade é vista nas páginas dos periódicos. Assim como afirmou Maurice Mouilland, interessa-me menos o *conteúdo do discurso*, mas a *maneira como o jornal diz*, as *formas* ora legitimando o discurso proposto pelo poder público ora defendendo seus próprios interesses (2002, p. 13). Deste modo, o autor chamou atenção para

[...] os meios pelos quais o jornal reproduz o discurso dos enunciadore. O jornal diário tornou-se, na realidade, um substituto do espaço público, um fórum onde se escuta o eco de todas as vozes públicas, ao mesmo tempo em que tem sua trajetória. Esta dualidade está na origem das estratégias pelas quais o jornal manipula, seja por identificar-se com ele, seja por distanciar-se do mesmo, o discurso de outrem (2002, p. 26-27).

Mas de que forma a festa atingiu tais proporções? De acordo com a *Folha Bragadense*, em dezembro de 1996, a comemoração da *libertação política/administrativa* esteve imbricada à transformação da festa em *feira popular*³³. A *libertação* é alusão ao processo pelo qual o distrito de Pato Bragado desmembrou-se do município de Marechal Cândido Rondon efetivamente em janeiro de 1993. Naquele momento em que celebrava-se a cidade, o jornal ressaltou as mudanças ocorridas no distrito que se tornou município, e a festa foi uma delas. A partir disto, e ao receber *apoio oficial* do poder público, a festa *se popularizou*. O periódico buscava a positivação do processo que desmembrou Pato Bragado, dando-lhe outros ares e expectativas, através do processo de emancipação político-administrativa. A cidade emergia e consolidava-se em meio a um clima festivo, pois a festa simbolizaria o seu aniversário – diferentemente das disputas e da imprecisão das datas do aniversário do município de São Miguel do Oeste, Santa Catarina, analisado por Adriano Larentes da Silva (SILVA, 2004, p. 53-64).

33 Cf. Cultura é desenvolvimento: município sem fronteiras. Especial *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 02, ed. 10, dezembro de 1996, p. 04. Além da festa, o especial traz em conjunto com inúmeras fotos os empreendimentos desenvolvidos pelas diversas secretarias da prefeitura municipal.

Pato Bragado comemorou sua emancipação em março e não em janeiro, mês da instalação do município, em 1993, tampouco em junho, mês do plebiscito que votou pelo desmembramento da cidade, em 1990. Note-se que a referência ao número de realização da festa apresenta uma diferença de cinco anos em relação à emancipação da cidade. Sendo assim, ao comemorar-se o 14º aniversário do município, em 2007, celebrava-se a 19ª edição da Festa do Cupim. Qual a explicação possível para isto? A Festa do Cupim, embora tenha sido municipalizada em 1993, surgiu antes disto, em temporalidade e contexto específico; no entanto, a data da festa não foi alterada, mas sim a data de comemoração do aniversário de emancipação da cidade.

Como um *patchwork*, emendando tecidos e construindo desenhos “[...] num trabalho de bricolage, criando algo novo a partir de elementos pré-existentes” (FLORES, 1997, p.14), a festa foi (re) fabricada. Nomeada apenas como Festa do Cupim, surgiu em 1988, no Centro de Tradições Gaúchas, CTG Sepé Tiaraju, mas em 1989 foi registrada como festa do distrito. O distrito tornou-se município e a festa a ele foi incorporada³⁴. A Festa do Cupim tornou-se Festa Nacional do Cupim Assado, e, a partir daí, o evento representava não mais o CTG ou o distrito, mas o município, que seria reconhecido em nível nacional. Em três dias – sexta, sábado e domingo – entre bailes, apresentações artísticas, escolha da Miss Pato Bragado, degusta-se o cupim, concorre-se a prêmios, visita-se a exposição da indústria e do comércio, a qual reúne o que é produzido e comercializado na cidade e na região (ULIANA, 2004, p. 31).

Cabe frisar que a festa foi municipalizada, e é organizada pelo poder público, através da Comissão Central Organizadora – CCO – nomeada pelo prefeito municipal, juntamente com as 28 entidades envolvidas³⁵. A festa foi transposta ao município em 1993, mesmo ano de

34 Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, Estado do Paraná. Lei nº 1.933, 28 de abril de 1989. Esta foi alterada em alguns quesitos pela lei nº 2.400, 05 de março de 1991, devido à criação do município de Pato Bragado. Prefeitura Municipal do Município de Pato Bragado, Estado do Paraná. Lei nº 046, 09 de julho de 1993. (ULIANA, Márcia Bortoli. *Op. Cit.* p. 24).

35 As Associações de Moradores Sempre Unidos, da linha Barigui, Itapiranga, Oriental, do Km 05, São Francisco, Km 13, Dois Vizinhos, Flor do Sertão, XV de Novembro, Associação dos Servidores Públicos – ASSERBRA, Escola Estadual Pato Bragado, Escola Municipal Marechal Deodoro, Clube de Idosos e Associação Comercial e Industrial – ACIBRA, Associação Bragadense de Artesãos, do Clube de Mães, Clube Os Cardeais, Os Arrais, CTG Sepé Tiaraju, e as Igrejas, Assembleia de Deus, Batista, Católica, Luterana São João, Evangélica, Congregacional, Quadrangular e, Sociedade Bragadense de Bolão.

sua emancipação, e, não por acaso, no momento em que Luiz Grando estava à frente do paço municipal bragadense. Elemento um tanto curioso, mas também relevante, pois Luiz foi um dos *fundadores* do CTG, inúmeras vezes patrão³⁶ e, naquele período, ao mesmo tempo em que integrava a entidade, era prefeito. Desta forma, o local *oficial* da festa, o Centro de Eventos, foi construído durante sua administração, ao lado do galpão³⁷ do CTG. Embora cada qual tenha seu espaço definido, ainda hoje, durante a festa, os espaços são compartilhados. O galpão do CTG é utilizado principalmente no domingo, por ocasião do Concurso Nacional do Cupim Assado – realizado em nível nacional.

De acordo com Elpídio Dall Agnol, patrão e um dos fundadores do CTG em 1989, a Festa do Cupim colaboraria na manutenção financeira daquela entidade e para integrar as pessoas do distrito de Pato Bragado (ULIANA, 2004, p. 25). Embora as primeiras edições da festa fossem realizadas pelo CTG, não era uma festa exclusiva para os integrantes desta entidade. Todavia, tensões foram estabelecidas ainda no início da festa e aumentaram proporcionalmente a amplitude que ela alcançou. Isto é, disputas foram visualizadas em torno de quem teria idealizado a festa realizada pelo CTG e que se transformara na *maior festa* de Pato Bragado. Os conflitos entre Elpídio Dall Agnol e Luiz Grando (ULIANA, 2004, p. 24-27), no interior do CTG, envolveram, entre outros atritos, a Festa do Cupim. Elpídio afirmou inclusive que estes atritos foram alguns dos motivos que o levaram a sair da entidade tradicionalista que ajudou a fundar na década de 1980.

Diferentemente da visão de Elpídio, que acreditava que a festa fora criada apenas para angariar fundos para o CTG e promover sociabilidade, para o periódico local a festa foi projetada, desde o seu início, para figurar como evento grandioso. Em 1996, a Folha Bragadense destacou que o sucesso alcançado já era esperado:

36 Designação dada ao presidente de Centro de Tradições Gaúchas (Cf. NUNES, Zeno C. e NUNES, Eni C. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996, p. 354).

37 Construção existente nas estâncias destinada ao abrigo de homens e animais e à guarda de material. NUNES, Zeno C. e NUNES, Eni C. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996, p. 203). O CTG “recriou ludicamente a fazenda pastoril” ao designar patrão, peão, capataz, invernadas, entre outros e o próprio galpão que representa a sua sede.

em sua oitava edição a Festa do Cupim é exemplo de dedicação de uma comunidade que unida (sic) na luta pelo crescimento, alcançando o reconhecimento de toda uma região, demonstrado a cada ano, através dos milhares de visitantes. Desde o início, quando a festa era apenas um evento realizado pelos tradicionalistas gaúchos, o evento já se projetava como um atrativo para a região Oeste do Paraná. Hoje, realizada em conjunto com o aniversário de Pato Bragado, a festa recebe elogios de visitantes de outras regiões, estados vizinhos e do Paraguai (*Folha Bragadense*, 1996, p. 06).

Conforme a *Folha Bragadense*, o CTG seria o precursor da festa que, ao ser *transposta* a Pato Bragado, crescera espantosamente, e, por sua vez, fora reconhecida e prestigiada pelos milhares de visitantes que se dirigem à cidade durante a sua realização.

Em meio à criação e organização da festa, foram escolhidas, ainda no interior do CTG, a data e o *prato típico*. Elpídio Dall Agnol tomou para si esta tarefa. Em sua narrativa, ele afirmou que a data seria:

[...] em março, o segundo ou o terceiro domingo. Em função de já ter havido a colheita [...] um pouco de folga das pessoas do interior e, também um pouco de mais de dinheiro pra você gastar. Além de ser um clima quente e ameno, gostoso. **E acertamos [...] a Festa do Cupim pelo tamanho, pelo porte que ela tem hoje** (2004. Grifos meus).

Para figurar como *prato típico* foi escolhido o cupim, e, segundo Elpídio, a escolha deveu-se ao seu gosto particular por este tipo de carne, somando-se ao fácil manuseio da mesma. Assim, enquanto *idealizador*, ele disse: “sempre gostei do cupim. É uma peça não tão grande. Fácil de você trabalhar [...] não se teria dificuldades pra você manusear [...] assar, espetar e servir. É muito prático. Além de ser uma carne muito gostosa” (2004). A praticidade da *peça* deve-se ao pequeno porte, se comparado, por exemplo, ao boi ou ao porco no rolete; assim, o cupim foi considerado o *prato ideal* para a festa.

As festas no extremo-oeste do Paraná foram “[...] criadas e, ou reinventadas [...] em geral estão relacionadas às atividades econômicas desenvolvidas na região”, como apontou Davi F. Schreiner (1997, p. 31). São exemplos: a Festa da Soja, em Palotina, a Festa do Trigo, em Assis

Chateaubriand, e a Festa Nacional do Porco Assado no Rolete, em Toledo³⁸. No entanto, o Concurso Nacional do Cupim Assado, em Pato Bragado, é um exemplo peculiar. As toneladas de cupim consumidas são encomendadas a frigoríficos de outros municípios, devido à insignificante pecuária de corte existente na cidade. Deste modo, como apontou Néstor G. Canclini, o típico é atrelado à afirmação da autenticidade e/ou a originalidade, contudo, se

esquece que toda a cultura é resultado de uma seleção e de uma combinação, sempre renovada, de suas fontes. Dito de outra forma: é produto de uma encenação, na qual se escolhe e se adapta o que vai ser representado, de acordo com que os receptores podem escutar, ver e compreender (2006, p. 200-201).

O *típico* não é algo comum ou produzido na cidade, mas uma construção que teria sido reconhecida pelas pessoas. Assim como destacou a *Folha Bragadense*: “a festa realizou-se durante cinco anos como atração principal do CTG Sepé Tiaraju. Com a emancipação do distrito, o Cupim Assado passou a ser o prato típico do município, sendo que é grande a sua aceitação junto à comunidade local e regional” (março/abril de 1997, p. 04). No entanto, o próprio jornal destacou, em várias edições, que o cupim é assado em conjunto com outros tipos de carne.

Mas, “quem fala por trás do jornal e em seu nome?” (MOUILLAND, 2002, p. 25). Em *O Presente* são noticiados elementos semelhantes ao jornal local durante o mesmo período, mas de maneira peculiar. As notícias, os cadernos especiais e os editoriais se assemelham nas datas

38 Esta festa encontra-se registrada na *calendário oficial de eventos do Paraná* e a gastronomia no extremo-oeste paranaense está disponível em *turismo gastronômico*. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/turismo/turismo_tipo_gastronomico.shtml?turistas>. Acesso em: 20 out. 2007. Encontram-se também outras festas realizadas no município de Toledo, como a Festa do Frango (assim como em Bom Sucesso, Cafelândia, Novo Itacolomi e Umuarama); Festa do Porco Recheado e Assado ao Forno, Festa do Leitão à Sarandi e a Xaxim; Festa Nacional do Cupim Assado e do Matambre Recheado, em Pato Bragado; Concurso do Dourado Assado, em Foz do Iguaçu; Concurso do Porco à Paraguaia, em Missal; Festa do Boi no Rolete, em Marechal Cândido Rondon (como em Altônia, Engenheiro Beltrão, Planalto, Ribeirão Claro, Santa Fé e Santa Terezinha de Itaipu); Festival da Alcatra e Festa do Costelão, em Santa Helena (esta última também em Maripá, Palotina e Luiziana); Festa do Dourado na Grelha, em Medianeira; Festa do Dourado no Carrossel, em Itaipulândia; Festa do Frango Desossado e Recheado, em Maripá; Festa do Pintado na Telha, em Guairá; Festival da Carne Suína, em Medianeira etc.

em que são produzidos pela *Folha Bragadense*. Todavia, aqueles que estão encarregados de cada jornal e falam em seu nome são sujeitos distintos. Ambos os jornais são canais de divulgação e publicidade do poder público, mas também produzem uma cidade que se quer visível. Em outras palavras, o jornal traz em seu bojo “o que pode ser visto e o que deve ser” (2002, p. 38). Na produção da *cidade imagem*, recortes e colagens visam o *belo*, pois o *feio* a destoa negativamente e, portanto, não deve ser mostrado. Assim, conflitos são encobertos e habitantes inexistem. No entanto, ao referenciar Gilles Deleuze, Maurice Mouillaud diz que: “o visível é, só pode ser, uma sombra!” (2002, p. 46). Ao mesmo tempo, aquilo que é visível enquanto *sombra* induz a busca pelo invisível. A esse respeito, o autor declara:

parece-nos que toda e qualquer informação engendra o desconhecido, no mesmo movimento pelo qual informa; inicialmente, porque produzir uma superfície visível induz um invisível com seu avesso (a vitrine mostra e esconde, a palavra diz e não diz): um invisível que não pode ser mais destacado que o visível; o avesso de um tecido não o pode ser mais destacado do visível; o avesso de um tecido não o pode ser de seu direito (2002, p. 39).

Os constantes destaques à festa e ao aniversário da cidade como momento de comemoração, celebrado mediante a inauguração ou andamento de inúmeras obras realizadas pelo poder público municipal demonstram o visível a que se referiu Maurice Mouillaud. Em conjunto, obras e aniversário comprovariam o crescimento de Pato Bragado a cada ano, sobretudo a partir de sua emancipação. No entanto, o invisível está implícito, por exemplo, não são observadas as condições em que essas obras foram realizadas, se elas foram desejadas ou contaram com a participação da população. Não há como negar as modificações ocorridas com a passagem distrito-município, todavia, as obras, somadas ao aniversário, atenderiam a interesses específicos. Pato Bragado é representado como um *canteiro* e até como “um parque de obras” (*O Presente*, 13 de fevereiro de 1998, p. 26; 04 de fevereiro de 2000, p. 17). E, para tentar consolidá-lo como tal, várias fotos são destacadas, elencando detalhadamente as obras empreendidas³⁹, enaltecendo também determinados sujeitos ou gestões municipais.

39 Tudo pronto para a Festa do Cupim em Pato Bragado. (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 03, ed. 19, março de 1998, capa e p.08 a 11). Pato Bragado cresce para todos os lados: obras e realizações. (*Folha*

Na *Folha Bragadense*, ao noticiar a *expansão de Pato Bragado* em manchete, em março de 2003, são identificados os *responsáveis* pelas 10 novas obras recebidas pela população em meio às comemorações dos 10 anos de município⁴⁰. As obras são *um presente da administração Grando e Delmar aos munícipes*. Os dois políticos são destacados como aqueles que “lutam pelo progresso” de Pato Bragado. Observar a *maneira* como o jornal se posiciona é de fundamental importância, como referenciou Maurice Moulliand, e, ao comparar a *Folha Bragadense* ao *O Presente*, grosso modo, a *Folha Bragadense* traz em suas páginas mais detalhes sobre o município, aspecto justificado por este ser um periódico da cidade e estar diretamente ligado ao poder público.

Apesar de o jornal local intitular-se imparcial, assume o discurso do poder público, em meio às afinidades e as visíveis ligações pessoais. Flávio M. Prigol e Luiz Grando encontram-se no CTG e na prefeitura municipal entre 2001-2004, no segundo mandato de Luiz Grando. Essa relação ultrapassa estes espaços, e é visualizada na *Folha Bragadense*, pois além de prestar serviços de divulgação ao poder público, Flávio M. Prigol, enquanto diretor do periódico, ressalta o desempenho de Luiz Grando à frente do executivo municipal, a exemplo de março de 2003, no balanço de suas duas administrações (março de 2003, p. 13). O jornal enaltece o empenho e o trabalho de Luiz Grando pelo município e munícipes, positivando o processo de emancipação político-administrativo, destacando a superação das inúmeras dificuldades. A

Bragadense. Pato Bragado, ano 05, ed. 37, março de 2000, p.10-13). Nesta edição são elencadas as galerias de águas pluviais na sede do município e abastecimento de água no interior, a construção do mini-ginásio da Escola Estadual de Pato Bragado, 12 mil metros quadrados de calçamento com pedras irregulares – PR 495 até a Fecularia Horizonte – cascalhamento de estradas, recapeamento, asfalto para loteamentos, barracões para as associações, ampliação no posto de saúde 24 horas, aumento da iluminação pública, construção da creche e implantação do Projeto Piá, de barracões industriais, das marinas no Porto Britânia etc.

⁴⁰ Inaugurações marcam o 10º aniversário do município. (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 07, ed. 69, março de 2003, capa). As obras compreendem o calçamento de pedras irregulares nas ruas e pátios das Linhas Barigui, Oriental e XV de Novembro; ampliação de rede de água da linha Flor do Sertão; reforma no auditório da Escola Municipal Marechal Deodoro; ampliação do espaço físico da UEI – Unidade de Educação Infantil Gotinha de Mel; da pracinha ao lado da câmara de vereadores; asfalto nos loteamentos Britânia I e II; recapeamento na avenida Willy Barth; da incubadora industrial; do barracão industrial; do centro poliesportivo municipal.

superação de dificuldades durante a constituição de Pato Bragado enquanto município se dá através da ênfase ao progresso, visualizado nos avanços e melhorias alcançados pela transformação distrito-município.

Em boa parte o progresso foi sustentado pelo recebimento (em dólar) dos *royalties* de Itaipu. Em 2003, a cotação da moeda estadunidense fora a maior já recebida; entre 1995 e 2007 (*Gazeta Popular*, maio de 2007, p. 07) a média anual era de US\$ 1,00 para R\$ 3,15. Houve investimentos maciços no município, em várias áreas, como saúde, agricultura, turismo, educação, etc. Na educação, Pato Bragado passou a executar, com exclusividade no Paraná, o Programa de incentivo à formação universitária. Mesmo com teto fixo para os gastos com auxílio de custos, 80% do transporte e 50% da mensalidade não eram reembolsáveis. (*O Presente*, junho de 2004, p. 06). No entanto, o reembolso, ou a contrapartida do município, são discutidos na cidade, inclusive frente à queda do valor do dólar, US\$ 1,00 para R\$ 2,10, em 2007, em conjunto com discussões sobre a aplicabilidade destes recursos. Neste sentido, o processo de emancipação político-administrativa é enfatizado diante das modificações significativas ocorridas no campo e na cidade. Os *royalties* tiveram relevância, e ainda têm, basta atentar para as preocupações com a autossuficiência de Pato Bragado e de outros municípios lindeiros, caso os *royalties* cessem em 2023. Tais elementos serão discutidos com maior atenção no capítulo seguinte.

A Festa do Cupim, em Pato Bragado, também é identificada pela “dedicação do povo bragadense em oferecer comodidade, conforto e atenção a todos que visitam o município” (*Folha Bragadense*, março de 1996, p. 06). Para *servir bem* (*Folha Bragadense*, março de 2000, p. 05) aqueles que prestigiam o evento, sobretudo os visitantes, busca-se consolidar uma imagem atraente da cidade que os esperam ansiosamente. Hospitalidade, conforto e atenção são constantemente frisados, pois a festa reflete imagens acerca da cidade. O *sucesso da festa* também está atrelado àqueles que ali residem e a prestigiam, em especial aqueles que “atuam” na festa. Neste caso, o trabalho realizado pelas entidades é significativo, como destacou Holdi Romer, presidente da CCO, em março de 1998, e Luiz Grando, em 2004 (*Folha Bragadense*, março de 1998, p. 11; março/abril de 2004, p. 04). Sobre o assunto, declarou o prefeito: “o grande sucesso da festa é resultado de um trabalho organizado pela CCO e a comunidade, pela hospitalidade da população de Pato Bragado que se preza em organizar grandes eventos [...]”. O

sucesso conjunto, prefeitura municipal, entidades e comunidade – a população – torna Pato Bragado um município *que sabe organizar eventos*. A *Folha Bragadense* utiliza a festa e o pronunciamento do prefeito para legitimar seu segundo mandato, que se encerraria com *chave de ouro* naquele ano.

Em 2002, segundo o jornal local, o *resultado* da festa (número de pessoas, quantidade de cupim consumido e lucratividade) estimularia “[...] os organizadores a promoverem constantes melhorias no parque de exposições” (abril de 2002, p.04). Esse é um elemento também visualizado em *O Presente*, em 2000, ao afirmar que as *melhorias* seriam *necessárias* para manter e aprimorar ainda mais a qualidade do evento, proporcionando conforto aos visitantes. Tais elementos justificariam o (re) inventar da festa. Os periódicos destacam boa parte das transformações ocorridas na *estrutura* da festa, o que contribui para analisá-la em meio à sua dinamicidade e em suas (re) apropriações. Durante o período de 1996 a 2005, foram ressaltados pela *Folha Bragadense*⁴¹ a construção de uma casa de carnes, o aumento na área do parque, o aumento dos boxes onde é assado o cupim, a melhoria nos quiosques, nos banheiros, nas mesas, nas

41 Destaca-se: Festa do Cupim. (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 02, ed. 11, março/abril de 1997, capa e p. 04); Parque de exposições ganha melhorias (*Folha Bragadense* Pato Bragado, ano 05, ed. 48, março de 2001, capa); Festa do município: gastronomia deve atrair mais de 15 mil pessoas (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 06, ed. 58, janeiro de 2002, p. 06); Preparativos para o êxito da festa (*Folha Bragadense* Pato Bragado, ano 06, março de 2002, ed. 59, p.04); Aproximam-se as comemorações da Festa do Cupim (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 08, ed. 80, fev./março de 2004, capa e p.04); Festa do Cupim tem novidades (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 09, ed. 91, março de 2005, p.03). Em *O Presente*, Pato Bragado inicia preparativos para mais uma Festa do Cupim (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 04, n. 215, 19 de janeiro de 1996, p. 07). Festa do Cupim já mobiliza Pato Bragado (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 04, n. 220, 23 de fevereiro de 1996, p.18); Prefeitura de Pato Bragado faz novos investimentos para melhorar Festa Nacional do Cupim (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 04, n. 221, 01 março de 1996, p.06). Nesta última edição a construção de um centro administrativo reservado à recepção de autoridades durante o evento: Quase 20 mil pessoas prestigiaram a Festa do Cupim em Pato Bragado (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon. ano 07, n. 329, 27 de março de 1998, p. 23); Festa do Cupim em Pato Bragado (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 09, n. 425, 28 de janeiro de 2000, p.17) e Festa do Cupim (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 09, n. 429, 25 de fevereiro de 2000, p.21); Público recorde na Festa do Cupim (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 09, n. 430, 03 de março de 2000, p.12).

churrasqueiras, além da construção de uma copa, da reestruturação completa na parte elétrica e hidráulica do local, das alterações na sinalização e na pavimentação da avenida que dá acesso ao parque, da colocação de lixeiras, das modificações no concurso até a climatização do Centro de eventos e do CTG. De acordo com o periódico, em 2005, a climatização e o rodeio atraíram *novos adeptos ao evento*, e por isso superava-se a lucratividade em cerca de 30% em relação à de 2004 (*Folha Bragadense*, abril de 2005, p. 07).

A cada edição forjaram-se diferentes elementos, ou (re) elaboraram-se os existentes, como foi o caso do concurso realizado desde o limiar da festa, no CTG, que passou a ser realizado sob outros moldes. Além de avaliar o sabor, cozimento e aroma do cupim assado, a premiação do concurso, a partir de 2004, ocorre em duas modalidades: as equipes de Pato Bragado e as equipes de outros municípios (*Folha Bragadense*, fevereiro/março de 2004, p. 16). Ao (re) construí-la utilizam-se dos “costumes locais, [...] para mercantilizá-los na forma de espetáculos ou produtos de consumo” (FLORES, 1997, p. 15). Apoiando-se em estratégias de *marketing*, modificaram-se *convites* e cartazes do evento, produziu-se o *Cupimzinho* (*Folha Bragadense*, março de 2003, capa e p. 08) assim como a elaboração de inúmeros anúncios publicitários.

A produção de imagens sobre o município, a partir da festa, visam a consolidação do evento e a autoafirmação da cidade, encobrendo a exposição de fissuras, conflitos e contradições. *A cidade imagem*, produzida em meio a festas, inverte posições, encobre tensões existentes e o campo de disputa em que está imersa, neutralizando-o. Laura de Melo Souza destaca, ao referenciar Roberto da Mata, que a festa funciona “[...] como mecanismo de reforço, inversão e de neutralização [...] A festa cria uma zona (fictícia) de convivência, proporcionando a ilusão (barroca) de que a sociedade é rica e igualitária: está criado o espaço da neutralização dos conflitos e diferenças”. (1986, p. 23). A autora desconstrói, a partir de duas festas (do “Triunfo Eucarístico” e do Áureo Trono Episcopal), a ideia de luxo e opulência proporcionada pelo ouro e compartilhada pela sociedade mineira do século XVIII. Aponta, assim, que o fausto é falso.

A dedicação e a união da comunidade bragadense, reunida em torno da festa, faz parte da *zona fictícia* criada pela Festa Nacional do Cupim Assado, em Pato Bragado. Algumas pessoas indicaram que, por vezes, não participaram da festividade, fosse em função da distância entre o local onde moram e o parque de exposições – como indicou Estefânia Humeres (2007), que reside no loteamento Mutirão, localizado em outra extremidade da cidade – ou em função da

falta de dinheiro, elemento fundamental para poder usufruir daquilo que a *maior festa* proporciona, como afirmou Leonora Pinto (2007). No entanto, estas pessoas participam de outras festas que ocorrem na cidade, realizadas pelas associações de moradores, clube de idosos, entre outros.

Outro elemento importante seria a presença daqueles da *fronteira*, os paraguaios em especial, cujas presenças são ignoradas pelo jornal local durante a realização da festa. Os *vizinhos* prestigiam a festa e a tornam reconhecida internacionalmente. A vinda de paraguaios para o evento se dá inclusive para rever familiares e amigos que moram em Pato Bragado, embora a *Folha Bragadense* os neutralize e, ao mesmo tempo, destaque a sua presença enquanto *visitantes* da festa.

De acordo com Jair Marcelino, *outras culturas devem ser valorizadas*:

Nós também temos que olhar para as outras culturas, porque o nosso povo ele é rico em culturas e, nós temos aqui pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, que vieram da Alemanha. Tivemos também pessoas que vieram da Polônia, que vieram da Espanha [...]. O histórico de Pato Bragado comprova isso. Só que **nós precisamos fazer com que também as outras culturas se manifestem e, exatamente isso, dar oportunidade às outras culturas, porque hoje o grande desafio é ter condições de fazer com que esta cultura aflore. São condições o quê? Financeiras, condições de espaço, não só dentro do município, mas fora dele [...]** Como se dá ênfase a duas grandes festas [...] Não só essas duas culturas, mas a cultura [...] provinda de outros países nós teremos sim um conjunto muito maior que só em duas, né? Porque nós também temos que prestigiar os outros povos [...] Tem pessoas que não se identificam com estas festas [...] da Oktoberfest, mas se identificam com outras, certo? Festas religiosas, por exemplo. Então a ideia o que que é? É buscar agora junto, discutir com a própria população essa questão de trazer essas culturas. Essas festas. Junto. [...] Isso é um trabalho que também demanda tempo. **Trabalho árduo porque você também tem que resgatar a história de alguns povos que inclusive tá ali [...]** Seus netos seus avós, eles moram ainda aqui em Pato Bragado (2007. Grifos meus).

A narrativa de Jair Marcelino, natural de Pinhalão, Paraná, residente em Pato Bragado desde 1997, traz inúmeros aspectos. Junto à necessidade de enfatizar não apenas *duas culturas* ou *festas*, sua fala não foge à posição que ocupa de engenheiro civil da prefeitura municipal.

Ao lado da *administração transparente e participativa*, defende a participação da população, e a busca de *outras culturas* deve ter seu apoio. A noção de cultura é aquela aparentemente estática e que precisa *ter condições de aflorar*. Tais condições consistem em subsídios da prefeitura (financeiro ou espaço físico). Há também o *resgate histórico*, buscando suas *origens* na cidade, para legitimá-la, mostrar seu *enraizamento* no município, cabendo então à história sua consolidação. Ao considerar que a cultura existente na cidade não deve ficar restrita a duas festas, Jair aponta, então, para a ocorrência de festas religiosas. Entre elas, destaco a Festa dos Navegantes.

A Festa dos Navegantes e suas indefinições: do rio ao Lago de Itaipu

O evento, que tem como prática religiosa central a procissão pelas águas do Lago de Itaipu, já era realizado há cerca de 30 anos, ainda no rio Paraná, muito antes da formação do Lago. A primeira festa foi no Porto Britânia, em seguida no Km 03 e, posteriormente, no Km 05. Como apontou Vanise Welter, a festa foi transposta ao Km 03 em virtude do fechamento do posto da MARIPÁ e em função das desapropriações de terras para a construção do reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A partir de 2000 foi transferida para o Km 05, e, em 2003 foi construída, naquela localidade, a capela Nossa Senhora dos Navegantes (WELTER, 2006, p. 20-32). Para Vanise Welter, a formação do Lago de Itaipu e as desapropriações, somadas à falta de moradores, desestimulou a realização da festa, desestabilizou e enfraqueceu a comunidade católica (segundo a *Folha Bragadense*, em 2004, apenas quinze famílias compunham a comunidade católica do Km 05).

De acordo com a autora, as mudanças de local implicaram em modificações no ritual da festa, ao destacar a procissão realizada por terra, partindo do Km 05, até o Lago de Itaipu. Para Vanise Welter, a participação na festa não se dá apenas pelas crenças religiosas, mas pelo espaço de sociabilidade. Ela acrescenta ainda que a festa, enquanto *maquinaria*, é constantemente (re)inventada e possui uma *superabundância de sentidos*. A Festa dos Navegantes conta não apenas com a presença de católicos de Pato Bragado, ou de paraguaios que atravessam o Lago, favorecidos pela proximidade entre os portos Britânia e Marangatu, mas também de evangélicos, que desde 2003 organizam a festa em conjunto com os católicos (WELTER, 2006, p. 24-25), inclusive repartindo o lucro obtido. Cabe lembrar que a capela Nossa Senhora dos Navegantes

do Km 05, inaugurada em setembro de 2004, foi construída junto às Igrejas Evangélicas de Confissão Luterana e Congregacional.

As mudanças de um local para outro, somadas aos conflitos no interior da diretoria da comunidade, foram apontadas por Vanise Welter como alguns dos fatores responsáveis pelas inúmeras interrupções da festa. No entanto, a autora afirmou que todos os anos faz-se a missa e a procissão, independentemente da realização da festa (2006, p. 30).

Na *Folha Bragadense*, a festa foi noticiada pouquíssimas vezes, apenas 06 notícias entre 1999 e 2004. Destas, 04 foram publicadas em 2004 (ano em que foram mencionadas as tentativas de municipalizá-la), e em *O Presente* há apenas uma alusão, em fevereiro de 1994⁴².

Mesmo assim, as três décadas serviram para que a festa fosse referenciada, em 2004, pela *Folha Bragadense*, como a *tradicional festa dos Navegantes* (janeiro de 2004, capa). O *tradicional* aparentemente foi utilizado para reforçar a autenticidade da festa e a sua legitimidade no interior do município. Segundo editorial daquele mesmo ano, *após dois anos na inatividade* sobre a qual o jornal não menciona o porquê, *retomou-se a festa que promete alcançar êxito com a atração de diversas pessoas, não só do município, mas de outras localidades*. E, *conforme o resultado deste ano poderemos somá-la a mais uma, ao lado das tradicionais, Festa do Cupim e Oktoberfest*. Legitimar a festa seria necessário para tentar uni-la à Festa Nacional do Cupim Assado e à Oktoberfest, transformando-a em “mais um atrativo turístico” (*Folha Bragadense*, janeiro de 2004, p.02). Na manchete de 2004, esperava-se a participação não apenas de fiéis, mas também de *amantes* da pesca, pois se agregam atrativos turísticos, neste caso um *torneio de pesca*, e a intenção é que

42 Na *Folha Bragadense*: Festa da Nossa Senhora dos Navegantes (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 04, ed. 28, março de 1999); Festa dos Navegantes (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 05, ed. 47, fevereiro de 2001); Festa dos Navegantes volta a ser realizada (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 08, ed. 79, janeiro de 2004, capa); Festa dos navegantes deve ser mais um atrativo turístico (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 08, ed. 79, janeiro de 2004, p.02 – editorial); Cerca de 1000 pessoas participaram da Festa dos navegantes (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 08, ed. 80, fevereiro/março de 2004, p.06); Capela Nossa Senhora dos Navegantes é inaugurada (*Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 09, ed. 87, setembro de 2004, p. 09). Em *O Presente*: Pato Bragado realiza Festa dos Navegantes no domingo (*O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 03, n. 116, 04 de fevereiro de 1994, p. 06).

o evento seja municipalizado, pois *pretendemos transformar a festa num dos maiores eventos do município*, disse o secretário de Indústria, Comércio e Turismo, Sérgio Spies.

Ao lado do *turismo gastronômico e de eventos*, mencionado em 2003 pela *Revista Região*, no ano seguinte a *Folha Bragadense* destacou as tentativas de municipalização da Festa dos Navegantes, promovendo o turismo religioso em conjunto com o desenvolvimento do turismo ecológico. Conforme o editorial do periódico local, a posição geográfica do município o favoreceria pelo “contato mais direto com a natureza, afinal estamos num município favorecido geograficamente, no ‘corredor’ da Costa Oeste com acesso facilitado a municípios de maior desenvolvimento turístico, como Foz do Iguaçu e Guaira”.

A Festa dos Navegantes foi (re) construída pelos próprios fiéis, ou pelo poder público, com tentativas de municipalização, transformando-a num atrativo turístico que representasse Pato Bragado e que proporcionasse lucratividade ao município. Em fevereiro e março de 2004, a *Folha Bragadense* enfatiza que o evento, apoiado pelo *núcleo setorial do turismo de Pato Bragado*, superou as expectativas de lucratividade, reafirmando que “a intenção é municipalizar o evento nas próximas edições” (fevereiro/março de 2004, p.06).

Mas no ano seguinte a festa sequer foi noticiada pelo jornal, muito menos municipalizada. Um fator relevante foi a troca de gestão pública, entre 2004 e 2005, pois a nova administração não manifestou interesse em municipalizá-la. Porém, independentemente da municipalização, a festa está inserida no *calendário de eventos* e continua a ser realizada, de modo plural e múltiplo.

Confeccionado geralmente no final de cada ano, o *calendário de eventos de Pato Bragado* estabelece previamente data e local em que os eventos serão realizados no ano seguinte. Elaborado pelo poder público municipal, através da Secretaria de Educação e Cultura, com participação das associações de moradores, entidades, clubes, Igrejas, escolas, etc., o calendário sistematiza os vários almoços, jantares, festas, bailes, fandangos⁴³, mostras culturais, desfiles e festivais, dentre outros. Segundo informações obtidas na Secretaria, o calendário pretende organizar os eventos para que estes não ocorram nas mesmas datas, pois, num município pequeno,

⁴³ Utilizado aqui para designar qualquer baile ou divertimento praticado nos Centros de Tradições Gaúchas, CTGs (NUNES e NUNES, 1996, p. 184).

com cerca de 5 mil habitantes, o “choque entre datas” prejudicaria o lucro obtido e o *sucesso* dos eventos. Entretanto, em abril de 2003, o jornal local referencia a Festa e o Concurso do Matambre Assado e Recheado, realizada na linha Km 13, como *a maior festa já realizada pela associação*. Frisa que, apesar de ter sido realizada logo após a Festa do Cupim, cerca de 900 pessoas participaram, e o lucro proporcionado à associação chegou a três mil reais (abril de 2003, p.12).

Embora sejam utilizados, por vezes, para angariar recursos, os eventos se constituem como espaços de divertimento e sociabilidade, seja com colegas de trabalho, vizinhos, amigos, família ou pessoas vindas de diferentes lugares. A festa, neste sentido, “[...] emociona, carrega solidariedades, traz engajamentos” (FLORES, 1997, p. 10). Os eventos não se apresentavam como *espaços fechados*, mesmo que em cada almoço, jantar, baile promovido por entidades, associações e clubes distintos, diversos *grupos* fossem se estabelecendo e/ou se fortalecendo, realizando vários eventos durante o ano. Esses *grupos* são múltiplos, compostos por sujeitos que se inseriam, ao mesmo tempo, no CTG, na associação de moradores, na diretoria da igreja ou no poder público municipal. Como afirmou Jurgen Habermas, as esferas pública e privada imbricam-se uma na outra. Entidades, associações, clubes etc., constituem-se num espaço público em que circulam pessoas que detêm interesses privados (ULIANA, 2004, p. 83-94).

Nos calendários havia ainda as mudanças decorridas de um ano para outro, pois apesar da manutenção de determinados eventos em datas e locais específicos, muitos outros se alteravam e a mobilidade existente garantia a inclusão ou saída de determinados eventos. No entanto, não estarem previamente incluídos no *calendário oficial* não significava a sua não realização, muito pelo contrário, eram promovidos, em especial, no interior do município, em julho de 2007, para o jantar do Clube de Mães do Km 5⁴⁴. Enfim, chamava-me a atenção não apenas a necessária sistematização dos eventos num calendário, mas o fato de que, ao extrapolá-la, fluía a dinamicidade dos sujeitos e a pluralidade que compunha a cidade, bem como os eventos por estes construídos.

44 No calendário de eventos, em julho de 2007, constava apenas a realização do torneio de bolãozinho, na Associação da Linha Birigui, a Julina Tchê no CTG Sepé Tiaraju, o jantar italiano pelo Provopar, e almoço pela APOP – orgânicos.

Ainda que o poder público, auxiliado pela imprensa, tente forjar identidade e memória específicas, através da *cidade imagem*, as festas configuram-se de maneira ampla e diversa, pois são (re) produzidas ou (re) inventadas constantemente, e os sentidos a elas atribuídos são múltiplos. Espaços de sociabilidade, de lazer e diversão, palcos de tensões e disputas, as festas são utilizadas para projetar a cidade dentre as demais, caracterizando-a e/ou a identificando, como meios de consolidar o *turismo gastronômico e de eventos*; como formas de comemorar o aniversário da cidade e o processo de desmembramento de Marechal Cândido Rondon, para legitimar o trabalho do poder público e de determinados sujeitos etc. A festa possui vários significados, incluindo os destacados. No entanto, este trabalho não contempla a multiplicidade pela qual a festa se revela, pois, enquanto manifestação cultural dinâmica, está envolta em diferentes significados, (re) construções e (re) elaborações.

Neste sentido, a *cidade imagem* é produzida, e não flui naturalmente, sendo construída em meio a seleções. Deste discurso são feitos usos distintos, tanto pelo poder público quanto por jornais ou narrativas. A partir de vivências e experiências, a *cidade imagem* é desconstruída e também (re) elaborada. Aos poucos se produz outras identidades e *imagens* acerca da cidade. *Imagens* não aparentes no espelho, mas presentes na paisagem social de Pato Bragado. Como destacou Maria B. R. Flores, embora sejam apresentadas pelos *fazedores de festas* como autênticas e/ou legítimas, as festas de outubro são reconstruções, uma *bricolage*, um *patchwork*.

No discurso sobre a “cidade imagem”, aqui problematizado, foram envolvidas a questão da identidade e da alteridade, disputas e conflitos, e “a festa, que parece a todos, lugar de prazer e diversão, tem sua constituição no interior de lutas, conflitos e contradições” (FLORES, 1997, p. 12). Estes não são apenas embates materiais, mas também simbólicos, e sobre eles me debruço no capítulo seguinte.

Capítulo 2

O “PEQUENO GRANDE” DO OESTE: EMBATES SIMBÓLICOS E MATERIAIS NA CONSTITUIÇÃO DA CIDADE

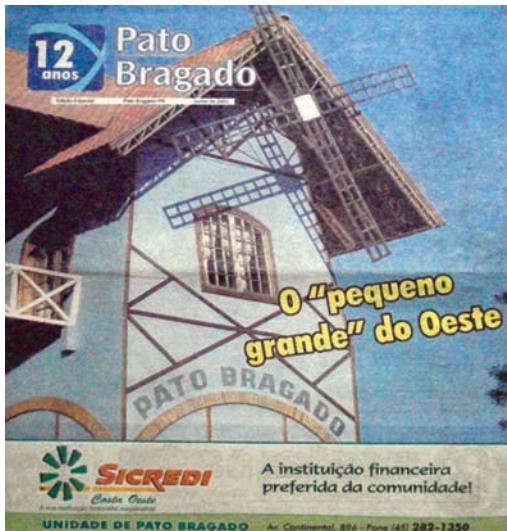


Fig. 13. Pato Bragado 12 anos.
Jornal O Presente. Capa.



Fig. 14. Pato Bragado 12 anos.
Jornal O Presente. p. 16.

Além do portal, a *realidade em obras* representou o ‘pequeno grande’ do Oeste quando Pato Bragado completou 12 anos. A extensão do município, 8,14 km², e o número de habitantes, 4.631 mil, demonstram a sua pequenez. A grandiosidade é representada em imagens/discursos que anunciam: “educação: garantia para o futuro, inauguração do centro poliesportivo e da rodoviária, incentivos às tradições gaúchas, projeto de paisagismo, interiorizações, repasse de equipamentos para associações de produtores; construção do centro cultural” (*O Presente*, junho de 2004, p. 16). As obras apresentam o crescimento e a expansão do município, comemorados ao completar mais um ano. O paradoxo “pequeno/grande” produz sentido a Pato Bragado: ali é possível ser pequeno e grande ao mesmo tempo!

Como um emblema do município, o portal foi utilizado para apresentá-lo na edição especial de *O Presente*, em 2004. Construído pela administração municipal de Verno Scherer (1997-2000), o portal foi erigido para servir de cartão-postal da cidade. Além disso, ao ser inaugurado em 2001, pretendia “valorizar os colonizadores da região que na grande maioria foram alemães e descendentes e a intenção é para que as pessoas que passem pela cidade levem Pato Bragado na memória” (*O Presente*, 11 de outubro de 2001, p. 18; 26 de junho de 2001, p. 16). A germanidade em Pato Bragado foi (re) inventada. O Paço Municipal, inaugurado em março de 1999, durante as comemorações do 6º aniversário da cidade junto à realização da Festa Nacional do Cupim Assado, representa arquitetonicamente o *estilo germânico* do município (*Folha Bragadense*, março de 1999, capa). A arquitetura em enxaimel do portal e do Paço Municipal foi somada à municipalização da Oktoberfest, assim, a Pato Bragado germânica foi (re) construída simbólica e materialmente. Embates e disputas foram constantes. A busca pela autoafirmação germânica, pautada na história e memória, visou a equiparar-se à ênfase ao gaúcho, inclusive representado pelo ex-prefeito Luiz Grando e visualizada no apoio do poder público ao Centro de Tradições Gaúchas, bem como na própria Festa do Cupim que dali emergiu.

A cidade geralmente é representada por imagens aéreas que não contemplam o portal fotografado de perto e exposto em manchete em 2004. O espaço urbano é apresentado ordenadamente. Uma cidade planejada, vista de maneira disciplinada. Limpa, arborizada, com ruas largas e quadras amplas, retratava-se uma Pato Bragado a partir de um determinado

ângulo. Apesar da tentativa de ver Pato Bragado em sua *totalidade*, fazem-se seleções, focaliza-se a praça e os prédios públicos, como o Paço Municipal e a câmara de vereadores.



Fig. 16. Vista aérea de Pato Bragado. Prefeitura Municipal.



Fig. 15. Vista aérea de Pato Bragado. Prefeitura Municipal.



Fig. 17. Vista aérea de Pato Bragado. Prefeitura Municipal.

Entretanto, a vista aérea não destaca pontos *mais distantes* do *centro*, a exemplo de loteamentos e/ou conjuntos habitacionais como Alvorada e Mutirão, localizados nas proximidades do pórtico do município, como são observados a seguir na planta da cidade.

Neste sentido, tais elementos fazem parte de escolhas realizadas para a construção e (re) construção da “cidade imagem”. Mas, como apontou Angel Rama, pensar a cidade enquanto signo é algo fundamental⁴⁵. Ao trabalhar com os centros urbanos na América Latina, ele destacou que “[...] a ordem dos signos imprimiu sua potencialidade sobre o real [...]” (RAMA, 1985, p. 33), *fixando marcas* ainda visíveis. A cidade ordenada, como enunciou, produziu *idades ideais*, ao *desenhá-las* antes mesmo de sua existência (RAMA, 1985, p. 29). Tais aspectos se assemelham à proposta de planejamento para o município, como o *Plano Diretor* enunciado por Jair Marcelino (2007). O *Plano* compreende

[...] um conjunto de leis municipais que estabelecem as regras para o crescimento e o funcionamento da cidade. [...] Tem o objetivo de organizar a cidade para que o interesse coletivo prevaleça sobre o individual, sendo uma forma de garantir a função social da cidade e da propriedade, ou seja, a justa distribuição dos benefícios e dos custos dos investimentos aos moradores⁴⁶.

De acordo com o engenheiro civil da prefeitura municipal, é necessário ordenar a cidade, racionalizando o espaço em busca de *equidade social*. O *Plano Diretor* veio ao encontro disso. Implantado em 2006, *lapidou* a lei de uso e ocupação do solo existente e, segundo Jair Marcelino, se tivesse sido elaborado dez anos antes teria tornado a cidade “muito mais bonita e organizada” (MARCELINO, 2007). A cidade ordenada e/ou disciplinada foi projetada através de recortes, é *cidade colagem*. Houve uma (re) invenção do espaço urbano e, como *cidade imagem* dentre os vários espaços que coexistem, alguns são selecionados para representá-la, a exemplo do enfoque da vista aérea ou então do portal da cidade. Por que recortar apenas o *centro*, diante da amplitude e multiplicidade de lugares, observados tanto na planta da cidade e, mais ainda, ao observá-la *in loco*?

45 Em *A Cidade das Letras*, o literato Angel Rama traz uma perspectiva peculiar, pois se debruça sobre a análise da função desempenhada pela classe letrada nos centros urbanos da América Latina, considerando-os enquanto signo e núcleos de poder (RAMA, 1985, p. 17).

46 “Plano Diretor é ferramenta para crescimento integrado e participativo”. Disponível em: <<http://www.patobragado.pr.gov.br/makepage/controlador.do?action=load&resource=1>>. Acesso em: 17 abr. 2007.

Através dos discursos produzidos pelo poder público e pelos jornais, Pato Bragado é edificada seletivamente – a ser visualizada, (re) lembrada, comemorada – em conjunto com identidade e memória. É construída também entre disputas de poder, políticas culturais diferenciadas, modificações na imprensa local, etc. A cidade, então, está em constante movimento, envolvida em dinâmicas culturais e não é apenas aquela observada em *folders*, cartões-postais ou fotografias. Assim, este capítulo aborda embates materiais e simbólicos em meio ao processo de constituição da cidade. Num primeiro momento analiso as tensões e transformações na cidade e na imprensa e, em seguida, os embates em torno do desmembramento e emancipação político-administrativa, nos anos 90, e ainda a construção de memórias para o município.

Tensões e transformações na imprensa

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesse e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social⁴⁷

É preciso desconstruir a ideia de objetividade e neutralidade da imprensa. Torna-se necessário questionar quem produz, para quem, como, quando, onde e por que, pois o jornal não é “um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos” (CAPELATO, 1998, p. 12). Como afirmou Maria H. Capelato, a imprensa é desmistificada quando os seus produtores são encarados enquanto sujeitos *dotados de consciência determinada na prática social*. Através disto, o historiador como *agente da história* busca *captar o movimento vivo das ideias e personagens* presentes no interior dos periódicos. A posição que o periódico defende e a maneira como expressa seu discurso são elementos necessários a serem observados junto à materialidade do jornal, como destacou Tânia R. Luca. Como ferramentas utilizadas pelo historiador, a autora atesta a necessidade de analisar em diferentes momentos (variedade de formatos, o tipo de papel, qualidade de impressão, cores, imagens, etc.), as diferentes classificações (revista, jornal,

47 Cf. Capelato (1998, p. 21). Consultar ainda Vieira; Peixoto e Khoury (1997) e Faria (2001).

etc.), investigando através “da interação entre métodos de impressão disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos [...] os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” (LUCA, 2005, p. 132). Faz parte do ofício do historiador, ao lidar com esta fonte, observar a construção do periódico, pois sua materialidade é produzida, não aflora naturalmente. Os jornais estão inseridos num determinado momento histórico e possuem uma função social que deve ser explicitada.

A *Folha Bragadense* é um periódico em formato tabloide, composto por 08 a 16 páginas em média, desde sua criação, em 1995. Com circulação mensal e gratuita, atinge em Pato Bragado residências, comércio e órgãos públicos. Os 1500 exemplares/mês são distribuídos gratuitamente, sua circulação é local e os recursos financeiros que o sustentam advêm, em geral, de empresas privadas e do poder público municipal. Com exceção do formato, que permaneceu o mesmo desde a primeira edição, o periódico apresenta algumas modificações, a partir de 2000, como, por exemplo, o número de páginas, o tipo de letra utilizada, as primeiras páginas coloridas, as constantes mudanças de gráficas, etc. Houve também a diminuição significativa de pessoas responsáveis pela sua elaboração. Atualmente o periódico conta com a *família Prigol* (Flávio – diretor, a esposa Ana J. Kruger – proprietária e a filha Janaína – colaboradora) e Marili Besso, assessora da administração do jornal, que também é responsável pela assessoria de imprensa da prefeitura municipal de Pato Bragado e pela redação do jornal *Gazeta Popular*. O jornal distanciou-se gradativamente do local de onde emergiu⁴⁸, ultrapassou os muros da escola e, durante mais de uma década, foi o único jornal impresso de Pato Bragado.

Segundo Flávio M. Prigol, a prioridade do jornal é *manter o cidadão bem informado sobre as notícias locais* (cultura, esporte, agricultura, política, etc.). Em meio ao “rápido crescimento do município”, o jornal afirma *se orgulhar em registrar a história de um povo trabalhador e ordeiro*

48 Em dezembro de 1995, o jornal esclarece que é fruto de uma publicação em conjunto do GECAL – Grupo Estudantil Carlos Lacerda, Colégio Estadual Pato Bragado, Escola Municipal Marechal Deodoro, Câmara de Vereadores e Prefeitura Municipal. Contava com algumas pessoas que compunham o conselho editorial, colaboração e editores, a exemplo de alguns professores, um fotógrafo profissional e o assessor de imprensa da Prefeitura Municipal. Cf. Pato Bragado: Três anos de autonomia. *Folha Bragadense*, ano 01, n. 03, dezembro de 1995, p. 02.

que sabe o que quer⁴⁹. Além de *bem informar*, faz questão de frisar que a população é *trabalhadora e ordeira*. A afeição ao trabalho do *povo bragadense* tornou-se uma característica relevante à cidade, inclusive ao ser utilizada como base para consolidar o discurso do progresso de Pato Bragado. O periódico assume um papel de destaque, pois constrói memórias que em suas páginas são elaboradas à sua maneira e de acordo com interesses que lhe convém.

O jornal local acompanhou a constituição do município, mas seu contato com a prefeitura municipal ultrapassava a relação de *compra e venda de serviços*. Flávio M. Prigol, idealizador e responsável pela formulação e circulação do periódico, foi integrante da Secretaria de Educação e Cultura (secretário entre 2000-2003 e, em 2004, diretor do departamento de cultura). Durante este período são frequentes as matérias publicadas pela *Folha Bragadense* sobre eventos ou premiações que integrantes do CTG Sepé Tiaraju conquistaram, seja através dos irmãos Telles ou do próprio Luiz Grandó. Este último foi premiado, inclusive por intermédio do patrão do CTG, Flávio M. Prigol, através de uma moção junto ao MTG-PR, garantindo a titulação de “prefeito mais gaúcho do Paraná” (ULIANA, 2004, p. 106). O apoio do poder público municipal à entidade tradicionalista é constantemente destacado nas páginas do periódico bragadense, pois, além de secretário, Flávio M. Prigol foi patrão do CTG (2004 a 2006). Tais perspectivas consolidam não apenas imagens positivas da administração pública, mas buscam deixar claro quem está viabilizando-as, ou quem são os responsáveis por sua elaboração. E a maneira como o periódico posicionou-se publicamente em suas páginas está imbricada com os interesses privados, dele e do grupo a que pertence e representa.

Em relação ao *O Presente*, periódico de Marechal Cândido Rondon, constituído no início da década de 1990, circulou neste município semanalmente, entre outubro de 1991 a março de 2001, e posteriormente tornou-se diário. Seu formato inicial correspondia ao formato 02, depois *standart* e depois adotou o de tabloide, utilizado até hoje, variando de 24 a 32 páginas. Interessante neste caso que a mudança em seu formato, segundo o jornal, se deve ao respaldo junto aos leitores⁵⁰, bem como às modificações no logotipo e na programação visual da

⁴⁹ Informações obtidas com Flávio M. Prigol, diretor da *Folha Bragadense*.

⁵⁰ Conferir nas edições: de 06 anos do Jornal: *O Presente* completa 06 anos. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 06, n. 304, 03 de outubro de 1997, p.13-17; de 08 anos: *O Presente*: 08 anos de

capa (*O Presente*, 03 de outubro de 1997, p. 13-17). Seu fundador, Arno Kunzler, até o início da década de 1990 fora representante da sucursal do jornal *O Paraná*, em Marechal Cândido Rondon. Candidatou-se inclusive a prefeito desta cidade, em 1992, contudo, foi derrotado. Nesse momento *O Presente* ainda se firmava na cidade e propunha-se a atingir a Costa Oeste e municípios próximos, ou seja, a região de municípios banhados pelo Lago de Itaipu⁵¹. Sua candidatura pode ter sido estimulada pela construção do jornal, proporcionando-lhe visibilidade na cidade ou favorecimento na sua eleição. Além disso, a política é um elemento marcante no jornal ao longo de sua trajetória, como mencionado em sua edição especial de 15 anos, em 2006⁵².

Desta forma, observo a ênfase concedida a determinadas lideranças políticas ou posicionamentos adotados em relação à própria política apesar do jornal não declará-la e afirmar ter uma linha editorial *independente*. Desde 2004, *O Presente* conta com mais um sócio, o publicitário Paulo Rodrigo Coppetti, ex-funcionário que passou a comandá-lo juntamente com Arno Kunzler, fato que indica a profissionalização que o jornalismo tem visto nas últimas décadas (ABREU, 2002). Em relação à *Folha Bragadense*, a maior profissionalização é percebida através do ingresso ao curso de jornalismo da filha de Flávio M. Prigol, Janaíne Erley Prigol, que já é colaboradora daquele jornal.

Os periódicos aqui analisados surgem na década de 1990, momento em que novas tecnologias, como a internet, estavam se consolidando em empresas de comunicação. No entanto, a expansão do uso desses recursos tecnológicos pelos respectivos jornais foi lenta. *O Presente*

História: *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 09, nº 410, 15 de outubro de 1999, p. 38-41; e de 14 anos: 14 anos de *O Presente*. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 15, nº 1676, 04 de outubro de 2005, capa e p.02 a 11.

51 Segundo informações obtidas junto ao jornal, até 2007, além de Marechal Cândido Rondon, são mais 23 municípios nos quais o jornal circula, são eles: Quatro Pontes, Pato Bragado, Toledo, São Pedro do Iguçu, Vera Cruz do Oeste, Céu Azul, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguçu, Missal, Serranópolis do Iguçu, Itaipulândia, Santa Helena, Entre Rios do Oeste, São José das Palmeiras, Diamante do Oeste, Ouro Verde, Mercedes, Guaíra, Terra Roxa, Palotina, Maripá e Nova Santa Rosa, e também os inúmeros distritos destes municípios.

52 Em 2006, apenas utilizo a edição especial de 15 anos do jornal para investigar elementos de sua trajetória neste período. Especial 15 anos Comemore, O Presente é seu! *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 04 de outubro de 2006. 24p.

registra sua utilização em anos posteriores à sua fundação, assim como a *Folha Bragadense*. O uso de computadores e da internet como ferramentas de obtenção e propagação de informação é encarado, pelo *O Presente*, por exemplo, como um mecanismo que transformou o modo de *fazer* do periódico, facilitando e auxiliando na diagramação do jornal e extinguindo os processos “artesanais” de feitura (04 de outubro de 2005, capa e p. 02 a 11).

Ambos os jornais não sofreram interrupções em sua circulação desde as suas respectivas fundações, em 1991 e 1995 até 2005, porém, modificações em seu formato, periodicidade, números de páginas e páginas coloridas, cadernos especiais, locais de impressão, qualidade do papel utilizado, dentre outros elementos são visíveis no interior de cada periódico. É imprescindível, segundo Tânia R. Luca, perceber que as técnicas adotadas pelos periódicos são dotadas de *historicidade*, que se inserem em *contextos histórico-culturais específicos* e que o conteúdo do jornal não deve ser visto isoladamente. Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas e fontes periódicas (LUCA, 2005, p. 138-139).

Embora afirmem ser imparciais e objetivos, os periódicos são “sujeitos sociais” que produzem discursos. Para tanto, a imprensa é problematizada de acordo com suas singularidades e particularidades, sendo necessário que se percebam as modificações ao longo do tempo e as transformações daí decorridas, contribuindo com a construção da pesquisa histórica. Sabe-se que nem mesmo o próprio historiador é neutro, e a história é (re) escrita, (re) construída, (re) inventada. O historiador cria, constrói, inventa (não no sentido pejorativo do termo), mas preocupado com os aspectos teórico-metodológicos que permeiam sua pesquisa. Como apontou Stefen Bann, a invenção é uma questão de tom (1994, p. 20), e está nas decisões que o historiador faz a partir da explicação que ele dará ao objeto por ele problematizado.

De acordo com Heloisa Cruz “[...] a cidade se transforma e transforma sua imprensa” (1994, p. 210). Em Pato Bragado houve a elaboração de outros veículos de comunicação, a exemplo da Rádio Comunitária, através da Associação Comunitária Cultural Bragadense – ACCB –, mais conhecida como Pato FM 104,9 e do jornal *Gazeta Popular*. Tais modificações foram proporcionadas pela troca do executivo municipal e a *mudança de grupo* na administração da cidade. Fundada em setembro de 2006, a Pato FM envolve alguns daqueles que integraram o poder público municipal em anos anteriores, incluindo aí o nome do ex-secretário de educação,

e ex-patrão do CTG, Flávio M. Prigol; do ex-vice-prefeito Delmar Fincke, eleito em 1997 ao lado de Verno Scherer e em 2000 com Luiz Grandó; Laércio Canabarro (Nêne), ex-secretário de Finanças em 1997 e 2001 e integrante do CTG; Sérgio Spies, ex-chefe de gabinete em 1997; e Rogério Scherer, também ex-chefe de gabinete nomeado em 2001, dentre outros⁵³.

Além da rádio comunitária, há a criação de outro meio de comunicação no município, o periódico *Gazeta Popular*, informativo mensal produzido pela prefeitura municipal em parceria com *O Jornal*, de Marechal Cândido Rondon. Editado a partir de março de 2007, com circulação mensal e gratuita, sua primeira edição não foi lançada aleatoriamente, mas por ocasião da principal *feira do município*, a Festa Nacional do Cupim Assado (*Gazeta Popular*, março de 2007, p. 02). Distinguindo-se das administrações anteriores, a atual administração *desligou-se da Folha Bragadense*, mas *produziu* um outro periódico em conjunto com a festa. “Um veículo de interesse geral (...) [enfocando] o andamento e ações realizadas pelo poder público em favor da comunidade” (*Gazeta Popular*, março de 2007, p. 02). Tem ainda “[...] desejo de funcionar como síntese dos acontecimentos que marcam o desenvolvimento de um promissor município” (*Gazeta Popular*, março de 2007, p. 02). Num paralelo entre a *Gazeta Popular* e a *Folha Bragadense*, grosso modo, alguns aspectos assemelham-se, a exemplo de sua circulação mensal e gratuita, o seu formato de tabloide, suas 16 páginas, a presença de anúncios de empresas de Pato Bragado e Marechal Cândido Rondon etc. Mas, ao mesmo tempo, a *Gazeta Popular* trouxe consigo interesses de outro grupo no poder público municipal.

Em suma, construiu-se outro jornal, com aspectos semelhantes, desejando uma nova cara: *No município era verbo, que ganhou um rosto e, do rosto se fez um novo jornal*. Este novo jornal que está sendo evidenciado para além do trocadilho de cunho religioso, demonstra um novo período em Pato Bragado, formulando-se um outro canal de divulgação do poder público. Mas também se assemelha a um desejo antigo (já mencionado pela *Folha*), que é a construção de um periódico que busque abranger Pato Bragado em meio ao *desenvolvimento de um município promissor*. Foi lançado na comemoração do aniversário do município, intercalando informações de interesse geral da população com o desempenho do poder público municipal em prol

53 Rádio Comunitária completa um ano de programação. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano X, n.109, outubro de 2007, p.02. Ou ainda, pode-se ouvi-la através do endereço eletrônico: <www.radiopatofm.com>.

da cidade e dos bragadenses. Provavelmente a criação de outro jornal seja um dos motivos para que, pela primeira vez ao longo de 12 anos, a *Folha Bragadense* interrompesse sua edição, entre junho e setembro de 2007, voltando a ser impressa em outubro, por ocasião da Oktoberfest, com apenas metade de suas páginas, frisando o aniversário da rádio comunitária e desferindo várias críticas ao poder público⁵⁴.

No período em que a prefeitura municipal anunciava em suas páginas, a *Folha Bragadense* trazia informações e opiniões que eram destacadas em meio a intenções e interesses diversos, enaltecendo a *boa imagem* e o *excelente trabalho desenvolvido* por determinadas administrações em prol da cidade e de seus munícipes. Contudo, a postura do periódico modifica-se após as eleições de 2004, quando Normilda Koehler assume o Paço Municipal bragadense, e, posteriormente, com a redução seguida pelo corte nos serviços prestados pelo periódico à prefeitura municipal. Em outubro de 2005, críticas são feitas à Oktoberfest e à construção de um painel para a prestação de contas (*Folha Bragadense*, outubro de 2005, p. 02). O periódico afirmou que publicar a prestação de contas em suas páginas traria mais *conforto e comodidade* aos munícipes bragadenses, e que, inclusive, estes receberiam o jornal em suas casas, sem correr o risco de serem atropelados ao pararem para visualizar o painel colocado em frente à prefeitura municipal. O jornal reforça os riscos de atropelamento ao ressaltar que se trata da rodovia PR 495 que atravessa a cidade (não da Avenida Willy Barth como é nomeada no perímetro urbano).

Desta forma, trabalhar com jornais possibilita, ao historiador, a análise das inúmeras maneiras como os acontecimentos são noticiados e de uma diversidade de situações vividas por diferentes sujeitos. Deve-se ter em mente que a imprensa forma opiniões, condiciona atitudes, não é neutra nem despolitizada, mas intervém de maneira particular, selecionando e manipulando informações, contribuindo para a construção de determinados discursos. Exemplo disso é Pato Bragado em relação à forma como se constroem características sobre a cidade e os bragadenses: um município de rápido crescimento, conquistado ao *libertar-se* de Marechal

⁵⁴ Entre as poucas notícias que esta edição dispôs em suas páginas, duas delas estavam diretamente relacionadas a embates com o poder público municipal, são elas: Projeto de revitalização da avenida é rejeitado. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 10, nº109, outubro de 2007, p. 02 e Trânsito de Pato Bragado: os problemas e possíveis soluções. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 10, n. 109, outubro de 2007, p. 07.

Cândido Rondon, constituindo-se em meio a um povo *trabalhador e ordeiro* numa cidade onde o *progresso não tem fronteiras*⁵⁵.

Da emancipação político-administrativa aos *royalties* e ao *Progresso sem Fronteiras*: Peculiaridades impressas nos jornais

Anos atrás, quando me propus a escrever sobre a trajetória do CTG Sepé Tiaraju, relacionando-a à constituição do município de Pato Bragado, tive conhecimento de que as movimentações em torno da criação da nova cidade ocorriam desde a década de 1980. O descaso por parte do *município-mãe*, Marechal Cândido Rondon, para com alguns distritos, dentre eles Pato Bragado, era apontado como um dos principais motivos. No entanto, as movimentações estenderam-se ao início dos anos 1990, envolveram interesses comuns e particulares e ocorreram num momento em que os *royalties* de Itaipu começavam a ser distribuídos aos municípios atingidos pelas águas do reservatório da Hidrelétrica, que formam o Lago de Itaipu.

Nesta perspectiva, discutirei aqui o desmembramento e o processo de emancipação político-administrativa de Pato Bragado, em meio a disputas políticas, como a possibilidade de candidatura única, e os embates em torno do recebimento dos *royalties*. Dos municípios que nasciam, entre estes Pato Bragado, os *royalties* ora foram vistos como compensação aos *prejuízos causados*, ora como responsáveis pelo desenvolvimento e *progresso* dos novos municípios.

Desta forma, o processo de desmembramento, iniciado na década de 1980, finda-se no início da década seguinte com um parecer favorável à criação do município, através da realização do plebiscito popular, em 18 de junho de 1990. Porém, a emancipação do município

55 Pato Bragado – progresso sem fronteiras. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 03, nº 162, 30 de dezembro de 1994, p. 20-22. Cabe frisar que esta expressão integrou grande parte da trajetória de constituição do município de Pato Bragado, referenciado pelos periódicos em datas comemorativas, como o aniversário do município. Na *Folha Bragadense*, já na primeira edição do jornal e em capa, o “progresso”, sobretudo buscava afirmar que a cidade teve inúmeros “benefícios” com o desmembramento de Marechal Cândido Rondon, no início da década de 1990 – Pato Bragado progresso sem fronteiras. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 01, ed. 01, outubro de 1995, capa. Foi considerada também *frase simbólica* do município e presente no site da prefeitura municipal, em especial durante o segundo mandato de Luiz Grando (2001-2004). Disponível em: <<http://www.patobragado.pr.gov.br/assessoria.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2006.

deu-se em 01 de janeiro de 1993, após o processo de eleição ocorrido em 1992. *O Presente* noticiou os confrontos nas primeiras eleições de Pato Bragado, em especial por não haver concordância da proposta de chapa única⁵⁶. A defesa de uma candidatura única gerou impasses e a disputa ocorreu entre Luiz Grando e Walter Klemann x Rodolfo Vilela e Ari Bender. Segundo o periódico, essa disputa poderia ter sido decidida pelo voto de brasiguaios – brasileiros que residem ou trabalham no Paraguai (28 de agosto de 1992, p. 10). Luiz Grando e Walter Klemann venceram as disputas eleitorais e assumiram o executivo municipal de Pato Bragado, em janeiro de 1993 (*O Presente*, 09 de outubro de 1992, p. 06 e 26; 13 de novembro de 1992, p. 03). Ao mesmo tempo em que são anunciados como eleitos, o jornal pontua que suas *vitórias eram esperadas*, não só em Pato Bragado, mas nos outros distritos que haviam emancipado (Entre Rios do Oeste, Mercedes e Quatro Pontes). O jornal aponta ainda que a diplomação dos *bragadenses* eleitos foi realizada no galpão do CTG, além do espaço ter sido disponibilizado talvez pelo fato de o prefeito Luiz Grando integrar aquela entidade.

Quinze anos após o desmembramento do distrito (contabilizados a partir de junho de 1990), em caderno especial produzido pelo *O Presente*, em 2005, relembrou-se o processo de realização do plebiscito, pelo qual foi aprovada a criação do município de Pato Bragado por cerca de 90% da população bragadense. Luiz Rosinski (presidente da câmara de vereadores, em 2005, e presidente do Conselho de Desenvolvimento Comunitário – CDC – em 1990) dizia-se orgulhoso em ter participado do processo de constituição de Pato Bragado enquanto município. Aponta que, assim como ele, todos os que disseram “sim” também deveriam sentir-se orgulhosos, pois através disto, o distrito conquistou autonomia e garantiu *evoluções* através da “qualidade de vida, valorização imobiliária e de geração de emprego” (*O Presente*, 18 de junho de 2005, p. 20). Cabe lembrar que o processo de emancipação foi dirigido pelo CDC, composto por pessoas ligadas ao distrito de Pato Bragado que afirmavam ser necessária a conquista

56 Cf. Conselho de desenvolvimento de Pato Bragado quer intermediar candidaturas em 1992 e Luiz Grando: o ideal para Pato Bragado é a candidatura única. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 01, nº 07, 15 de novembro de 1991, p. 04 e 05. Kinzkowski descarta a candidatura a prefeito em Pato Bragado. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 01, nº 17, 07 de fevereiro de 1992, p. 08. Grando e Klemann podem disputar a prefeitura em Pato Bragado. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 01, nº 24, 27 de março de 1992, p. 10.

para a população bragadense tornar município o distrito. Inge Romer considerou que apesar de alguns *entraves*, como “[...] divergências políticas, interesses particulares, indisposição do município-mãe, falta de liderança, de documentação, etc.” (ROMER, 1998, p. 21), o movimento persistiu e alcançou o objetivo almejado, ou seja, a criação do município. Para ela, o *ideal comum* teria superado os *entraves*, dentre eles os interesses particulares.

Entretanto, a emancipação do município não foi unânime, e o ideal não era tão comum assim, já que os conflitos aflorados foram marcantes. Inge Romer anexou em seu Trabalho de Conclusão de Curso uma nota de agradecimento do Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Pato Bragado, expedida em outubro de 1991. Nesta, o CDC, através de seu presidente, Luiz Rosinski, não apenas agradeceu à comunidade que [...] *apoiou e lutou pela iniciativa do conselho [...], mas o Conselho também lembra as pessoas que procuraram prejudicar o trabalho de seus membros, usando de artifícios egoísticos e omissos. A estes a comunidade oferece a oportunidade de redimir-se*⁵⁷. A existência de conflitos naquele momento foi algo significativo, tanto que houve repúdio aos contrários ao movimento de emancipação. Anos depois, o sentimento de orgulho é frisado para aqueles que disseram *sim* ao desmembramento, e reafirmado pelo próprio Luiz Rosinski. Eleito vereador nas duas últimas gestões, ele ressaltou que barreiras foram transpostas, dificuldades superadas, e, desta forma, enalteceu o processo que beneficiou cidade e municípios. Apesar disto, em meio à autoafirmação do processo de emancipação, a *intenção de um grupo* legitimou-se em nome da escolha do *povo bragadense*. Isto é, diversos interesses estavam postos, inclusive particulares, vistos na distribuição de cargos públicos, que emergiam do novo município (ROMER, 1998, p. 20 a 33), por aqueles que estavam envolvidos no Conselho. Luiz Rosinski é um exemplo, o presidente do CDC, anos depois, foi nomeado secretário de saúde (*O Presente*, 31 de dezembro de 1992, p.03).

No entanto, o desmembramento do distrito de Pato Bragado do município de Marechal Cândido Rondon evidencia um processo em curso naquele momento, mais amplo que a mera superação de questões locais e a luta para que o *distrito abandonado* se emancipasse. Tal processo envolveu outros distritos de Marechal Cândido Rondon e também de outros municípios

57 Cf. Nota de agradecimento. Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Pato Bragado. 18 de outubro de 1991 (ROMER, 1998, p. 75).

da região, e os *royalties*, neste caso, são um ponto de partida para tecer algumas discussões⁵⁸. Ao folhear os jornais, sobretudo *O Presente*, a partir de 1991 (momento em que surge este jornal), inúmeras notícias me inquietaram. Em especial, a polêmica retratada pelo periódico rondonense sobre os *royalties*, enquanto a *Folha Bragadense* pouco os mencionava, em boa parte de sua trajetória. Qual é a intenção do jornal local em mencioná-los esporadicamente? E qual discurso produzia quando os noticiava? Considerando que os jornais não são imparciais, nem neutros, quais seriam suas intenções? Seria construir e/ou elaborar uma determinada *imagem* à cidade e aos bragadenses? Solidificar o discurso harmônico, pautado em iniciativas que supostamente beneficiaram a população como um todo? Manter o discurso como instrumento de poder naturalizando e negando a existência de conflitos e contradições na cidade?

Em Pato Bragado, o próprio CDC visualizava a possibilidade do recebimento de *royalties* de Itaipu, caso houvesse o desmembramento, como é destacado por Inge Romer: *o senhor Sérgio Kinzkowski* [vereador representante do distrito em Marechal Cândido Rondon, posteriormente vereador em Pato Bragado e integrante do CTG] “fez a leitura da Lei Constituinte Estadual que rege sobre a formação de novos municípios [...] alertou também [...] sobre os possíveis royalties que poderiam ser destinados ao município, caso houvesse desmembramento” (ROMER, 1998, p. 18). Cabe frisar que os *entraves* apontados anteriormente refletem uma situação tensa e complexa para a compreensão do processo de transição *distrito-município* que,

58 Cabe frisar que não foram criados no período apenas municípios ligados ao interesse pelo rateio dos *royalties* (como por exemplo, aqueles que se desmembraram de Marechal Cândido Rondon ou de São Miguel do Iguaçú - Aparecidinha do Oeste - distrito passou, em 1992, a chamar-se de Itaipulândia). Disponível em: <<http://celepar7.cta.pr.gov.br/SEEG/sumulas.nsf/319b106715f69a4b03256efc00601826/cdb50f8ad47d8dcd83256f9a00699ede?OpenDocument>>. Acesso em: 24 abr. 2007. Deste modo, os *royalties* fizeram parte da polêmica emancipação de Pato Bragado entre outros distritos. Contudo, no mesmo período Corbéia, Ramilândia e Matelândia emancipam-se, mesmo sem terem sido afetados pelo Lago de Itaipu e desta forma terem acesso aos royalties. Plebiscitos: mais quatro distritos dizem ‘sim’. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 01, nº 07, 15 de novembro de 1991, p. 14. O jornal também evidencia que alguns projetos de criação de novos municípios foram vetados pelo governador do estado, Roberto Requião, suspendendo a emancipação de Vila Nova e Novo Sarandí (Toledo) e Santa Rita do Oeste (Terra Roxa). Decisão do supremo não atinge municípios criados em 91. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon., ano 01, nº 24, 27 de março de 1992, capa.

em nome da população, foi concretizado em meio às disputas políticas e interesses particulares, mesclando-se ainda à luta pelo recebimento dos *royalties*.

De acordo com Inge Romer,

o presidente da Comissão, Sr. Luis Rosinski, iniciou um trabalho de divulgação com propagandas, palestras, pinturas em carros, bem como ‘panfletos’ e todos os recursos possíveis para que houvesse um resultado positivo no plebiscito. Organizaram-se diversas reuniões para o esclarecimento dos eleitores, utilizando dados estatísticos que comprovassem a viabilidade econômica e as vantagens da emancipação para a população (1998, p. 21).

Além do particular empenho do presidente para aprovação do município, segundo Inge Romer, um dos elementos exigidos para a liberação do plebiscito baseava-se na proposta de que o município fosse autossuficiente. No entanto, em 1998, ano de sua pesquisa, os *royalties* e a agricultura consistiam na maior fonte de renda de Pato Bragado (1998, p. 44). Esses ainda são os *pilares de sustentação* da cidade, em especial os *royalties*, que, em 2007, de acordo com o Secretário de Finanças, Gilberto Maelher, correspondiam a 60% da receita do município.

Dentre estes elementos, percebe-se um impasse estabelecido em torno da interrupção, em 1993, do repasse do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e prestação de Serviços) de Itaipu, recebido juntamente com os *royalties* por todos os municípios atingidos pelo Lago de Itaipu. O periódico *O Presente* noticiou, ao lado das disputas eleitorais, os embates envolvendo o repasse de *royalties* aos municípios limieiros ao Lago de Itaipu. Em dezembro de 1992, tensões foram estabelecidas pela decisão do Tribunal Superior de Justiça do Estado (TSJ) que previa a retirada da partilha do ICMS gerado por Itaipu e a passaria apenas ao município sede da Hidrelétrica, ou seja, Foz do Iguaçu, a partir de 1993 (*O Presente*, 04 de dezembro de 1992, p. 07).

Evidencia-se, a partir daí, uma *verdadeira batalha* nas páginas daquele periódico, numa série de notícias⁵⁹. Os municípios, ainda em 1992, impetram um mandado de segurança, em

59 Municípios vão ao STJ para garantir ICMS de Itaipu. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 59, 27 de novembro de 1992, capa. Tais deputados, inclusive, vão se manifestar em defesa dos municípios limieiros reunidos. Wanderer em prol da defesa da manutenção de Élio Winter na presidência da Itaipu, afirmou que *os interesses do Oeste do Paraná estarão identificados na diretoria da empresa*. Itaipu: disputas

Brasília, e ainda recorrem aos deputados Élio Rush e Werner Wanderer, para auxiliá-los na derubada desta medida. Em 1993, houve a decisão dos prefeitos pelo fechamento das prefeituras dos municípios lindeiros durante dois dias. Esta atitude ainda *é pouco*, segundo Luiz Grando, prefeito de Pato Bragado (*O Presente*, 02 de abril de 1993, p. 04). Ele defendeu o fechamento da BR 277, rodovia federal que dá acesso a Foz do Iguaçu, como forma de atrair um maior número de olhares para a problemática, cobrando uma postura *justa*. A onda de protestos promovida pelo Conselho dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu, criado em 1990⁶⁰, e registrada pelo jornal *O Presente*, prolongou-se até meados de 1994, momento de apreensão e expectativa em que os municípios atingidos pelo Lago voltariam a receber o repasse do ICMS e as parcelas dos *royalties*, que inclusive estavam atrasadas (21 de janeiro de 1994, p. 15; 23 de abril de 1994, p.10).

Neste sentido, Pato Bragado e seus *irmãos* – Mercedes, Entre Rios do Oeste e Quatro Pontes⁶¹ – manifestavam-se, em conjunto, ao lado do *município-mãe* (Marechal Cândido Rondon), em 1992, antes mesmo de assumirem oficialmente as respectivas prefeituras, em janeiro

podem acabar nesta semana. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 59, 27 de novembro de 1992, capa. E, Rush em alterações do projeto-de-lei, através da súmula, *acresce e altera, de forma interpretativa, dispositivos da lei estadual nº 8.933/89 (lei instituidora do ICMS)*. Deputado Élio Rush apresenta projeto para mudar a lei do ICMS. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 60, 04 de dezembro de 1992, p.16. Dois dias de protesto contra a falta de ICMS de Itaipu, ano 02, nº 75, 09 de abril de 1993, p. 17. Caravanas de toda região devem acompanhar a votação do projeto sobre ICMS. Idem, nº 76, 16 de abril de 1993, capa. É injustiça apenas Foz receber ICMS, nº 81, 21 de maio de 1993, p.04. Prefeitos estão preocupados com a falta de repasse do ICMS de Itaipu. Dinheiro pode ser depositado até o julgamento da questão. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon,. Ano 03, nº 108, 03 de dezembro de 1993, p. 05. Municípios impactados terão próxima reunião em Brasília. Ano 03, nº 109, 10 de dezembro de 1993, p. 05. Para Rush, Requião está discriminando municípios lindeiros. Ano 03, nº 113, 14 de janeiro de 1994, p.03.

60 Disponível em: <<http://www.guaira.pr.gov.br/php/noticia.php?id=1026>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

61 ICMS de Itaipu: Problema comum que atinge os emancipados e o município-mãe. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 60, 04 de dezembro de 1992. p, 07. Nesta edição o periódico destaca também a busca de Quatro Pontes pelo repasse dos *royalties*, todavia este não teve seu território atingido pelo Lago e deste modo “não teria direito” a recebê-los. Até hoje o município não recebe, no entanto, como Quatro Pontes mantém-se sem esta fonte de recurso, indispensável para “seus irmãos”? Ver ainda Quatro Pontes quer parte dos *royalties* de Itaipu. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 02, nº 66, 05 de fevereiro de 1993, p. 13.

de 1993. Para o então prefeito de Pato Bragado, Luiz Grando, o município perderia cerca de 80% do ICMS arrecadados e não *sobreviveria*. “Sem a volta do ICMS fica praticamente inviável administrar Pato Bragado” (*O Presente*, 29 de janeiro de 1993, p. 14). Ainda segundo o prefeito Luiz Grando, *fomos prejudicados e o regresso do ICMS de Itaipu é uma compensação para os prejuízos que todos tivemos*, não apenas Foz do Iguaçu (*O Presente*, 04 de dezembro de 1992, p.07).

Cabe frisar que a partilha do ICMS e o recebimento dos *royalties* são considerados como uma *indenização* ou uma *compensação* em virtude dos *prejuízos causados* pela Usina, sobretudo pelos territórios submersos pela construção do reservatório e, ao mesmo tempo, são encarados como meio necessário à sustentação e ao desenvolvimento destes municípios. Ainda em 1992, Itaipu é *fator de desenvolvimento regional*, ao gerar não somente energia, mas também ICMS e *royalties*, estes responsáveis, segundo o periódico rondonense, em grande parte por transformar “[...] os municípios ribeirinhos em verdadeiros pólos de desenvolvimento regional [...] assim, a história de Itaipu começa a escrever um novo capítulo de esperança, de progresso e de desenvolvimento de uma região” (*O Presente*, 27 de novembro de 1992, p. 03).

A construção da *maior hidrelétrica do mundo*, planejada durante os governos militares, a partir da década de 1960, reunia elementos voltados a uma política nacionalista de desenvolvimento e busca pelo *progresso*. O empreendimento afirma o progresso, observado no ato de avançar sobre uma região considerada *inóspita*, mas geopoliticamente importante – a fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Ao progresso são atribuídos vários significados, em sua maioria positivos, e, neste caso, Itaipu representa a superação da natureza pelo homem, pois através da técnica humana, a natureza como obstáculo foi transposta (visão do século XIX é reforçada). Entretanto, a construção da Itaipu Binacional teve impactos negativos, tanto sociais quanto ambientais, diretamente observados às margens do Lago ao longo de seus 1.350 km² de extensão, transformando significativamente o espaço que ocuparia. Em se tratando do Oeste do Paraná, implicaria, por exemplo, na criação de novos municípios, como Pato Bragado. Em nome do *progresso* varrer-se-iam todo e qualquer empecilho, a exemplo dos moradores que tiveram suas terras invadidas pelo Lago ou a expulsão dos indígenas, os quais aparentemente, até este momento, inexistiam⁶².

62 Sobre a relação dos indígenas, no caso os Guarani Nandeva e Itaipu, conferir Conradi (2007).

Neste sentido, o progresso, enquanto “uma idéia-força que se confunde com um discurso hegemônico encastelado no anseio universal de uma marcha para a utopia” (DUPAS, 2006, p. 22), é problematizado.

O jornal *O Presente* apresenta uma visão positiva acerca de Itaipu, negando as tensões estabelecidas no processo de construção, dentre outros aspectos, para então valorizá-la e enaltecê-la, principalmente considerando a compensação financeira aos municípios atingidos. Em reportagem especial sobre os 25 anos de Itaipu, em 1999, o jornal argumentou que esta *representa a alavanca do desenvolvimento econômico na Costa Oeste*. Seus projetos e iniciativas promovem o desenvolvimento dos municípios lindeiros, e o Lago, ao invés de *responsável por prejuízos*, justifica o progresso, transformando-se num “Lago de riquezas” (21 de maio de 1999, p. 11 a 15).

Já em editorial, no ano de 1995, o jornal considerava:

é impressionante como em apenas dois anos e meio, os municípios emancipados em toda a região, conseguiram se desenvolver [...] Com ruas asfaltadas, atendimento na área de saúde, transporte, educação e, principalmente, com empresários e políticos motivados, que acreditam no futuro de suas cidades (20 de outubro de 1995, p. 02).

O *progresso* contemplava os novos municípios, ao contrário dos *velhos*, como Marechal Cândido Rondon, *fadados à estagnação*. Aquele jornal afirmou que não se reconhecem mais os distritos que agora são municípios, e que o tamanho da cidade implicou numa melhor administração e aplicabilidade de investimentos, pois para ele *quanto menor a comunidade [...] melhor se aplica o dinheiro público*. Para o jornal rondonense, o progresso, visto nas inúmeras transformações decorridas nos distritos ao alcançarem a emancipação político-administrativa, deve-se ao repasse do ICMS e do recebimento dos *royalties*.

Como numa corrida pelo ouro, as *riquezas* proporcionadas pelo Lago foram disputadas. A perda de *quase metade* do território de Marechal Cândido Rondon e a redução do número de habitantes ocorreram por ocasião das emancipações político-administrativas de Pato Bragado, Mercedes, Quatro Pontes e Entre Rios do Oeste (*O Presente*, 11 de outubro de 1991, p.10). Somaram-se também a redução da arrecadação de impostos e, ainda, a *divisão*

dos 'royalties'⁶³. Dos *royalties devidos pela Itaipu ao Brasil*, seguem alguns critérios previstos no decreto nº 01, de 11 de janeiro de 1991. Destes, cerca de 90%, ou seja, a maior parte, é destinada ao Estado do Paraná e aos municípios diretamente afetados de acordo com a proporção de suas áreas alagadas⁶⁴. A sistemática do repasse tem o segundo procedimento: cabe à Itaipu o pagamento ao governo federal e a este a responsabilidade pela distribuição aos envolvidos.

Os dólares repassados por Itaipu ao Tesouro Nacional, até 2007, correspondiam a US\$ 3,13 bilhões. No mês de outubro daquele ano foram US\$ 9,73 milhões, dos quais US\$ 7,36 couberam ao Paraná e aos seus 15 municípios. Desse montante geral, Pato Bragado recebeu US\$ 166,9 milhões⁶⁵.

Discute-se, em Pato Bragado, a aplicabilidade do dinheiro dos *royalties*, em virtude da possibilidade destes cessarem em 2023, ano que se encerrará o Tratado de Itaipu⁶⁶. Cabe frisar que essas discussões não se restringem somente a Pato Bragado, mas abrangem todos os municípios lindeiros ao Lago de Itaipu (*Gazeta Popular*, maio de 2007, capa e p. 07; *O Presente*, 18 de agosto de 2007, capa e p. 04). Para a prefeita Normilda Koehler, isto é fato, e ela afirmou, em 2005: “Queremos estruturar o município para que haja desenvolvimento planejado” (*O*

63 A arrecadação diminuiria ainda mais com o possível desmembramento de outros distritos de Marechal Cândido Rondon, no entanto, apesar das tentativas não houve sucesso. Cf População de Margarida e Porto Mendes, desgostosa luta pela emancipação”. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 03, nº 184, 16 de junho de 1995, p. 20 e Comunidade quer emancipar Porto Mendes. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 07, nº 330, 03 de abril de 1998, caderno central, capa, p.17.

64 Além dos 15 municípios paranaenses, há ainda Mundo Novo, pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul. Dentre estes, Santa Helena é o município que recebe a quantia mais alta. Também recebem parte dos *royalties* de Itaipu a Agência Nacional de Energia Elétrica, Aneel, o Ministério do Meio Ambiente, o Ministério de Ciência e Tecnologia, o Ministério de Minas e Energia e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <[http://www.eletrobras.com/IN_NUCA/mostrar_informe.asp?menu=15367%2F03%2F2005#Itaipu%20repassa%20US\\$%2016%20mi%20em%20pagamentos%20de%20royalties%20em%20março](http://www.eletrobras.com/IN_NUCA/mostrar_informe.asp?menu=15367%2F03%2F2005#Itaipu%20repassa%20US$%2016%20mi%20em%20pagamentos%20de%20royalties%20em%20março)>. Acesso em: 26 abr. 2007.

65 Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.br/>>. Acessado em: 16 dez. 2007.

66 Cf. Conradi, “em 26 de abril de 1973, pelo presidente do Paraguai Alfredo Stroessner e pelo presidente brasileiro Emílio G. Médici, oficializando o interesse de ambos em aproveitar os recursos hidráulicos no rio Paraná, de forma conjunta e igualitária”. (CONRADI, 2007, p. 45; p. 51 e 52). Este contrato perduraria 50 anos e, deste modo, a data limite para o pagamento dos *royalties* se estabelece em 2023. Ver também *Histórico*. Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.br/>>. Acesso em: 16 out. 2007.

Presente, 18 de junho de 2005, p. 21). Ao defender o planejamento estratégico e o aumento da receita do município como meta necessária a ser cumprida em seu mandato, aponta que, nas administrações anteriores, houve dinheiro, mas não planejamento, em virtude do valor do dólar e do montante recebido (*Gazeta Popular*, maio de 2007, p.07). No entanto, onde e de que forma são aplicados os *royalties* recebidos? Quais são as medidas que condicionam ou definem como estes recursos são aplicados⁶⁷?

O tamanho da cidade, antes positivado pelo *O Presente*, é visualizado de outra forma pelo poder público e também pelos entrevistados. A retirada dos *royalties* ocasionaria aos *municípios pequenos* grandes dificuldades para manterem sua infraestrutura. Jair, Adejandre, Gaspar e Manoel fazem constantes referências a isso em suas falas. Segundo Yara Aun Khoury, “[...] a relação imbricada entre os fatos narrados e significações construídas vão muito além das próprias entrevistas. Eles se forjam nas relações sociais vividas e também incidem sobre elas” (2004, p.122). Tais narrativas inserem-se nas discussões que estão sendo realizadas na cidade em busca de planejamento para que os recursos advindos dos *royalties* sejam aplicados na melhoria da cidade e da qualidade de vida de toda população bragadense.

Jair Marcelino afirma que o *município nasceu como um filho rico*, devido ao recebimento dos *royalties* e, desta maneira, houve *exageros* por parte *principalmente da população e de algumas autoridades no sentido de dar o peixe e não ensinar a pescar*. Sua narrativa, pautada em inúmeras metáforas, revela uma tarefa coletiva, que é envolver toda a população bragadense nas discussões sobre o *Projeto Pato Bragado 2023*⁶⁸. A data limite para a concessão dos *royalties* é 2023, e tornou-se necessário desde já propor medidas que possam garantir a sustentabilidade do

67 Em relação à Itaipu e o repasse dos *royalties* aos municípios, é destaque, em 2004, o Trabalho de Conclusão de Curso de Gabriele de Moraes Natele, intitulado *ITAIPU: Histórico, royalties e sua influência econômica para a região oeste do Paraná*. Neste, a autora a partir de uma análise da Economia aponta que *as cidades lindas deveriam ter uma reserva de capital muito maior que a existente não fosse a má administração e desvio de verba das administrações municipais, sendo necessária uma lei específica que regulamentasse o recebimento e aplicação das receitas dos royalties*. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/tc4_pesquisa.asp#paranaense>. Acesso em: 06 abr. 2007.

68 Pato Bragado apresenta metas voltadas à possível extinção dos *royalties*”. Disponível em: <<http://www.patobragado.pr.gov.br/makepage/controlador.do?action=load&resource=1>>. Acesso em: 06 jun. 2007.

município. Pato Bragado *tem que tá preparado, porque quando isso acontecê, o próprio município seja autossustentável. É um grande desafio, é ainda uma semente, um embrião*, e ao lançar essa semente à terra, *nós vamos colher o que nós vamos plantar*. O *grande desafio* não está apenas em tornar Pato Bragado autossustentável, mas em amenizar conflitos e contradições, superando-as em prol da realização do projeto e do município. Ao propor um discurso que a princípio atingiria a todos, Jair aponta a proposta da administração municipal e diz:

[...] A administração atual comprou a ideia de participatividade [...] Então nós queremos levar efetivamente esta participatividade lá em campo e, nós queremos ouvir a população, os problemas reais hoje, e ver qual que é a visão de cada cidadão [...] o que que eles vêem para o futuro e, dentro disso nós pegarmos esse embrião que tá assim surgindo, que nós queremos dar vida pra ele, moldar ele, dentro de cada visão, de cada cidadão [...] **Pato Bragado não é de uma pessoa, não é de um grupo é de todos** (2007. Grifos meus).

Além da legitimação da ideia de participatividade, o engenheiro civil afirma que a proposta possibilita abranger todo o município, através da mobilização de debates, oficinas temáticas, a escolha de líderes para discutir, juntamente com o poder público municipal, propostas para Pato Bragado; afinal a cidade é de todos e *não de um único grupo*.

Para além do *Projeto Pato Bragado 2023*, várias sugestões foram enunciadas pelos entrevistados. O empresário Adejandre Bolsoni, da indústria de calçados Beira Lago por exemplo, afirmou que o investimento na industrialização é um dos caminhos para Pato Bragado, caso os *royalties* deixem de ser pagos. É enfático ao considerar como uma *boa iniciativa* da atual administração municipal, receber no município a fábrica de macarrão instantâneo.

Dizem que os *royalties* do Lago de Itaipu vão acabar ou o contrato da Itaipu vai acabar. Então os administradores de agora já estão tendo planejamento, em pegar esse dinheiro e, transformar isso principalmente em indústria, como foi feito agora. Foi trazido uma [...] grande empresa. Uma iniciativa que está gerando empregos, então é isso que eu vejo. Que eu acho importante. Eu como dono de uma empresa, de uma indústria, como administrador eu acredito que este é o caminho certo para o município [...] Nós estamos numa cidade, numa região muito boa [...] que está cada vez crescendo mais. Eu vejo assim [...] que o crescimento no setor da indústria, no setor agropecuário [...] É importante. **E quem ganha com isso somos nós** (BOLSONI, 2007. Grifos meus).

Segundo Adejandre, o principal caminho para o crescimento da cidade estaria pautado no investimento e incentivos a indústrias, sua argumentação é sustentada pela ideia de *benefício mútuo*. Empresários, município e população, *nós ganharíamos com isso*. Ou seja, destinando incentivos aos empresários, a prefeitura arrecadaria mais impostos, e a população teria mais empregos, o que implicaria na melhoria da qualidade de vida. Para ele, dessa forma, a cidade conseguiria se autossustentar tranquilamente sem o dinheiro recebido pelos *royalties*.

O aumento da arrecadação de impostos, através da industrialização, também é mencionado por Manoel, ao afirmar que o município

[...] hoje tem uma empresa, pelo tamanho do município, grande, que é a FAVILLE e, essa é a intenção da prefeita. Porque o município não, não tem como viver apenas dos *royalties*, porque a cidade tá crescendo e tem que incentivar, trazer as empresas, indústrias [...] pro município para que possa ter o seu ICM e outros [...] impostos. E, assim poder atender os municípios, porque realmente *royalties*, ele vai [...] não sei, mais, mas vai que acabe e o município não tem renda e aí? (2007).

Segundo Manoel, a *ideia de facilidades* proporcionada pelos *royalties* atraiu muitas pessoas para o município, dentre as quais muitos brasiguaios, que, em busca principalmente de assistência médica, fazem a travessia do Lago de Itaipu (Marangatu – Porto Britânia). Por isso o entrevistado destaca a necessidade de se “repensarem” algumas atitudes em virtude da queda na receita do município e o aumento da demanda a ser suprida. Assim expressa Manoel,

[...] **Pato Bragado faz parte dos municípios limieiros que recebem *royalties*, então existe aquela ideia de que se tem muito dinheiro.** Então esses municípios sobrevivem praticamente dos *royalties*. Assim quatro anos atrás, Pato Bragado recebia, aproximadamente 200 mil dólares por mês. Vamos dizer que essa **ideia de facilidade** em morar em Pato Bragado, por ser uma cidade pequena, sem violência e tendo [...] essas facilidades de você ir ao posto [*de saúde*] e ser atendido, de ser encaminhado para Rondon, Toledo, Cascavel, Curitiba. Isso fez com que muitas pessoas mudassem pra cá. Mas, a gente percebe que hoje a cidade também está sentindo isso, porque com a queda do dólar [...] diminui também o repasse dos *royalties*. Então pra você ver, cresceu a cidade, veio mais gente, mas a receita diminuiu [...] e isso faz com que [...] algumas coisas tenham que ser repensadas, né? Mudadas para que possa atender o povo, não de 100% mas que todos possam ser atendidos (2007. Grifos meus).

Manoel, enquanto representante do Conselho de Saúde, acredita na busca e na necessidade de um equilíbrio entre a receita do município e o atendimento à população, principalmente nesta área, devido ao crescimento da demanda. Fazendo-se presente, renegando a condição de *outro* silenciado ou esquecido, defende que se deve atender aqueles que, assim como ele, migram para a cidade. O município necessita se preparar para o futuro, incentivando e investindo na industrialização, mas também precisa repensar algumas medidas, como, por exemplo, o *retorno* do programa *auxílio universitário*. Assim, estes, dentre outros elementos, garantiriam a autossuficiência da cidade e ampliação do atendimento à população.

Na visão dos entrevistados, os *royalties* também são um recurso significativo à receita da cidade. Mas o poder público ainda propõe políticas econômicas que garantam a auto sustentabilidade do município, como a industrialização e o turismo. Por vezes, os *royalties* são noticiados pelos periódicos como responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cidade, e contribuíram para a elaboração do *progresso sem fronteiras* presente no *site* oficial da cidade⁶⁹, durante a administração de Luiz Grando (1993-96 e 2001-04).

O *progresso sem fronteiras* ultrapassaria os limites políticos do município? O avanço da cidade esbarraria em obstáculos? As mudanças que ocorreram num município com pouco mais de uma década de existência o justificariam? Um discurso a ser consolidado em conjunto com o município? Pierre Bourdieu problematiza, a partir das ciências sociais, a ideia de região, percebendo-a além de seu caráter simplesmente físico, ou seja, a região é considerada enquanto algo não natural, mas construído. Neste caso, também as fronteiras são produzidas e (re) construídas em meio a disputas simbólicas de poder pelos diferentes grupos e sujeitos sociais. Assim, ele diz:

[...] lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão de mundo social através dos princípios de di-visão que, **quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o**

69 Progresso sem fronteira... e com qualidade de vida... Visite Pato Bragado. Disponível em: <<http://www.patobragado.pr.gov.br/assessoria.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2004.

sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (1989, p. 113. Grifos meus).

Neste jogo de poderes, o discurso *progresso sem fronteiras* é imposto, produz sentido e consenso à identidade e à unidade do grupo, propondo-o como realidade. Deste modo, em Pato Bragado não haveria fronteiras para o progresso e o “pequeno grande” está em expansão. Ao fazer ver e fazer crer, a dar a conhecer e fazer reconhecer, pelos munícipes e pelos demais municípios, o *progresso sem fronteiras* foi produzido num momento estratégico, para consolidar o processo de desmembramento do distrito, o nascimento da cidade, o empenho de determinados sujeitos e administrações municipais.

Pato Bragado “já é um dos destaques da região, quando se refere ao desenvolvimento” (*O Presente*, 30 de dezembro de 1994, p. 20-22). Ao *completar dois anos de vida própria*, em dezembro de 1995, o município é *progresso em todos os setores* (29 de dezembro de 1995, p. 27). Tais setores correspondem à agropecuária (agricultura, bovinocultura de leite, piscicultura), à educação (ampliação de escolas, apoio e incentivos a atividades culturais como grupos de teatro e ao bicampeão paranaense de chula mirim, Marcelo Telles de Almeida, a realização da feira do livro, feira de ciência), à saúde (atendimento a crianças e a brasiguaios) e a outros serviços prestados pelo município, como re-adequação, cascalhamento e pavimentação poliédrica de estradas, pavimentação asfáltica etc. Fato interessante: o jornal não menciona destaques em relação à industrialização, e nem qualifica, naquele momento, os *royalties*, mas apresenta a agropecuária como principal *alavanca* do desenvolvimento de Pato Bragado. Ao enfatizar que *os avanços registrados por Pato Bragado são visíveis*, várias fotos acompanham a notícia, ainda em 1995. O jornal destacou também que as *melhorias foram implantadas para o bem-estar, segurança e tranquilidade da população*. Ou seja, “melhorias” ao município refletiram, sobretudo, na qualidade de vida dos munícipes.

Assim como no periódico rondonense, o progresso integra o noticiário da *Folha Bragadense*, fazendo parte de suas páginas desde a primeira capa, em 1995. Tal progresso não se detém apenas aos projetos e investimentos realizados pelo poder público, mas está diretamente ligado a determinados sujeitos, a exemplo de Luiz Grando, como observado nas edições especiais alusivas aos *três anos de autonomia* e ao *município sem fronteiras*, respectivamente, em dezembro

de 1995 e dezembro de 1996⁷⁰. Em 1995, o jornal local anunciava que apenas três anos foram necessários para construir *o município onde você quer morar*, que neste período o prefeito e sua equipe foram capazes de oferecer *aos munícipes uma grande estrutura que promove cada dia melhores condições de vida a todos os que vivem aqui*. Em 1996, o veículo elogiava o desempenho do poder público municipal, enfatizando os projetos desenvolvidos pelas secretarias através de inúmeras fotos. Além disso, não bastava nomear apenas *secretaria de educação, cultura e desportos*, como o fez em 1995, mas *Educação: base para o futuro, cultura é desenvolvimento, esporte para todos*. Ou também *secretaria de viação, obras e serviços urbanos, mas construindo um município, o transporte como fonte de renda* ou *transporte: garantindo o direito de ir e vir...*

O jornal registra que a partir da gestão pública *independente*, Pato Bragado é diferente de quando era distrito. O município transformava-se a cada ano. A cidade se autoafirmava através das melhorias decorrentes da emancipação político-administrativa. Em edição de agosto/setembro de 1996, lê-se:

o município recém-nascido vê o que nunca iria conseguir se continuasse como distrito. O que foi conquistado é lucro de 100%. Passados esses mais de três anos, o prefeito Luiz Grando já pode passar pelo crivo da população. Logicamente, que qualquer cidadão que fosse eleito, também faria obras as mais diversas, contudo, poderia não fazer. Nesta enquete perguntamos às pessoas sobre a visão de cada um a respeito da primeira administração de Pato (*Folha Bragadense*, agosto/setembro de 1996, p. 07. Grifos meus).

O periódico fez uso de uma enquete para ressaltar determinados sujeitos – neste caso, o prefeito. Das pessoas selecionadas pelo periódico, 9 entrevistados, 4 são comerciantes. Críticas à administração se diluem em meio a elogios e ao apoio, de grande parte destes entrevistados, a Luiz Grando e equipe. Neste sentido, coube ao jornal utilizar tais elementos para dar

70 Cf. Pato Bragado: três anos de autonomia. Especial *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 01, ed. 03, dezembro de 1995, capa e p. 03. Município sem fronteiras. Especial *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 02, ed. 10, dezembro de 1996, capa. Em 1996, o prefeito agradeceu em especial o apoio da população a seu trabalho afirmando que “a vontade dos bragadenses é que realizou verdadeiramente as coisas” e, através disto pôde colocar em prática todos os projetos que tinha em mente.

visibilidade às modificações ocorridas em Pato Bragado, ligando-as ao comprometimento mais do que necessário destes sujeitos para com o recém-nascido município.

Na *Folha Bragadense, o progresso sem fronteiras* é destacado em algumas administrações com mais afinco que em outras. Neste sentido, embora o jornal referencie o *progresso* e o *crescimento do município para todos os lados*, durante o governo de Verno Scherer (1997-2000)⁷¹, o periódico enfatizou-os nas gestões de Luiz Grando. O esforço do integrante do CTG e prefeito é exaltado em março de 2003. As duas gestões municipais, entre 1993-1996 e 2000-2004, *superaram obstáculos encontrados*, principalmente por *iniciar do zero* a criação do município, embora estivessem amparadas pelo recebimento dos *royalties*. O jornal retoma e reforça ainda o discurso em maio de 2003, ao completar 13 anos de emancipação político-administrativa de Pato Bragado, e encerra a notícia declarando que

da emancipação até a atual gestão Grando e Delmar, Pato Bragado despontou como um dos municípios que mais evoluíram no Estado, o que nos mostra que o esforço das administrações satisfaz às necessidades da população da cidade que é reconhecida internacionalmente através da chula, e em todo o país pelas belezas, pelo crescimento, população hospitaleira que conquista adeptos em todo Estado nas festas do Cupim, Oktoberfest e nas belezas e criatividade das ornamentações natalinas (maio de 2003, p. 10).

Expressam-se aí vários elementos que constituem uma memória positiva, em que apenas *conquistas* e *vitórias* são elencados através de uma *boa* imagem da administração municipal, atrelando-a ou reconhecendo-a na trajetória da cidade, da sua *evolução*, do *esforço* que *satisfaz* a população. Mais do que isso, este discurso remete-se à trajetória do município até 2003, e elenca os aspectos mais relevantes voltados à construção de identidade e memória da cidade,

71 Cf. Pato Bragado comemora com orgulho o seu quinto aniversário. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 03, ed. 19, março de 1998, p. 08. Crescendo para todos os lados. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 05, ed. 34, novembro de 1999, capa. Pato Bragado cresce para todos os lados – Obras e realizações. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 05, ed. 37, março de 2000, p.10-13. Ver ainda: Pato Bragado: um canteiro de obras. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 07, nº 323, 13 de fevereiro de 1998, p. 26. Pato Bragado é um parque de obras. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, ano 09, nº 426, 04 de fevereiro de 2000, p.17.

legitimada pelo grupo, e que se dá a ver no jornal e também em outros espaços. Cabe lembrar que é no período 2001-2004 que se intensifica a produção de materiais voltados à divulgação de sua administração e da cidade. Além dos periódicos aqui analisados, mencionam-se ainda a elaboração de *folders*, cartazes, cartões-postais, especiais como o da *Revista Região* e a produção de um livro sobre a trajetória do município, dentre outros.

Durante este período se ampliam também as comemorações em torno do aniversário da cidade, não apenas no mês de março – momento adotado para a comemoração da emancipação político-administrativa através da realização da festa que representava a *pujança sócio-cultural* de Pato Bragado (*Folha Bragadense*, março de 1996, p. 12), a Festa Nacional do Cupim Assado – mas junho também é enfocado. Este foi mês do plebiscito que marcou o desmembramento de Pato Bragado, no início dos anos 1990.

Embora as diferentes datas se propunham a celebrar o aniversário, o modo de comemorá-lo se distinguia. Em março, durante três dias (sexta a domingo), no parque de exposições bragadense, entre bailes e apresentações culturais, elege-se a Miss Pato Bragado, ocorre o concurso do cupim assado e exposições da indústria e comércio locais, reunindo o que é produzido e comercializado no município e região (ULIANA, 2004, p. 31). A festa foi (re) elaborada, mantendo, por exemplo, a data de sua realização e incorporando o aniversário da cidade. Realizada em nível nacional, transformou-se no *maior evento* e um dos “carros-chefe” utilizados para a divulgação de Pato Bragado através do chamado *turismo gastronômico e de eventos*, como visto no primeiro capítulo. Em junho, data que teria a mesma finalidade, comemora-se o aniversário da cidade de forma distinta, a começar pelo local onde é realizada – ao invés de ser no parque de exposições bragadense, passa a ser na Praça Luis Dalcanale Filho, no centro da cidade, e conta, geralmente, com atos cívicos e apresentações culturais.

Tais apresentações culturais, em junho de 2003, foram destacadas como *parte da história* da cidade. Assim sendo, “o evento, além de comemorar a importante data para o município teve a finalidade de contar, através de apresentações, parte da história de Pato Bragado, e valorizar os talentos artístico-culturais desenvolvidos em Pato Bragado” (*Folha Bragadense*, junho de 2003, p. 02). Cabe frisar que a *Folha Bragadense* noticiou frequentemente os eventos culturais promovidos, em especial no momento em que Flávio M. Prigol esteve à frente ou integrado à Secretaria de Educação e Cultura, entre 2000 e 2004. A *valorização da cultura* e dos *talentos*

locais são observáveis através de uma foto do desfile composta por pessoas do grupo alemão. *O Presente*, em 19 de junho de 2003, também os referenciou em foto, destacando-os em meio à *cultura em alta* (19 de junho de 2003, capa e p. 08). Dois anos depois, as apresentações culturais corresponderam aos grupos de dança da terceira idade e juvenil, somando alemães e tradicionalistas (19 de junho de 2005, p. 07). Naquele momento, ao invés do grupo alemão, a Invernada Artística do CTG é que foi destacada em foto. Tais notícias tratam do aniversário da cidade, mas com enfoques distintos, ora alemão ora tradicionalista; no entanto, ambos representaram a *história e a cultura bragadense*.

A *história e a cultura bragadense*, produzida e selecionada pelo poder público e pelos periódicos, são o alicerce para forjar a identidade e a memória do município. Ao comemorar ano após ano o aniversário da cidade, em busca de legitimidade e de manutenção da ordem estabelecida, desconsideram-se mudanças, conflitos, contradições e tensões existentes. De acordo com Néstor Garcia Canclini, “os ritos legítimos são os que encenam o desejo de repetição e perpetuação da ordem” (2006, p. 163). Estas celebrações constituem-se, assim como o patrimônio histórico destacado por Canclini, em meio aos “acontecimentos fundadores que os evocam” (2006, p. 163).

Outra forma de atuação da administração de Luiz Grando foi o incentivo e apoio *incondicional* ao CTG e a alguns de seus integrantes, como aos chuleadores, os irmãos Telles, *fenômenos da chula*, que proporcionaram reconhecimento internacional à cidade mediante as suas premiações (ULIANA, 2004, p. 83-110). Grando ressaltou as ornamentações natalinas, momento em que o município foi invadido pelo *clima natalino* através de decorações, com premiações, *investindo-se* no estímulo aos munícipes às compras, principalmente por meio das promoções e sorteios realizados nos finais de ano.

Há ainda a população hospitaleira frisada também nos *dias de festa*, pois é preciso *conquistar* aqueles que *prestigiam* tanto a Festa Nacional do Cupim Assado como a Oktoberfest. Estas *atraem* sobretudo pessoas de outros municípios da região, estados e do país vizinho, o Paraguai. O jornal referencia a presença do presidente do Paraguai, mas por que os paraguaios e seus descendentes, que residem em Pato Bragado, por vezes não são mencionados? Busca-se unificar discursos que afirmem determinado grupo enquanto representante de si e da cidade e “o fortalecimento das identidades locais pode ser visto nas fortes relações defensivas dos

membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 1998, p. 65). Trata-se principalmente de uma ameaça diante da presença de *outros*, necessitando fortalecer posição no município.

Os projetos desenvolvidos por Luiz Grando são ressaltados também quando este encerra seu segundo mandato, em 2004 (*Folha Bragadense*, dezembro de 2004, p. 11- 14). O agradecimento do prefeito ao *povo bragadense* serve de abertura para a reportagem, composta por 04 páginas, na qual são descritas suas atividades. Aparentemente, a Pato Bragado vista no jornal local é retratada como uma comunidade harmônica, sem quaisquer conflitos ou tensões particulares, político-partidárias ou contradições, pois o discurso sobre a cidade insiste na sua unicidade e pretensão de homogeneidade. Esta homogeneidade é proposta em virtude da legitimação do discurso em favor de um grupo que esteve durante 08 anos à frente do governo municipal, do qual o próprio jornal é integrante.

Destaco que, no primeiro ano da administração iniciada por Normilda Koehler, em 2005, a *Folha Bragadense* assumiu uma postura bem diferente em relação à que mantinha nas administrações anteriores. Nos primeiros 12 meses, o jornal não realizou nenhum especial ou balanço da nova administração, muito pelo contrário, fez críticas ao trabalho desenvolvido, como já foi mencionado no início deste capítulo. Enquanto isso, *O Presente* publicou um especial, em junho de 2005, apresentando o planejamento da nova administração para Pato Bragado após 15 anos de emancipação político-administrativa (18 de junho de 2005, p. 17 a 24; 19 de junho de 2005, p. 07). Algumas mudanças seriam então realizadas na cidade, como a criação de outros meios de comunicação.

Desta forma, os jornais, apesar de distintos, pois são produzidos por pessoas diferentes e ligados a interesses particulares, têm discursos semelhantes. Discursos atrelados à *libertação político-administrativa*, ao *progresso sem fronteiras* e ao *pequeno grande do Oeste*. Discursos que marcaram não apenas maneiras peculiares de retratar a cidade, mas contribuíram na sua consolidação, principalmente por utilizar a história como cimento para sua sustentação.

A construção de memórias sobre Pato Bragado

Folders, cartões-postais, edições e cadernos especiais, livros, trabalhos acadêmicos etc. constroem constantemente Pato Bragado. Em vários momentos a *Folha Bragadense* fez

referência à trajetória da cidade, buscando afirmar memória através da história, como nas seguintes notícias: “Pato Bragado e sua história, o histórico do município e a história de um município vencedor” (junho/julho de 1996, p. 07; março de 1999, p. 13; março de 2002, p. 12). Para analisar esses aspectos cabe frisar que a memória e a história se distinguem, embora em alguns momentos se relacionem. A memória, assim como a história, considera o passado como seu principal objeto, no entanto, a própria memória é problematizada pela história. O passado é reconstruído pela memória como um plano mágico, pois alimenta-se de lembranças e de esquecimentos que interagem dialeticamente. Segundo Pierre Nora, a história, enquanto operação intelectual, demanda métodos e crítica, é *representação do passado*. Ele afirma ainda que “o dever de memória faz de cada um historiador de si mesmo” (1993, p. 17). Neste sentido, o jornal encarregou-se desse dever e na ânsia pela memória apropriou-se não apenas de lembranças, mas revitalizou a história, positivando-a. O veículo selecionou elementos que estão em concordância com os discursos elaborados pela prefeitura municipal e historiadores que, sob encomenda desta, elaboraram um livro sobre *memórias e histórias* do município. Neste sentido, problematizo a construção de memórias em conjunto com a ligação estabelecida pelo jornal local, o poder público e historiadores num paralelo com memórias por vezes ocultadas e silenciadas.

Qual discurso forja-se através da memória presente nas páginas daquele periódico? O uso da linguagem, enquanto prática social, é observada, nos textos jornalísticos, em meio à construção de sentidos, ao que o jornal mostra e esconde, o dito e o não dito, o que ele afirma, (re) afirma ou não menciona. Também se vinculam as relações entre sujeitos e grupos a determinados interesses, dentre outros elementos que fazem parte da produção de discursos.

Neste sentido, a memória, presente nas páginas do periódico e do livro, mescla-se e busca autoafirmar e consolidar o município, e, ao fazer seleções, legitimar determinado grupo e *preservar* elementos que a ele interessem, produzindo memórias a serem socialmente compartilhadas através de trajetórias lineares e harmônicas. O livro é utilizado por professores da educação básica do município e foi elaborado para atender a comunidade local, escolas e bibliotecas e demais leitores, sem exigência de *formação especializada*. A obra organiza linearmente as *origens* de Pato Bragado, a começar pelo rio Paraná, a presença dos ingleses e a construção do Porto Britânia, seguida pela atuação da MARIPÁ, a instalação de Itaipu, o processo de emancipação

político-administrativo, até a construção de identidades locais voltadas ao turismo e ao uso do museu para o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação patrimonial.

No periódico local as notícias foram elaboradas em conjunto com as datas que representam o aniversário da cidade. São mencionados o acervo do museu, a realização de projetos educacionais, o processo de colonização, a emancipação político-administrativa, os investimentos e as transformações ocorridas em Pato Bragado, além de aspectos gerais do município, como topografia, área total e limites, atividades econômicas, população etc. A *circularidade* de Flávio M. Prigol, ao *transitar* em vários espaços da cidade – poder público, imprensa, CTG e também na escola, pois é professor de língua portuguesa – colaborou para que boa parte destes elementos estivesse no livro produzido, que, inclusive, foi revisado por ele mesmo.

As ligações profissionais e pessoais entre sujeitos que compõem o jornal e o poder público culminaram na produção do livro *Porto Britânia a Pato Bragado: memórias e histórias*, em 2004. Flávio M. Prigol atuou na Secretaria de Educação e Cultura e foi coordenador do projeto que deu origem ao livro. Escrito em parceria entre prefeitura municipal e historiadores ligados à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – campus de Marechal Cândido Rondon, o livro visou a determinados fins: *atender anseios da comunidade*. Este [...] *vem culminar com o registro oficial dos fatos, disponibilizando dados para que toda a comunidade possa conhecer mais a fundo a história da cidade*, diz Flávio M. Prigol, em setembro de 2004, ao reunir *pioneiros*⁷² que colaboraram para a elaboração do livro. No entanto, o livro também atenderia aos *anseios* da administração municipal em questão? Pautando-se em estudos monográficos, fotografias, entrevistas, notícias da *Folha Bragadense*, jornal dirigido pelo próprio Flávio, a obra, segundo os autores, “pertence a Pato Bragado” (GREGORY; MYSKIW; GREGORY, 2004, p. 20), embora a administração municipal tivesse um papel fundamental no *apoio e incentivo* à sua concretização.

72 Os pioneiros citados pelo periódico são Adolfo Seganfredo (gerente do Porto Britânia entre 1950-1961), Ondi Niederauer (contador e procurador da Colonizadora Maripá e autor do livro *Toledo no Paraná*) e Ana Beatriz Barth Costamilan (segunda filha de Willy Barth). Cf. Pioneiros colaboram na elaboração do livro do município. *Folha Bragadense*. Pato Bragado, ano 09, nº 87, p. 15.

A colonização é elemento fundamental para frisar a memória do município, tanto pelo periódico quanto pelo livro. Como afirmou Robson Laverdi, a colonização, a partir do final dos anos 1940 “[...] mantém-se como um tema de extraordinário interesse entre os pesquisadores” (2005, p. 33). Para o autor, há *muito mais que um possível processo de extinção da memória*; na preservação da memória, há envolvimento com os “conflitos entre memórias” (2005, p. 35). Em sua análise acerca das trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná, objetivou historicizar as narrativas daqueles não apenas enquanto *outros*, concebidos por vezes como minoria ou relegados a *papéis pitorescos e/ou exóticos*, mas como protagonistas. Considerando as sucessivas migrações àquele espaço, percebe-as em meio à diversidade e complexidade e às inúmeras trajetórias enquanto plurais e heterogêneas.

No livro se debruçou sobre o processo de ocupação entre os anos 1970-1990, considerando-o “não como uma continuidade ou temporalidade única, como reivindicam as balizas da memória oficial, mas como um processo da qual faz parte a construção do espaço por sujeitos determinados em diferentes tempos” (2005, p. 61). Ao considerar os *tempos diversos* e as *vidas entrelaçadas*, problematizou a produção acadêmica tecendo críticas à memória oficial alimentada pela historiografia regional, ambas “[...] implicitamente acumpliciadas e articuladas com os referenciais mais amplos de tipos ideais europeizados e de valorosos trabalhadores preconizados pela colonizadora” (2005, p. 22). Robson Laverdi ainda afirmou que

[...] pouco sentido fazem as abordagens que não levem em conta as trajetórias dos sujeitos que de fato ocuparam esse espaço, ou que apostem estreitamente nas reatualizações do passado, sobretudo nas baseadas em sua força mnemônica legitimadoras das forças sociais dominantes (2005, p. 52).

Ao escrever história também se fazem recortes e seleções. Entretanto, entendo que o ofício do historiador não é legitimar determinado grupo, ou assumir a posição de *voz autorizada*, como destacou Pierre Bourdieu. Embora não haja neutralidade, cabe-nos a problematização dos discursos propostos. Desconstruí-los é também um desafio, mas também um exercício para o processo de (re) escrita da história. Deste modo, assim como cidade, identidade e memória são produzidas, a história também é socialmente construída. Compreendidas como locais de disputa materiais e simbólicas, cidade, identidade e memória estão em constante (re) construção.

Ainda em 2004, no mês de novembro, a *Folha Bragadense* noticiou em sua capa o lançamento do livro, e Flávio M. Prigol pronunciava-se novamente, enquanto professor e coordenador do projeto:

A obra foi elaborada na intenção de resgatar e preservar a história da população de Pato Bragado valorizando momentos importantes, através do registro de fatos. “A conclusão do livro é um anseio antigo da comunidade e uma necessidade dos professores, que a partir da obra poderão mostrar aos alunos como tudo começou, se transformou e chegou até aos dias atuais em Pato Bragado” (novembro de 2004, capa).

Flávio M. Prigol concebe a história numa perspectiva evolutiva e linear, passível de *resgate e preservação de fatos relevantes*. Mas quais fatos são importantes? O autor vê a produção do livro como um instrumento pedagógico, que auxilia os alunos a reconhecerem a história, mas os alunos não a constroem? Como os alunos se reconhecem enquanto sujeitos da história em meio à cidade em que vivem? E aqueles que não são oriundos de famílias sulistas, que possuem origens diversas, não são integrantes da história? Estão *de fora* ou à margem?

O referido coordenador crê ainda que a história do município esteja ali presente (em suas considerações nas notícias sobre o livro) de modo abrangente e totalizante. Contudo, já na introdução da obra, algumas precauções ao considerar que “os conteúdos e as abordagens deste livro devem ser lidos e discutidos na perspectiva de que toda história escrita, enquanto conhecimento, resulta de opções, de escolhas e descartes de idéias” (GREGORY; MYSKIW; GREGORY, 2004, p. 20 e 19). As seleções feitas são justificadas ao afirmarem que são necessárias e foram realizadas. No entanto, cabe perguntar: quem está *selecionando* e *descartando* ou sendo *descartado*? Por que determinados atores sociais são engolidos e/ou apagados, pois aí não se enquadram? Aqueles que inclusive estão presentes e atuam na cidade, caminham pelas ruas, vivem e convivem no centro, nos loteamentos, ou nas linhas do município, são estranhos ao processo de construção da memória e história? Em disputas de forças sociais pelo poder, a memória está em jogo, e como disse Jacques Le Goff, citado anteriormente, os esquecimentos e os silêncios da história indicam mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Na obra, a constituição da cidade “[...] recebeu influências do seu meio e do seu entorno” (GREGORY; MYSKIW; GREGORY, 2004, p. 21), mas ao situar o Rio Paraná e a construção

do Porto Britânia, o Lago de Itaipu e a sua inserção num espaço de fronteira, os *vizinhos mais próximos*, os *paraguaios*⁷³, são trabalhadores que apenas atuaram junto à Fazenda Britânia, a colonizadora, em alguns empreendimentos (cerâmica) e são *engolidos* durante o processo de emancipação da cidade, simplesmente desaparecem. De acordo com dados oficiais do poder público municipal, a *origem paraguaia* é timidamente mencionada pelo poder público municipal⁷⁴, antes do livro ser produzido, *a predominância da população caracteriza-se em ordem: os de origem germânica, portuguesas, italianas, paraguaias, russas, polonesas e espanholas*. No livro sequer são referenciados, “alemã e italiana predominam em meio às origens polonesa, portuguesa e indígena” (GREGORY; MYSKIW; GREGORY, 2004, p. 111).

É relevante destacar a forma como o jornal local se posiciona em relação às *origens* do município, referenciando os *primeiros*, chamados *pioneiros*. Em 2002, ao frisar *a história de um município vencedor*, noticiava a trajetória de vida de Nair Frank, considerada uma *pioneira da colonização* por ter chegado, em 1951, ao Km 10, localidade em que se desenvolveu o espaço urbano de Pato Bragado. Ela mencionou que o lugar era habitado “basicamente por paraguaios e o restante ao redor das poucas casas (cerca de 10 a 12) que existiam na época, era mato” (março de 2002, p. 12). Apesar da presença paraguaia na localidade, eles não são considerados *pioneiros*, o que ocorre apenas com os sulistas, como o caso de Nair Frank. Como apontou Michel Pollak, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. Num campo de negociação, a memória e a identidade estão relacionadas à construção de uma imagem de si, e ao mesmo tempo, de uma imagem do *outro*. Para além de uma negociação pacífica e harmônica, são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (POLLAK, 1992, p. 204-205). Esses elementos são observados não apenas na autoafirmação, mas no reconhecimento de determinados sujeitos como *pioneiros* do município, utilizando também da história para consolidá-los.

73 Concepção conferida aos *que não eram descendentes de alemães, italianos e de outras nacionalidades europeias, mesmo que tivessem nascido no Brasil ou até na região Oeste do Paraná* (GREGORY; MYSKIW; GREGORY, 2004, p. 76).

74 Tais informações estão contidas nos “Dados informativos do município de Pato Bragado”, item “etnia” (ULIANA, 2004, p.20-1).

No entanto, as narrativas apresentam contrastes. As diversas experiências de diferentes sujeitos produzem uma cidade com identidade e memória próprias, que, por vezes, diferem daquela proposta oficialmente. Esses sujeitos reivindicam o reconhecimento a sua presença e a sua atuação na trajetória do município. Assim enunciava João Inácio Pinto:

Eu xinguei, no começo tinha que levar lá nota de água, nota de luz [...] no tempo do 45 não tinha nada disso, depois que entrou essa senhora. Eu não sei o que precisava [...] eu fui lá [*posto de saúde*], conversei... Aí me pediram há quanto tempo eu morava aqui e, eu pedi pra ela: “Moça vem cá, escuta, me desculpe eu queria fazer uma pergunta” [...] “Me diga”. “Quantos anos que tu tem?”. Ela disse uns 16, 17 anos. Eu disse: “**Um pouco antes de você nascer mais ou menos eu já estava aqui**”. Eu disse: “Nunca ninguém aqui chegou, acho, para um morador em Pato Bragado para apresentar conta de água, nota de luz [...] e, agora vem dizer. Isso é uma vergonha! “Eu não sou criança”. “**Eu não sou novato aqui**”. **Algum novato [...] lá do Paraguai vem fazer compra, vem, leva tudo daqui e, garanto que ninguém pediu para eles nota de luz, nota de água, nada.** Eu disse: “Tá bom”. Se eu viver ainda. Daqui uns quatro anos, eu quero ver [...] Desculpe minhas palavras, mas [...] **sabe, dá raiva [...]. Um morador velho, antigo e, uma criança perguntar tudo** (2007. Grifos meus).

Os ressentimentos produzidos, e até então submersos, vieram à tona em sua fala (ANSART, 2004, p. 15-34). O sentimento de revolta é algo nítido, no momento em que diz que não é reconhecido como um morador antigo na cidade. João Inácio Pinto reside na cidade há muitos anos, foi inclusive naturalizado brasileiro (quando trabalhava numa Cerâmica nos anos 1960), mas foi reconhecido, talvez em virtude do sotaque bastante acentuado, apenas como paraguaio. Mesmo assim, ele não se reconhece como um *novato* ou como paraguaio, mas sim como bragadense. Em meio a atritos e diferenças partidárias, sua vivência e sua experiência são as bases para uma narrativa repleta de fortes emoções e de uma espécie de desabafo por não ter sido reconhecido como bragadense ao procurar atendimento médico no posto de saúde. Suas reclamações são consequências de um processo de (re) elaborações no sistema de atendimento nos postos de saúde de Pato Bragado. Um dos elementos desse novo processo consistia em exigir dos usuários a comprovação de residência no município. Tais restrições eram parte das medidas de contenção de despesas, determinada pelo poder executivo, em virtude

principalmente da queda do valor do dólar, que culminou numa redução significativa no montante dos *royalties* recebidos pelo município. A busca por enxugar os gastos públicos soma-se a discussões polêmicas em meio aos *royalties* e a quais fins devem atender.

Assim como João Inácio Pinto, outros moradores da cidade foram tidos como *estranhos*, conforme visto nas narrativas de Francielli e Manoel, no primeiro capítulo. Assim, a cidade hospitaleira, que preza pela qualidade de vida e pela hospitalidade, tem as bases de seus princípios estremecidas, e o “lar, doce lar” (*O Presente*, 20 de março de 1998, p. 12), por vezes, não se mostra assim tão doce para alguns. A trajetória da cidade, às vezes, não se revela promissora ou harmônica, mas conflitante. Várias disputas se estabeleceram e se estabelecem frequentemente e são percebidas em meio a grupos distintos, que estão envolvidos com o poder público. Como afirmou Jair Marcelino, *a cidade não é de um grupo, mas de todos*.

Desta forma, as fontes possibilitam novas problematizações aos embates simbólicos e materiais que permearam a constituição da cidade, a partir de suas especificidades. Observei o confronto entre determinados aspectos, principalmente em relação à construção da cidade em meio à instalação de Itaipu, o alagamento de terras, os *royalties*, o desmembramento de Marechal Cândido Rondon e a emancipação político-administrativa. Na transição distrito/município, vários interesses – públicos e privados – estiveram interligados, desde a criação do município como ideal único da população bragadense até a disputa e distribuição por cargos públicos, das transformações ocorridas em Pato Bragado que beneficiaram alguns, das angústias e ressentimentos de outros. Tais sujeitos assumem papéis específicos, atendem determinados grupos, produzem discursos diferenciados e fazem usos distintos destes, revelam a complexidade em que a cidade se constituía. Em constante transformação, a cidade era construída em meio às dinâmicas dos sujeitos que a compunham, aos quais dar-se-á ênfase na análise realizada no capítulo a seguir.

Capítulo 3

A PRODUÇÃO DE DISCURSOS E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS: CONSTRUINDO PATO BRAGADO

Este é o Pato Bragado de progresso que todos conhecem. Industrializado, agricultura moderna, saúde para todos, educação valorizada, urbanização e muitas outras obras transformaram o **pequeno distrito em pujante município.** O futuro já abriu suas portas. As próximas administrações contarão com o inestimável primeiro passo da administração que agora finda e que ficará para a história. O sorriso cativante das crianças diz que viver em Pato Bragado hoje, é bom (*Folha Bragadense*, dezembro de 1996, capa. Grifos meus).

A história de Pato Bragado diz que o povo sempre preservou suas tradições culturais, mas só quando pode governar a si mesmo é que expandiu seus horizontes (*Folha Bragadense*, dezembro de 1996, p. 04. Grifos meus).

[...] talvez esta instituição e este desejo não sejam mais do que duas réplicas a uma mesma inquietação: inquietação face àquilo que o discurso é na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação face a essa existência transitória destinada sem dúvida a apagar-se, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação por sentir nessa atividade, quotidiana e banal porém, poderes e perigos que sequer adivinhamos; inquietação por suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, das dominações, das servidões que atravessam tantas palavras em cujo uso há muito se reduziram as suas rugosidades (FOUCAULT, 1971).

Pequeno distrito, pujante município, assim se referia o jornal local a Pato Bragado, em edição especial, em dezembro de 1996. Intrigava-me saber não apenas quais eram as motivações que levaram à decisão de publicizar isto em manchete de capa, mas como o jornal, em meio às

seleções, produzia discursos e atribuía sentido(s) à cidade. Ainda na capa, duas fotos referenciavam Pato Bragado: uma trazia várias crianças, e a outra, inúmeras lâmpadas que ornamentavam determinados pontos do município, como o Paço Municipal, por ocasião do Natal. Da foto em que as crianças estão presentes, o jornal utiliza o *sorriso cativante* como afirmação do *viver*, que está inserido num determinado tempo e espaço: *hoje é bom viver em Pato Bragado*. Tão bom que *o futuro já abriu suas portas*, por onde as próximas gerações, as crianças, adentrariam. Este especial é exemplo da produção de discursos em torno do processo de emancipação político-administrativa de Pato Bragado e das transformações ali ocorridas.

Ainda em 1996, retomar o limiar da cidade foi fundamental para frisar o discurso de que o *pequeno distrito* transformara-se em *pujante município*. *Governar a si mesmo* a partir do “sim da liberdade” (*Folha Bragadense*, dezembro de 1996, p. 02) proporcionou caminhar rumo ao *progresso que todos conhecem* ou então visualizam através das inúmeras fotografias. Aquele era o momento propício para tais afirmações, pois encerrava-se a primeira administração do município que *ficaria para a história* e era possível perceber nitidamente as modificações ocorridas em Pato Bragado ao longo de quatro anos. Transformações, advindas da emancipação político-administrativa, foram visíveis na agricultura, na saúde, na educação, na indústria e no comércio etc., pois se tratava de um município e não mais de um distrito. Todavia, analisarei a forma como este município foi produzido pelos discursos do poder público e da imprensa, principalmente os jornais que geralmente reforçavam o papel desempenhado pelas gestões municipais em prol do município e dos munícipes. Cidade, identidade e memória foram projetadas, preservadas e comemoradas.

Neste sentido, utilizo-me da *sensação incômoda*, transmitida pelas palavras de Michel Foucault diante do discurso ordenado e instituído, para investigá-lo. Instituição e desejo faziam parte de uma mesma inquietação, que o levou a penetrar no interior do discurso e desconstruí-lo. Assim como *não se erguem verdades* por si só, e tendo em mente que *as fontes também não falam por si*, procurei desvendar os discursos através da problematização das fontes. Busquei *somar* a análise das fontes com a análise do discurso (AD), pois esta envolve “[...] questões de lingüística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade [...]” (ORLANDI, 1996, p. 25). Os discursos se constituem e produzem significados, pois a *linguagem* enquanto *prática* e o *social* enquanto *constitutivo* são construídos conjuntamente

(ORLANDI, 1996, p. 27-28). Como afirmou Eni P. Orlandi, o discurso presente no *texto* entendido como *peça de teatro* traz “articulações relevantes para a construção dos sentidos” (1996, p. 14). Além da construção de sentido, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas apontam que o historiador relacione o discurso ao social, o *texto* e o *contexto*. É necessário então,

[...] buscar os nexos entre as idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo de discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso relacioná-lo ao social (1997, p. 378).

Neste capítulo problematizarei a produção de discursos através dos usos distintos em que são empregados. Num primeiro momento, através de anúncios publicitários e homenagens elaboradas principalmente durante o aniversário do município, não celebrado na data da emancipação oficial, em 1 janeiro 1993, mas comemorado no terceiro final de semana de março, durante a Festa Nacional do Cupim Assado e também em 18 de junho, data do plebiscito que desmembrou Pato Bragado de Marechal Cândido Rondon, em 1990. Em meio às comemorações são forjados discursos entre eles; o progresso é evocado de diferentes formas, como visto no capítulo anterior, e nos anúncios tornou-se um bem simbólico a ser comercializado. Junto com outras mercadorias, é agregado ao trabalho da população. População, empresas, políticos e poder público unem-se durante a comemoração do aniversário transformando Pato Bragado numa *verdadeira comunidade*.

Mas a população se destaca, pois as mudanças nítidas ocorridas no município são reflexos de seus valores, de suas ações e fruto de seu trabalho, que, por sua vez, é a prova de seu progresso. O trabalho é considerado um valor moral de suma importância, segundo a ótica protestante. Comemora-se a emancipação buscando consolidá-la através da colonização realizada pela MARIPÁ. Os colonizadores tornam-se *pioneiros* e seu papel é referenciado com louvor, pois também são os responsáveis pelo município que foi construído. As especificidades da cidade, nas imagens projetadas para visualizá-la de maneira fotogênica buscam também comercializá-la; seus traços feios são encobertos, assim como os elementos negativos

do progresso são ignorados e silenciados e os seus escombros são varridos para debaixo do tapete.

No entanto, as vivências e experiências de moradores que constroem a cidade à sua maneira por vezes são um contraponto aos discursos firmados. Investigarei ainda a relação entre história, progresso e tradição em Pato Bragado. Em especial a tradição num *centro* que *cultiva tradições gaúchas* e também a presença das tradições alemãs no município. Num movimento complexo, há o *retorno ao passado* e tradições são inventadas para legitimar as *origens* da cidade. Ao mesmo tempo, há um *impulso ao futuro*, na busca pelo progresso, considerado como sinônimo de crescimento e desenvolvimento. Em outras palavras, tradição e progresso fundem-se em Pato Bragado e certa memória é constituída e utilizada para consolidá-los, visando a afirmar não só a cidade, mas determinados grupos, como os alemães e gaúchos, que se sobressaem em detrimento dos *outros* que são silenciados por eles.

A publicidade e veiculação de valores: progresso, trabalho e comunidade

Durante as comemorações do aniversário de Pato Bragado, nos meses de março e junho, a cidade inteira fica em festa, o que em parte pode ser constatado através de notícias e anúncios publicitários produzidos pelos periódicos. A partir de 1996, *mensagens* à cidade são veiculadas nos jornais pelo poder público, pelos políticos e por inúmeras empresas, neste caso a partir de peças publicitárias.

Deparei-me com alguns desafios iniciais, como a escassa bibliografia sobre a análise de publicidade na imprensa. Mas buscava ir além das páginas impressas e abordar os interesses peculiares do próprio jornal, como daqueles que ali anunciavam, principalmente a maneira e o momento em que os anúncios foram produzidos. Aos poucos, observava que os discursos presentes nas *mensagens* e anúncios publicitários se cruzavam e até mesmo se repetiam. Então, perguntava-me: qual a necessidade da afirmação de alguns elementos inúmeras vezes?

Os anúncios publicitários presentes nas páginas dos periódicos trazem, em sua maioria, empresas de Pato Bragado ou de Marechal Cândido Rondon, no entanto, o poder público bragadense e alguns políticos também estão inseridos. De acordo com Tânia R. de Luca, é importante “[...] inquirir sobre suas ligações cotidianas [jornais] com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário” (LUCA, 2005, p. 140). O aniversário da

cidade *virou um bom negócio*, tanto para *anunciantes* como para os jornais⁷⁵. Empresas, poder público e políticos estão *unidos* em torno de um discurso predominante, positivo e benéfico, que dá visibilidade aos trabalhos, às ações em prol da cidade e dos munícipes, bem como às *mercadorias* e serviços ali presentes e *oferecidos*. Os jornais, que *também vendem seu peixe*, angariam lucratividade com a venda de espaços em suas páginas.

Anúncios publicitários como o da *Oeste Materiais de Construção* são exemplos da linguagem que articula o visual e o verbal, geralmente utilizada como base para a educação ao consumo (BRITES, 2000).



Fig. 19. Anúncio publicitário 1. Oeste Materiais de Construção.

⁷⁵ Desde 2004 *O Presente* publica edições especiais. As edições que circulam mensalmente se fazem por meio de parcerias com cadernos periódicos direcionados à Associação Paranaense de Suinocultores – APS, Cooperativa Central Agropecuária Sudoeste – FRIMESA, Sindicato e Associação dos Abatedouros e Produtores Avícolas do Paraná – Sindiavipar e são voltadas para suinocultura, avicultura, bovinocultura. Há ainda parcerias firmadas com o SESC, Canal 10, Secretaria de Educação da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, UNIOESTE, Polícia Militar e Acimacar. “**As edições especiais também são motivadas por datas importantes como aniversários de municípios**, empresas, inaugurações de grandes empreendimentos, **temas em alta e outras conquistas marcantes na história dos municípios onde o jornal circula**”. [Grifos meus]. 15 anos depois. Especial *15 anos: Comemore, O Presente é seu! O Presente*, edição especial 15 anos, 04 de outubro de 2006, p. 22.

À divulgação da empresa somam-se as felicitações ao município e à população, *povo desta terra*. A legitimidade de Pato Bragado é visualizada por meio de *valores* atrelados aos munícipes, como o “amor e o empenho em solidificar este município” (*O Presente*, 18 de junho de 2005, p.23). A empresa esteve presente neste processo, não apenas ao homenagear, mas por estar localizada naquela cidade, por integrá-la. Ao centro, o anúncio ressalta o seu logotipo e as *mercadorias* que comercializava (tijolos, cimento, cal, areia, ferro, portas e tintas). Entretanto, comercializava-se não apenas material para construção, mas também o discurso se tornava “bem simbólico” (SCHWENGBER, 2005, p. 71) disponibilizado ao consumo.

Entre tantos elementos enfatizados pelas *mensagens* e anúncios publicitários, o discurso sobre o progresso constituía-se num dos *bens simbólicos* acentuadamente destacados e comercializados. O progresso, como apontou Gilberto Dupas, está “longe de ser dotado de univocidade semântica e consenso conceitual” (2006, p. 22), a ele são atribuídos vários significados e sentidos, por vezes implícitos. Entre os séculos XVIII e XIX, o progresso foi pensado como uma “lei da história da humanidade” (SIMON, 2005, p. 156) em que a ciência, através de conhecimentos e aperfeiçoamento de meios técnicos, produziria mais riqueza, felicidade e segurança. Isso gerou a ideia de que o presente é melhor que o passado e que o futuro será melhor que o presente. O progresso, como sinônimo de avanço e evolução, indicaria progressões sobretudo positivas, melhorias adquiridas ao se seguir rumo a direções linearmente traçadas à humanidade, sem questionamento acerca de quaisquer ondulações e contradições.

Em Pato Bragado o progresso tem várias faces, foi incorporado a diferentes discursos, todos positivos, pois ali foram superadas barreiras e obstáculos, há qualidade de vida, crescimento e desenvolvimento proporcionados por Itaipu e pela emancipação do município. Mas também esteve atrelado ao *trabalho do povo bragadense*. Na edição de fevereiro/março de 2004 da *Folha Bragadense*, observa-se:

Progresso – palavra forte que combina com o povo bragadense. Progresso se constrói com muita luta, persistência e sabedoria. Todos esses valores nossa comunidade demonstrou durante todo esse período. Desde os colonizadores até o estágio do progresso vivido neste momento tão importante que é a comemoração de 11 anos de emancipação (fevereiro/março de 2004, p. 16).

O progresso desfrutado pela população bragadense é exaltado, pela Indústria de Móveis Theobald, pois, ao completar mais de uma década de existência, Pato Bragado atingiu um *estágio* significativo que necessitava ser comemorado. Um aumento gradativo, alcançado naquele período e alicerçado na colonização realizada pela MARIPÁ, em meados do século XX, e na emancipação político-administrativa, nos anos 1990, utilizadas como “discursos fundadores” (ORLANDI, 1993, p. 12). Assim esses discursos consolidam a ideia de que as coisas só poderiam ter acontecido daquela forma. Num vai e vem constante, estes se instalam de modo familiar, funcionando através de *imagens enunciativas* – neste caso, o progresso, e não necessariamente dos *enunciados empíricos*.

Como ainda afirmou Gilberto Dupas, o progresso é um *mito* que oculta interesses hegemônicos⁷⁶, em que nação, ou grupos, apresentam-se como portadores de interesse geral, e, assim, se fazem reconhecer, muito embora detenham interesses próprios. Abandonam-se as consequências negativas do progresso, apropriando-o como discurso naturalizado, apenas benéfico, desconhecendo atender a determinados fins.

A imagem do progresso, produzida a partir da colonização e emancipação, através das modificações ocorridas na infraestrutura de Pato Bragado, e também por meio de *valores* como *luta, persistência e sabedoria*, é assimilada de maneira positiva pela *comunidade*. Ao ser compartilhada, esta imagem gesta sentimentos de pertencimento ao município (empresa e população), também mencionados pela Gui Modas, em março de 2001. Acrescenta-se aí o *orgulho* em pertencer à *comunidade*, pois se *compartilha* parte do *sucesso* alcançado, através da *pujança e serenidade*, e o município é *destaque*. Assim diz-se:

Pato Bragado comemora oito anos de crescimento e progresso mantendo-se livre e independente. Hoje, quando o município é destaque regional por sua pujança e serenidade, nos sentimos orgulhosos de pertencer a esta comunidade e a compartilhar algumas alegrias do seu sucesso (*Folha Bragadense*, março de 2001, p. 07).

⁷⁶ Sobre o que Gilberto Dupas entende por hegemonia, consultar Dupas (2006, p. 16) e os motivos que o levaram a optar pelo mito como título de sua obra (p. 22 e 23).

A diferenciação de Pato Bragado dentre as demais cidades da região em que está inserida é proporcionada ainda pela *vida independente* e pelo alcance da *liberdade* que garantiu *crescimento e progresso*.

Além da pujança e serenidade, em março de 2002 a prefeitura municipal destacou um elemento fundamental para que a cidade fosse reconhecida entre as demais, não apenas na região, mas em nível internacional: o trabalho.

Parabéns a todos os que vivem em Pato Bragado! Em nove anos o município de Pato Bragado conquistou respeito regional, estadual, nacional e até internacional. O trabalho, a dedicação e a vontade de vencer de toda a comunidade foram os responsáveis diretos por essa conquista. **O orgulho deve estar presente no olhar de todos os bragadenses, pois são poucos os municípios que alcançaram este respeito e o principal: sem imposição, mas com trabalho** (*Folha Bragadense*, março de 2002, p. 14. Grifos meus).

No anúncio do poder público, ao lado do brasão e da foto do Paço Municipal, o orgulho presente no olhar dos bragadenses deve-se à *conquista de respeito*. Respeito conquistado por aqueles que ali vivem, em virtude da dedicação, vontade de vencer, mediada sobretudo pelo trabalho, e considerado um aspecto específico da população e da cidade, pois *são poucos os municípios que alcançaram este respeito*. O trabalho é exaltado através da organização da festa que divulga a cidade, e os agradecimentos do prefeito e seu vice (Luiz Grando e Delmar Fincke) dirigem-se a todos aqueles que *colaboram para o êxito* da Festa Nacional do Cupim Assado, incluindo vereadores, secretários, funcionários, associações e munícipes.

Ao problematizar a cultura do trabalho na região extremo-oeste do Paraná, Davi F. Scheiner destacou como base desta construção a colonização (1997, p. 21 e 66-67). Segundo o autor, *a colonização se efetivou a partir da escolha de migrantes que se auto-representam como 'afeitos ao trabalho', aqueles [...] portadores de 'mão-de-obra esmerada' e de 'maior valor produtivo*. Assim foram selecionados cuidadosamente aqueles oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e de descendência italiana e alemã, *aptos* à agricultura de base familiar e à formação de cooperativas, excluindo-se aqueles que não detinham tais qualidades. Mas isto não é o suficiente para invalidar a presença de vários outros migrantes durante aquele processo. Planejada a colonização e selecionados determinados agentes para executá-la, desejava-se estabelecer *uma homogeneidade populacional*.

O historiador identificou aspectos comuns entre a concepção do trabalho durante a colonização, através de propagandas da MARIPÁ, e elementos presentes na cidade de Toledo, tais como: o hino municipal, a posição do poder público municipal e de empresários locais (1997, p. 57-87). Para ele, “na colonização estabeleceu-se uma cultura que tem, de um lado, o trabalho como meio gerador de riqueza e, de outro, como meio pelo qual se reconhece o valor e a moral de um homem” (1997, p. 21). É com base nisso que o trabalho também é destacado em Pato Bragado. Em 1997, em *O Presente*, a Dickmetal destacava: *os bragadenses realmente têm motivos para comemorar*, tais comemorações se devem a *um município que tem no suor e no trabalho de sua gente a sua maior riqueza*. Desta forma “Pato Bragado é prova incontestável de progresso” (14 de março de 1997, p. 25).

Reconhecido como uma “vocação” na certeza de *se atingir o estado de graça*, o trabalho é também relacionado à ideia de produtividade (SCHIMIDT, 2001, p. 125; WEBER, 2001, p. 123-146). Por ocasião dos 5 anos da cidade, a Beira Lago Calçados produziu um anúncio que diferencia-se dos demais, pois o *município de progresso*, ao qual se referiu foi associado às bênçãos divinas. Ao abençoar o município, Deus lhe “concedeu um solo generoso e um povo trabalhador” (*O Presente*, 20 de março de 1998, p. 08).



Fig. 20. Anúncio publicitário 2. Beira Lago Calçados.

Neste anúncio a terra foi oferecida por Deus para que os homens nela trabalhem. De acordo com a ética protestante, deve-se “trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado” (WEBER, 2001, p. 125). Desta forma, as explicações para os *anos de sucesso* não são apenas construções humanas, mas são divinamente concedidas. O *sucesso* do município ainda está atrelado à luta desencadeada em virtude da emancipação, e é também imbricado à trajetória da empresa que *faz parte* do *crescimento* da cidade. A empresa proporciona visibilidade à cidade, pois *leva o nome de Pato Bragado* a outros lugares onde comercializa seus produtos – no caso, calçados.



Fig. 21. Anúncio publicitário 3. ACIBRA.

Anos depois, em 2005, a Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Pato Bragado – ACIBRA – destacou o “sucesso como a palavra que resume a trajetória do município” (*O Presente*, 18 de junho de 2005, p. 18). Em meio a *lutas, conquistas e vitórias*, Pato Bragado tornou-se um *exemplo* aos demais municípios ao longo dos anos em que ele próprio constituiu-se enquanto tal. A associação insere-se no *sucesso* empreendido à cidade, em especial ao estar ao lado não da população em geral, mas da classe empresarial, a qual representa, que possui um peso significativo no *crescimento e desenvolvimento* de Pato Bragado.

As empresas, em sua maioria, não falam por si só ou por aqueles que representam. Por vezes, o discurso produzido esteve ligado a *alianças* ou a *fusões* entre empresa e população. A exemplo do anúncio da empresa SRR Cerâmica, em março de 2000, as *características* da empresa “trabalho e força de vontade [...] se fundem com a personalidade do povo bragadense” (*Folha Bragadense*, março de 2000, p. 13).

A união também foi destacada pela Cerâmica Rondon, que, em 1998, afirmou: “unidos seremos fortes” (*O Presente*, 20 de março de 1998, p. 10). Numa aliança com a população *que batalha permanentemente por uma qualidade de vida melhor*, o trabalho em conjunto é elemento necessário à construção do *município que almejamos*. O município constitui-se desta aliança, empresa e população, pois ambas possuiriam ideais semelhantes e buscariam os mesmos elementos.

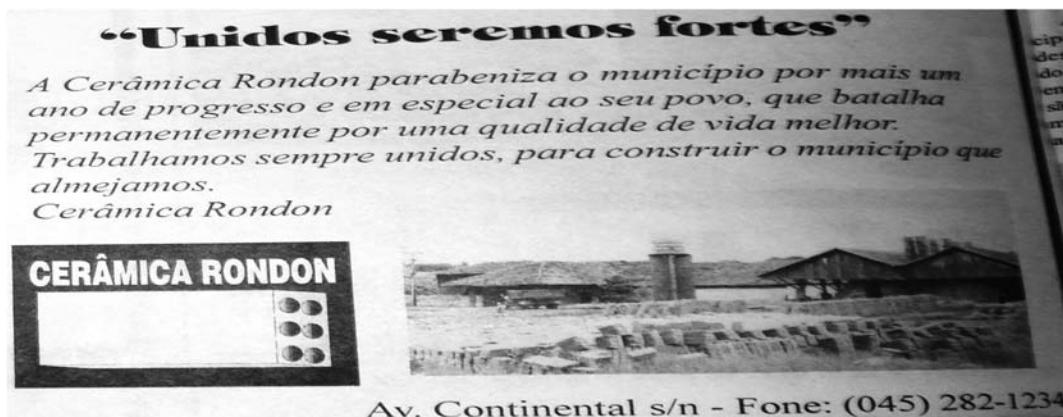


Fig. 22 Anúncio publicitário 4. Cerâmica Rondon.

Para a Baseforma e a Grameira Costa Oeste, o *povo empreendedor* é responsável pela “edificação” da cidade (*O Presente*, 20 de março de 1998, p.09). E, em parceria com tais empresas, com *sua contribuição* e em conjunto, haveria maiores possibilidades para *construir a estrada que levará Pato Bragado a um futuro promissor*. O verbal não está despreendido do visual, o discurso produzido está relacionado às fotos de construções, estradas e de paisagismo que representam os produtos comercializados e os serviços prestados.



Fig. 23. Anúncio publicitário 5. Grameira Costa Oeste e Baseforma.

Assim como se construíram vínculos entre empresa e população através de valores, o poder público também se uniu aos bragadenses, pois a cidade é fruto “[...] do trabalho sério, da competência e da união entre todos os setores responsáveis pelo gerenciamento de todas as ações [...] Comunidade, legislativo e executivo são um só em Pato Bragado: esta é a diferença em relação aos demais municípios” (*Folha Bragadense*, março de 1998, p. 10). Em praticamente todos os anúncios, Pato Bragado é sempre elogiada, considerada um local onde a união faz a diferença. Numa tentativa de homogeneização, em momentos de comemoração até as desavenças partidárias são esquecidas:

em Pato Bragado, **o grande partido é Pato Bragado**. Em cinco anos numa atitude arrojada, mas sensata e democrática, os vereadores **juntaram todas as siglas partidárias e transformaram-na numa só: o município de Pato Bragado [...] o individual cedeu espaço ao coletivo. A união do poder legislativo de Pato Bragado reflete na união do povo bragadense, reflete no progresso e o desenvolvimento do município**. Parabéns, bragadenses, por cinco anos de união e trabalho coletivo (*O Presente*, 20 de março de 1998, p. 07. Grifos meus).

Aspectos similares fizeram-se presentes no mesmo ano, em ambos os periódicos. Em *O Presente*, em virtude de um ideal único devia-se esquecer, ocultar conflitos e tensões, além de ressaltar aqueles personagens que se empenham, trabalham ou aqueles que contribuíram para a construção de Pato Bragado, no caso, os membros do poder legislativo. No mesmo ano, a singularidade de Pato Bragado é destacada de modo diferente nos jornais. No periódico local *ideal comum* reunia legislativo, executivo e população, enquanto que no periódico rondonense apenas o legislativo e a população.

A cidade, por vezes pensada como comunidade, tanto em anúncios quanto em *mensagens* como as que foram descritas anteriormente, repercute na atuação daqueles que, em nome dos municípios, deixam de lado quaisquer interesses. Em conjunto, como em 1998, ou em separado, como em 1996, prefeitura e câmara municipal de vereadores reforçaram constantemente a ideia de que ambos agregam interesses comuns aos da população. Desta forma, em 1996, o 18 de junho era assim referenciado pela câmara de vereadores: “hoje, somos uma comunidade mais forte, mais confiante e muito mais promissora” (*O Presente*, 21 de junho de 1996, p. 33). Para a administração, a *união de esforços entre poder público e iniciativa privada* mostrava que Pato Bragado estava no *caminho certo*, contudo, a *força que faz Pato Bragado crescer* estava também no *cidadão de Pato Bragado*, ao qual parabeniza e agradece pela *contribuição* para que o município “seja cada vez mais forte, maior e autônomo. Atualmente, com apenas 42 meses, Pato Bragado já mostra a força que tem. Devemos isso a você, pelo trabalho que é feito” (*O Presente*, 21 de junho de 1996, p. 31).

Ainda em março de 1998, a *Folha Bragadense* destacava que o poder público de Entre Rios e Marechal Cândido Rondon também foram *parceiros no sucesso*. A participação desses municípios é enfatizada no processo de emancipação político-administrativa de Pato Bragado, o primeiro como *irmão* e o segundo como *mãe*. Assim a prefeitura municipal de Entre Rios do Oeste enfatizava: *Irmãos bragadenses numa luta conjunta que deu resultado* e nestes 05 anos lado a lado, *as duas comunidades* atingiram a “plena fase de desenvolvimento e progresso” (março de 1998, p. 09). A luta é partilhada, pois os *irmãos* romperam com a “mãe” no mesmo período. Para Marechal Cândido Rondon

a luta, a busca por um município independente e cada vez melhor, que oferece boas condições de qualidade de vida à sua população, são as principais armas que Pato Bragado

utiliza em seu desenvolvimento [...] Em apenas 05 anos, Pato Bragado se tornou exemplo de desenvolvimento e organização [...] Comemoramos estes 05 anos juntos (março de 1998, p.14).

Pato Bragado é o *filho precoce*, que, em apenas 5 anos, já é exemplo; Marechal Cândido Rondon orgulha-se de ter gerado um *filho* que se destacou. Todavia, anos atrás o mesmo *filho* levou parte do seu território e abocanhou parte de seus *royalties*. O discurso foi modificado e, neste momento, a *mãe* acalenta e enobrece *desenvolvimento e organização* de seu *filho*.

Alguns anúncios publicitários e “mensagens” me chamaram atenção pela maneira singular como foram produzidos, como o anúncio dos deputados Élio Rush e Werner Wanderer que afirma, em apenas 5 anos a superação do *princípio da vida*: “nascer, crescer, se reproduzir e morrer” (março de 1998, p. 11). O município *nasceu da luta de um povo ordeiro e trabalhador, cresceu pelas suas mãos e seu suor, reproduziu o resultado do trabalho empregado e fez morrer o pessimismo e o desânimo*. A cidade foi comparada a um organismo vivo, mas o que morre ou tem um fim não é o município, e sim o pessimismo e o desânimo. A cidade evoluiu e foi *imortalizada*, assim como a atuação de determinados sujeitos inseridos no processo de emancipação político-administrativa. Outro elemento foi ainda reforçado foi a ideia de que é através da *união e amizade*, qualidades presentes em Pato Bragado, que *se faz um município progredir*.

Assim como os deputados, Luiz Grandó foi enfático. Juntamente com suas expectativas e projeções pessoais, Pato Bragado extrapola seus sonhos e torna-se “real”: “Pato Bragado dos meus sonhos, da minha gente! O berço que escolhi para bem viver! Esplêndida, linda, progressista! Pato Bragado, que te adoro tanto! Orgulho de nossa gente, de nosso povo! Seus 12 anos refletem quanto de progresso tu tens” (*O Presente*, junho de 2004, p. 13). Os 12 anos que completava refletiam o progresso que a cidade detinha, por isso qualificou-a como *esplêndida, linda e progressista*. No entanto, tamanho é o progresso visto em sua segunda gestão que ele não tem fronteiras. No site do município, em 2004, visualizava-se: *Progresso sem fronteiras... e com qualidade de vida ... visite Pato Bragado*. Juntos, *progresso e qualidade de vida* eram atrativos utilizados no convite para visitar a cidade. O progresso era (re) apropriado, e, naquele momento, não nomeava grupos de dança ou referia-se à infraestrutura, mas vinculava-se à imagem da cidade *boa para morar*. Foram feitos diferentes usos do progresso para projetar o município e para afirmar o empenho de determinados sujeitos pela cidade.

Cabe frisar que a cidade, produzida em parceria e pensada como *comunidade*, assemelha-se à ideia de nação enquanto “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989, p. 14-15). Para Benedict Anderson, a nação é limitada (em virtude de seus limites territoriais ou de suas fronteiras finitas, embora flexíveis ou elásticas) e soberana (sua unicidade diante das demais nações). É construída através de elementos socioculturais, podendo ser concebida como um *companheirismo profundo e horizontal*, unindo as pessoas como forma de *apagar* as diferenças existentes. A partir disso, a *comunidade imaginada* constrói laços de afetividade, que visam à unificação por meio da criação de elementos materiais ou simbólicos que sejam comungados em coletividade. Em torno do aniversário da cidade são produzidos discursos que enfocam progresso e trabalho como características próprias; parcerias entre empresas, poder público, políticos e a população estão atreladas à trajetória de Pato Bragado, em especial à emancipação etc. Isto é, o discurso os imbrica num ideal coletivo, que se quer compartilhado, e inventa-se valores comuns. O sentimento de pertencimento, ou o *orgulho* de inserir-se no mesmo processo, busca fazer desaparecer diferenças ou quaisquer conflitos ali presentes. No entanto, o imaginário por vezes não se configura no *real* e as diferenças *borbulham* em todo corpo social. Os conflitos podem ser camuflados em prol da comemoração do aniversário, durante dois ou três dias, mas eles existem e estão presentes no decorrer de um ano inteiro.

Disputas de interesses diversos entre determinados grupos, tensões político-partidárias envolveram a *Folha Bragadense*, que utilizou suas páginas ora para enfatizar administrações e ora para criticá-las. Por exemplo, em janeiro de 2005 (capa e p. 13), o jornal buscava saber o que a população esperava da nova administração (2005-2008). As expectativas de algumas pessoas em torno do mandato de uma mulher, professora e ex-vereadora, consistiram em investimentos em saúde e educação, na ampliação de empregos, no fortalecimento do comércio e estímulos ao turismo, ao lazer na cidade etc. Mas alguns dos entrevistados apontavam para *manter como está*, dar *continuidade* ao que estava sendo realizado no município. Entretanto, além do bom desempenho das administrações anteriores, a ligação direta e as relações profissionais e particulares em muito explicam o discurso da *Folha Bragadense*.

Ainda em 2005, houve mudanças no discurso, pois a relação entre poder público e jornal se transformou. Em editorial da edição de setembro, o periódico frisava a sua importância para a cidade (acompanhamento da cidade e a realização de trabalhos acadêmicos pautados

no jornal) em meio a um desabafo aos caros leitores! Afirmava que pretendia “[...] continuar sua missão de bem informar a comunidade de Pato Bragado, [...] manter uma linha imparcial, independente de participação do poder público ou não [...]” (setembro de 2005, p. 02). Atuará ainda como [...] *um instrumento de fiscalização e um canal de denúncia* [...] e, apesar do corte no seu orçamento e/ou seu “desligamento em definitivo” com o poder público municipal, seu “papel” de neutralidade e imparcialidade seria cumprido. Neste sentido, naquele ano, o periódico não publicou anúncios publicitários, especiais ou quaisquer balanços do início daquela gestão.

De modo geral os anúncios publicitários constantemente abordaram o aniversário de Pato Bragado a partir do presente, voltando-se ao passado, em especial à emancipação, há cerca de 12 anos. Todavia, em alguns momentos um *passado longínquo* é revisitado – o vai e vem do discurso fundador – e a colonização, realizada pela MARIPÁ há 50, 60 anos, foi utilizada como trampolim para frisar o *futuro promissor* da cidade. Os colonizadores passaram a *pioneiros* e, apesar da presença, aqueles *da fronteira*, paraguaios, argentinos e seus descendentes, são por vezes ignorados e ocultados em favor de uma hegemonia sulista. Essa perspectiva foi reforçada inclusive por um livro: *Porto Britânia a Pato Bragado – Memórias e Histórias*, produzido em 2004 (GREGORY; MYSKIW; GREGORY, 2004, p. 96-100).

Os *pioneiros* são sujeitos que simbolizam passado, presente e futuro, reunindo-os num só período. Essa perspectiva encontramos em mensagem da empresa Eclusa, em março de 1999:

Pato Bragado vive hoje uma realidade construída pelos pioneiros e, ao entendermos este fato, percebemos que a população e os poderes constituídos agora trabalham para erguer um futuro ainda melhor para seus descendentes. Parabéns Pato Bragado! Estamos felizes por compartilhar desta obra digna e justa (*Folha Bragadense*, março de 1999, capa).

Buscava-se não apenas unir poder público à população, mas despertava-se um sentimento de *dívida* que precisava ser reparado àqueles sujeitos que construíram a realidade vivida em Pato Bragado, os *pioneiros*.

O tema foi também objeto de destaque de primeira página no *Folha Bragadense*, em 2004: “Os pioneiros que aqui desbravaram, são merecedores de todo nosso carinho e nosso agradecimento. **Parabéns pioneiros, parabéns povo lutador** e que nossa luta, com certeza

ainda trará bons frutos para todos” (fevereiro/março de 2004, capa). Neste momento os *pioneiros* são o *povo lutador* que é parabenizado pela luta desempenhada a qual o anúncio faz questão de destacar. Responsáveis pelo município, ao construí-lo, são também os *desbravadores*, os homens que superaram limites, inclusive a própria natureza, vista como empecilho ao *progresso*. Sua luta no passado (colonização), somada à presente, certamente proporcionará *bons frutos a todos* futuramente. A perspectiva de que todas as pessoas terão suas expectativas concretizadas através de empenho, suor e trabalho está agregada à construção isenta de frustrações e embates. Produzia-se então um município harmonioso, como visto em anúncio da *Oeste Informática*, em 2002: “Nossos reconhecimentos ao trabalho dos pioneiros, que desbravaram esta terra e construíram tão harmonioso município” (*O Presente*, 16 de março de 2002, p. 17).

Harmoniosa convivência estabelecera-se entre idosos e administração pública, como uma relação *de troca* entre os *nostros velhinhos que ajudam com sua experiência e sabedoria indicar o rumo que a geração de hoje deve seguir* e o patrocínio e apoio concedidos pelo poder público ao clube que reunia cerca de 300 integrantes. O clube de idosos Felicidade, de Pato Bragado, foi ressaltado em função do dia nacional do idoso, em 1997, pelo *O Presente*. Junto à notícia estava uma *mensagem* da prefeitura municipal e câmara de vereadores na qual os idosos foram considerados como os *primeiros, pioneiros*, aqueles que construíram um município *pujante, progressista*:

com seu trabalho e dedicação ajudaram a construir nossos sonhos de um município pujante e progressista. Hoje, Pato Bragado volta seus olhos para aqueles que no passado abriram os caminhos para o progresso que estamos continuando até hoje. Nosso povo saberá, certamente, distinguir e respeitar cada um dos nossos pioneiros que hoje são os idosos [...] (24 de janeiro de 1997, p. 30).

Diferentemente da *Folha Bragadense* – que, em 1996, atribuíu a pujança e o progresso do município ao sorriso das crianças –, em 1997, as mesmas qualidades, ou seja, pujança e o progresso, são atribuídas, em *O Presente*, aos idosos, os *pioneiros*. Posição semelhante à da *Revista Região* em 2004, pois a *terra abençoada*, Pato Bragado, foi edificada *pelas mãos, suor e trabalho dos pioneiros* que construíram *um sonho coletivo de afirmação* e que continua sendo construído através *da boa gente* do município (*Revista Região*, 2003, p. 04).

Todavia, aos discursos produzidos sobre Pato Bragado foram atribuídos sentidos diferenciados, como observado nas narrativas de vários sujeitos.

Diferentes sujeitos constroem a cidade

Apesar de perspectivas semelhantes, cada entrevistado traz especificidades em sua narrativa, representando interesses próprios. Através de negociações, esses agentes sociais convivem, em Pato Bragado, num momento histórico peculiar, inseridos num determinado tempo e espaço. Yara A. Khoury afirma que *lidar com as narrativas requer pensá-las no movimento da história*. Ao citar Arantes, a autora apontou “[...] como as pessoas transitam taticamente em função de negociações e interesses socialmente situados e, assim fazendo, exploram, constroem e reordenam territórios e fronteiras simbólicas que as unem e as separam, com toda sua ambigüidade e ambivalência” (KHOURY, 2004, p. 127). Neste sentido, os motivos para a vinda a Pato Bragado foram peculiares nas diversas narrativas. Por exemplo, Jair Marcelino veio devido à oportunidade de emprego em sua área de atuação profissional; Adejandre Bolsoni veio pela parceria na compra da indústria de calçados, a antiga “*Calpato*” (empresa que foi ligada ao prefeito Luiz Grando), hoje “Beira Lago”. Ambos constituíram família em Pato Bragado, diferentemente de Manoel, que se deslocou ao município em razão do convite da Igreja e pela presença da família de sua esposa. Para além dos “porquês” da vinda, torna-se necessária a problematização dos aspectos que os levaram a permanecer na cidade e, juntamente com isto, as perguntas: Quais interesses defendem? Como eles fazem referências às transformações decorridas em suas vidas e no município?

Para Célia Calvo, as entrevistas relacionadas às experiências e lembranças de viveres urbanos em Uberlândia, entre 1938-1990, suscitaram elementos não presentes na memória oficial, pois *as memórias oficiais desumanizam a cidade*, diz a autora (2001, p. 26). Cabe, então, pensar a cidade “[...] enquanto um campo socialmente composto nos embates em torno dos direitos à cidade” (CALVO, 2001, p. 11). Ao compartilhar destes elementos cabe direcionar a atenção para os embates presentes e ao *direito* de construir a cidade, o modo como as pessoas constroem suas narrativas, ao que trazem à tona e ao que lhes é significativo. O historiador analisa, assim, suas falas a partir dos significados atribuídos por eles próprios. A cidade pensada a partir da prática social de seus habitantes não é uma mera contraposição à memória oficial,

mas através dos sentidos atribuídos em meio aos embates busca-se compreender “[...] o processo de construção e transformação da cidade” (CALVO, 2001, p. 28). Desta forma, a emancipação político-administrativa de Pato Bragado, em 1993, foi considerada um *divisor de águas* para a localidade (*O Presente*, junho de 2004, p.04). A imprensa “dá a ver” as transformações ocorridas e as utiliza como elemento fundamental para consolidar o processo que autoafirma o município e o desempenho exemplar do poder público. Todavia, a cidade se revela, como afirmou Célia R. Calvo, como “[...] um campo simbólico de disputas e contradições sociais, que se revelam nas buscas arquitetadas pelos agentes de poder, em instituir um único sentido e uma única memória” (2001, p. 65).

Em meio à perspectiva de um *progresso sem fronteiras*, possivelmente abrangente a todo o município de Pato Bragado, emergem contradições e embates sociais visualizados nas narrativas. Por exemplo, alguns entrevistados mencionam que obtiveram “sucesso em seus empreendimentos”. Outros apontam as muitas mudanças ocorridas na cidade após a emancipação político-administrativa: realização de obras, apoio a indústrias, melhoria na educação e assistência médica etc., como elementos bons à cidade e à população. Percebem que, na falta dos *royalties* repassados mensalmente pela Itaipu, responsáveis por cerca de 60% da receita do município, este não teria condições de sustentação. Outros, ao serem indenizados a contragosto, criticam o processo de instalação da Itaipu e a desapropriação de terras, devido ao alagamento ocasionado pela construção de sua barragem. Tais aspectos proporcionaram-me observar parte da complexidade que envolvia os sujeitos e a cidade, que se construía numa mesma trajetória. Parecia estar diante de um “quebra-cabeça” que desejava compreender, mas nem sempre suas “peças” possuíam encaixes adequados para completá-lo, já que dispunham de fragmentos utilizados em sua reconstituição.

Alguns referenciaram as melhorias na cidade comparando-as às de seus empreendimentos, como destacam Ivanilda de Freitas Bourscheidt e Adejandre Bolsoni, ambos comerciantes. Para Ivanilda, “[...] a gente tá bem graças a Deus, eu tô trabalhando, tô muito bem, meu marido também tem o comércio dele. Então pra nós ter vindo pra Pato Bragado, foi ótimo, foi muito bom (2007)”. A trajetória de vida, o casamento e os “negócios” dela e do marido são indicativos de uma estadia proveitosa e positiva na cidade, em meio aos 10 anos em que ali residem.

Semelhante ao posicionamento de Ivanilda, é o de Adejandre,

A vida é uma escadinha, a indústria também. A cada mês, a cada ano [...] é um degrau que você tem que subir e se você administrar direitinho, organizado, com planejamento, você consegue chegar aos seus objetivos. [...] Eu vim para cá, eu não conhecia essa cidade, eu nunca tinha ouvido falar [...] De repente ela apareceu na minha vida. Tô aqui, tô feliz. Constituí família, casei, tenho uma filha [...] A minha empresa nesses 10 anos, ela veio crescendo e hoje ela atingiu um patamar interessante, um patamar bom, aonde a comunidade respeita o nome “Beira Lago”, respeita os sócios. Consegui me colocar numa posição de empresário [...] Então tenho um nome de respeito dentro da cidade. Isso é interessante devido à maneira como eu cheguei nessa cidade. E como eu estou hoje eu tenho que erguê a mão pro céu. **Eu vim para cá eu não tinha nada e, 10 anos depois, eu tenho uma empresa, um patrimônio grande, uma família. Sou uma pessoa humilde, respeito as pessoas. Partindo da comunidade sou reconhecido. Então tô contente** (2007. Grifos meus).

A narrativa de Adejandre demonstrou não apenas a constituição de sua trajetória de vida, mas apontou as dimensões alcançadas na vida pessoal, na empresa e na cidade, ao longo do período em que mora no município. Sua posição atual contrapõe-se ao período que chegou à cidade, sobretudo pelo que constituiu: família e empresa. Ambos são elementos de suma importância em sua fala, pois em apenas 10 anos, num *município encantador*, *escalou vários degraus da escada e alcançou objetivos*. Cabe frisar que o *respeito* alcançado pelo entrevistado dentro da cidade corresponde à posição de um *empresário bem-sucedido*, especialmente pelo *patrimônio constituído* nestes anos. Sendo assim, fez-se reconhecer em meio a Pato Bragado, superando dificuldades e estranhamentos sentidos quando chegou.

Por sua vez, a narrativa de João Humeres, filho de pai paraguaio e mãe argentina, está ligada à sua vinda do Porto Britânia, local onde nasceu, para o meio urbano, em específico ao Mutirão I, loteamento em que mora há cerca de 20 anos. Foi entre estes dois espaços que ele produziu sua narrativa e pensou a cidade através das mudanças bruscas sentidas por ele, sobretudo, por ter-se visto impelido a sair do Porto Britânia com sua mulher e filhos pequenos, devido à inundação do Lago de Itaipu. Em relação às transformações ocorridas em Pato Bragado, João Humeres afirmou:

Olha, eu conheço Pato Bragado desde quando não era cidade, era bem pequenininha [...] ainda estava começando. **Pato Bragado cresceu, 100%**. Porque antigamente era pequeno não sei quanto tinha de [...] pessoal [...], mas **cresceu muito [...]** **Obra, casa, prédio também. Cresceu e vem vindo pra cá. E nós, final, vamos ficar no meio de Pato** (2007. Grifos meus).

Um dos loteamentos populares construídos em Pato Bragado, em meados da década de 1980, quando este ainda era distrito de Marechal Cândido Rondon, localiza-se na entrada da cidade, logo após o Portal, e sua distância para o centro da cidade (como visto na planta do espaço urbano no capítulo 2) e para os demais loteamentos é significativa. Deve-se ao fator distância a sua menção ao “crescimento” ainda esperado da cidade, em que o Mutirão ficaria *no meio do Pato*, deixando de ser um dos loteamentos mais afastados. A distância significativa também é destacada por Estefânia Humeres, esposa de João, principalmente pelas dificuldades de deslocamento. Contudo, considera uma melhoria o ônibus utilizado para facilitar o acesso das crianças à escola: “*o ônibus pra carregar as crianças, né! Esse que mais precisava aqui no Mutirão, aí melhorou mesmo*” (2007).

São visíveis as mudanças no espaço urbano, depois da emancipação político-administrativa, em especial no aumento do número de loteamentos, alguns construídos em parceria da prefeitura municipal com o Banco Nacional de Habitação – BNH – ou com a Companhia de Habitação do Paraná – COHAPAR – e também na divisão de chácaras particulares em vários lotes. Segundo informações obtidas junto ao Departamento de Tributação da prefeitura municipal, Pato Bragado conta hoje com inúmeros loteamentos, dos quais o Mutirão I é um dos mais antigos. Após a emancipação, surgiram cerca de doze loteamentos, dos quais dois ainda se encontram em fase de implantação.

De acordo com Jair Marcelino, “quando o progresso chegar, ele automaticamente é discriminativo e, na verdade o “Plano Diretor” vem para exatamente isso, equilibrar as forças, a equidade social. Ou seja, aqueles, os pobres, também têm direitos” (2007). Deste modo, para que a cidade cresça planejada, o aumento populacional deve ser administrado, e aí é que se insere o *Plano Diretor*. Na cidade ordenada, como frisou Angel Rama, a “ordem social é transladada à ordem física” (1985, p. 27). Diante do progresso discriminativo, destacado por Jair Marcelino, deve-se tirar aqueles *bolsões de pobreza*, e a *equidade social* deve ser garantida.

Principalmente para aqueles que sentiram o “peso do progresso discriminatório”, como ocorreu com João Humeres e Gaspar Mareco, que saíram do Porto Britânia e da vila Rio Branco no final da década de 1970 e início de 1980. As transformações causadas no espaço regional, pela instalação de Itaipu, não são visualizadas por João Humeres como sinônimo do progresso (*O Presente*, 21 de maio de 199, p.11-15), como a imprensa ressaltou, em especial por ele ter sido diretamente atingido. De acordo com ele,

O Porto [*Britânia*] ia virar uma cidade se o Lago não o tomasse [...] Aí ia ser uma cidade grande. Ia ser até maior que Pato. Depois que tinha até o Paraguai, assim, na divisa. Dava uma grande cidade. Eu morava pra lá. Ficava pra lá. Trabalhava pra lá. Mas, assim, a água do rio acabou [...] Eu tinha minha colônia de terra lá que ficou tudo embaixo d’água (2007).

Contrariando o discurso proposto, Itaipu não proporcionou benesses ao entrevistado, pois emergiram, durante sua fala, lembranças não muito agradáveis, agregadas a um sentimento de revolta pela perda da *colônia de terra que ficou embaixo d’água*. O *não dito* visto como uma *memória subterrânea*, como afirmou Michel Pollak, é trazido à tona através destes elementos (1989, p.03-15). Para fortalecer a sua argumentação, projetou a transformação do Porto Britânia numa cidade maior inclusive do que Pato Bragado, e, nesse caso, não teria saído de lá.

Gaspar Mareco, nascido na vila Rio Branco, próxima ao Porto Britânia, em 1941, filho de paraguaios, compartilha de alguns elementos vistos na narrativa anterior e conta a sua experiência nos seguintes termos:

Í... Ali no rio Paraná, nós era bem outra vida, se fosse por mim não deveria ter saído esse rio. Nós tava tranquilo na nossa terra, nós trabalhava na nossa terra, tudo bem. Itaipu pegou essa água ali e quando começou [...] Aconteceu o quê? Tinha que ir tudo pra cidade. E na cidade quase não tem emprego, naquela época [...] **O Itaipu fez do jeito que ele entendia [...] Nós ficamos somente com essa casa aqui e, com o lote. Perdemos lá dois alqueires, porque tinha quarto alqueires, dois alqueires pra firma MARIPÁ e dois alqueires pra nós** (2007. Grifos meus).

Apesar das semelhanças, a fala de Gaspar evidencia o processo de negociação entre Itaipu e as pessoas que tiveram suas terras alagadas pela construção do Lago. Segundo Gaspar, o

processo foi conflituoso e ele ainda mantém vivo, após vários anos, seu sentimento de revolta e desaprovação diante das desapropriações realizadas. Momentos dolorosos e de insatisfação são ressaltados em sua narrativa, pois ele e a família não tiveram escolha diante da implantação de um projeto nacional. Neste sentido, *nada lhe restou*, além da casa e do lote, porque o valor da indenização foi dividido “meio a meio” entre Gaspar e a MARIPÁ, devido a problemas com a escritura da terra.

Para os moradores mais antigos da cidade, como João Humeres, Gaspar Mareco e João Inácio Pinto, as mudanças na cidade são significativas. Para João Inácio Pinto:

A cidade mudou muito. Na nossa época, quando nós viemos [...] aqui era tudo mato [...] Tá tudo asfaltado, só na colônia eu acho, que uma parte, que tem “pedrinha”, né? Agora aqui dentro [da cidade] tá tudo asfaltado. Tá tudo, tudo arrumado. Mesma coisa de colocar a comida na mesa, é só senta e comer! Comparação de antigamente. Hoje em dia é tudo fácil aqui (2007. Grifos meus).

As considerações feitas pelo paraguaio naturalizado brasileiro revelaram as *facilidades* existentes na atualidade, em comparação a um período anterior à criação da cidade. As afirmações *aqui era tudo mato* e as *pedrinhas* na colônia se dão numa comparação com Pato Bragado na atualidade, ou seja, as ruas asfaltadas e as pedras irregulares nas estradas do interior são exemplos das mudanças ocorridas e que beneficiaram a população; por isso que João referiu-se aos dias atuais com a expressão *é só sentar e comer*. Em outras palavras, ele considerava que a população passou a desfrutar das benesses alcançadas pelas transformações ocorridas em Pato Bragado após a emancipação político-administrativa e da instalação da própria Itaipu.

Neste sentido, Gaspar Mareco comparou Pato Bragado a uma *capital*: “hoje nós estamos de capital por aqui [risos] até na colônia é capital, tem luz, tem tudo. Antigamente não. Mas pensa bem, quando nós nascemos aqui o município era Foz do Iguaçu. Quantos municípios têm hoje de Foz do Iguaçu até chegar aqui?” (2007). Gaspar ressaltou, ao referenciar, por exemplo, a obtenção de energia elétrica, que a cidade hoje proporciona elementos que em sua juventude eram comuns apenas às cidades maiores, como a capital. Além disso, as mudanças ocorridas no espaço regional, como a criação de vários municípios, de Pato Bragado a Foz do Iguaçu, é um elemento aparentemente benéfico. Ao mesmo tempo em que frisa as melhorias

na cidade, ele ressalta ainda que, devido ao seu tamanho, comparado a *um ninho de galinha pequeninho*, e à baixa arrecadação, o município, sem os *royalties*⁷⁷, se tornaria *mais pobre*, devido ao possível corte no custeio de remédios, de incentivos à industrialização, de apoio à educação, dentre outros elementos. Sobretudo, deve-se preocupar, segundo Gaspar, com o aumento da arrecadação, pois é constante a vinda de pessoas ao município. De acordo com ele, Pato Bragado

Melhorou e vai melhorar mais ainda o município [...], mas é difícil, porque eu acho que o dia que acabar esses *royalties* [...] Eu sempre digo que Pato Bragado é que nem um ninho de galinha muito pequeninho, o município, sabe? E vão recolher como? [...] O município [...] a área é muito pequena. Agora o dia que terminar vai ser mais pobre [...] Aqui cresceu muito [...] e demais [...] Porque ali, Pato Bragado é muito pequeno e, porque do jeito que as pessoas vêm vindo de fora é dia por dia. (2007).

A maioria dos entrevistados apontou como mudanças o aumento populacional (não tão significativo se comparados aos dados do IBGE de 1992 – 3.530 – e 2007 – 4631⁷⁸), a construção de asfalto, a melhoria no atendimento do sistema de saúde, o aumento do número de indústrias⁷⁹, a construção de outros loteamentos, o deslocamento de alunos através do transporte escolar e o embelezamento da cidade, entre outros. Através das várias narrativas, percebia as singularidades de cada entrevistado ao falar de sua trajetória de vida, em casa, no trabalho, na escola, no empenho pelo sucesso de seus empreendimentos, no cotidiano das fábricas e nos projetos a serem concretizados no município. Como declara Alessandro Portelli, todos os entrevistados enriquecem a pesquisa e cada entrevista é importante por ser diferente da outra (1997, p. 17). Enfim, há especificidades e peculiaridades, mas também algumas similaridades nos “viveres”, nas experiências, nas memórias socialmente produzidas e compartilhadas (POR-

⁷⁷ Os *royalties* atualmente são injetados em todas as áreas do município, de acordo com as necessidades, exceto na folha de pagamento, como informou o secretário de finanças da prefeitura municipal Gilberto Maelher.

⁷⁸ Contagem da população em 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 06 out. 2007.

⁷⁹ Como informou ainda o Departamento de Tributação (06 indústrias em 1992; em julho de 2007: 23 indústrias, 119 prestadoras de serviços e 84 comércio, num total de 226 empresas).

TELLI, 2002, p. 127) naquela cidade. No entanto, emergiram, juntamente com as alegrias, as tristezas, as lamentações e os constrangimentos. Em meio a tensões e conflitos, são forjados, pelo poder público municipal e pela imprensa, a constituição da cidade, sua identidade, sua memória e seu progresso.

O progresso deve ser analisado em sua complexidade e implica num esforço do historiador em não se deixar levar apenas por sua positividade, por suas realizações benéficas para a cidade, empresas e a população. Legitimar a positividade do progresso é, segundo Walter Benjamim, um “perigo custoso” (1985, p. 159). O autor comparou o *angelus novus* ao “anjo da História”:

há um quadro de Klee intitulado Angelus Novus. Nele está representado um anjo, que parece querer afastar-se de algo a que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas prontas para voar. O Anjo da História deve ser assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de nós aparece uma série de eventos, ele vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Ele bem que gostaria de poder parar, de acordar os mortos e de reconstruir o destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o incessantemente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de Progresso é essa tempestade (1985, p. 157-158).

O progresso é a tempestade que impede o anjo de evitar que, diante do passado, os escombros cessem e não se acumulem, ao mesmo tempo que o impele ao futuro. Estes elementos são utilizados como alusão ao trabalho do historiador, que tem no passado seu objeto de análise, mas que, por vezes, não é capaz de perceber o que está além do que lhe é mostrado ou do que está diante de seus pés. Prostrado diante do passado, o historiador tenta acordar os mortos e, através da investigação de suas fontes, reconstruir o destruído. Cabe problematizar o *progresso sem fronteiras*: quais são seus sentidos e/ou significados atribuídos? Que interesses sustenta? O progresso traz consigo os “bolsões de pobreza”, que necessitam ser controlados e quando necessário retirados da região central da cidade, como apontou Jair Marcelino, buscando ordenar o espaço urbano e “democratizá-lo”.

Em outras palavras, deve-se retirar aqueles que estão destoando da harmonia proposta para Pato Bragado enquanto “cidade imagem” projetada para ser límpida, organizada e planejada. Para isso são construídos loteamentos populares, geralmente distantes do centro da cidade e invisíveis nas imagens produzidas do município. O progresso traz ainda os impactos ambientais e sociais, como a construção de Itaipu e as tensões estabelecidas em torno do processo de sua implantação, que ainda são rememoradas pelos entrevistados. A tempestade, que simboliza o progresso que afasta o historiador dos escombros e o impele ao futuro, implica no discurso proposto, pautado apenas nas transformações benéficas após a construção de Itaipu e, atrelado a ela, a emancipação de Pato Bragado que teria no início da década de 1990 um futuro promissor. Cabe então ao historiador “pentear a história a contrapelo” (BENJAMIM, 1985, p. 157).

A memória produzida para Pato Bragado encontra-se *dividida*, não apenas numa dicotomia elaborada pelo poder público, alicerçada pela imprensa, e a construída pelas narrativas, mas as próprias memórias estão divididas internamente através do “[...] desejo de silenciar e esquecer com a necessidade de se expressar [...]” (PORTELLI, 2002, p. 128). Isto é, não somente *entre* os campos da memória, mas *dentro* deles, como ressaltou este autor. Segundo Yara A Khoury, as entrevistas orais estão “sempre impregnados de memória” (2004, p. 117-138). Neste sentido, a memória é instável, mutável, sujeita a esquecimentos, silêncios, tensões e insere-se num campo de disputa, como aponta Michel Pollak (1989, p. 03-15).

Desta forma, os entrevistados chegaram à cidade por motivos diferentes, e assim permaneceram. Suas memórias socialmente compartilhadas constituíram trajetórias peculiares, expressas em suas falas. A cidade ordenada e planejada, homogênea e singular, é compreendida, em sua pluralidade e heterogeneidade, enquanto um campo de disputa, que se compõe e se recompõe de modo dinâmico, em virtude dos sujeitos que a integram. Tais dinâmicas permeadas por conflitos e tensões também são visualizadas no apelo à tradição e no impulso ao progresso.

Pato Bragado entre progresso e tradição

Cabe, neste momento, problematizar a relação entre o progresso e a tradição, pois ao mesmo tempo em que há o progresso, num movimento que impulsiona o município ao crescimento e ao futuro, há um apelo à tradição que liga a cidade ao passado que é restaurado num presente vivido. Em outras palavras, aspira-se ao *moderno* através do progresso, mas também

frisam-se práticas culturais tradicionais. Eis aí o principal paradoxo a ser aqui discutido. Qual o sentido desta peculiaridade? O progresso, constantemente agregado a inúmeras situações e projetos, é concebido positivamente e naturalizado através de uma perspectiva evolutiva, que porventura visaria atingir um ápice. A tradição, passível de *continuidade* e de *ser transmitida de geração para geração*, é, por si só, *inventada*, é construída e (re) construída, não permanece intacta. Progresso e tradição imbricados aos discursos produzidos sobre Pato Bragado, atendem, de maneiras singulares, a consolidação do processo de emancipação, junto à autoafirmação da cidade, à construção e comercialização da *cidade imagem*, em cuja dimensão a economia está ligada à cultura, investe-se no turismo, no revigoramento de identidades, memórias, etc.

Neste sentido, em Pato Bragado, as festas, os grupos de dança e o CTG são impregnados pela tradição e atribuições ao tradicional. As festas, em especial Cupim e Oktoberfest, são atreladas à tradição, no entanto os usos são distintos. Conforme o periódico *O Presente*, a Festa do Cupim já era *tradicional* na localidade de Pato Bragado, em 1993 (13 de março de 1993, p.03) e foi ainda associada à tradição gaúcha, *bastante viva* naquela cidade. Iniciada em 1988 consistia na *atração do CTG* e marcava “[...] a tradição gauchesca que é bastante viva no município [...] com a emancipação [...] passou a ser festividade oficial” (*O Presente*, 17 de março de 1995, p. 06). Esta “passagem”, quando o evento deixa de representar apenas o CTG e passa a representar o município, modificou inclusive o enfoque dado à tradição; a festa *expandiu-se*, assim como a tradição, e, em 2000, “já é comemoração tradicional em toda a região” (*O Presente*, 10 de março de 2000, p. 12). A realização consecutiva, ao longo de vários anos, garantiria que fosse considerada como *tradicional*? Buscava-se legitimidade e reconhecimento?

Assim como a Festa do Cupim, a Oktoberfest é *evento* considerado “tradicional pelo grande êxito alcançado” (*Folha Bragadense*, novembro/dezembro de 1996, p. 08) antes mesmo de ser municipalizada. Também (re) apropriada pelo município, a “festa tradicional alemã” (*O Presente*, 14 de agosto de 1998, p. 05) (re) nascia sob os apelos à tradição, pois *com o sucesso desta edição* [1ª Oktoberfest] *temos a certeza de que a festa se tornará uma tradição no município*, afirmava o vice-prefeito e presidente da CCO, Delmar Fincke (*O Presente*, 24 de outubro de 1997, p. 04). Entretanto, as *raízes culturais locais*, gaúcha e alemã, ditas tradicionais, são agregadas ao turismo, ao consumo e à comercialização da *cidade imagem*. Faz-se questão de que o tradicional as respalde. As festas servem de atrativo, e, ao serem envolvidas no chamado

turismo gastronômico e de eventos, integram o *potencial de Pato Bragado*, e o “progresso econômico e turístico” (*Folha Bragadense*, março de 2002, p. 02) do município, movimentando a economia local.

A tradição é agregada não apenas às festas, mas também aos grupos de dança. Por exemplo, junto à Oktoberfest, o grupo folclórico *Progresso sem fronteiras*, em 1996, era a “demonstração da cultura germânica que o município possui” (*Folha Bragadense*, novembro/dezembro de 1996, p.08). Eis aí uma questão complexa: como um grupo de danças folclóricas tradicionais é nomeado como *progresso sem fronteiras*? Cabe frisar que, no momento em que o grupo é criado, tal denominação é amplamente empregada para a consolidação da *jovem cidade* que há poucos anos se emancipara. Por que não referenciá-lo num grupo de dança? Tem-se o progresso e também a tradição como elemento peculiar a Pato Bragado num momento em que se quer reconhecer e diferenciar-se dos demais. Como visto na epígrafe deste capítulo, a *preservação das tradições culturais* expandiu-se quando Pato Bragado pôde *governar a si mesmo*, deste modo, *cultura é desenvolvimento*. A positividade do desvincular-se de Marechal Cândido Rondon era reforçada pela tradição passível de preservação. Através da dança *manteriam-se vivas as lembranças e perpetuariam-se costumes*, e isto seria assegurado pela história do município. Anos depois, em 2005, o significado do nome deste grupo de dança, e o seu objetivo, foram incorporados num *folder* que frisava o turismo em Pato Bragado. Junto à gastronomia e as áreas ecológicas, o grupo representaria a cultura do município e, neste momento, seria vinculado à promoção do turismo na cidade que estava sendo comercializada.

O progresso, como um conceito denso e multifacetado, não pode ser reduzido ou simplificado, assim como a tradição. Juntos, progresso e tradição diferenciam a cidade e constroem uma Pato Bragado singular, que neste caso é apresentada através de imagens atrativas e vinculadas à economia, ao turismo e, por conseguinte, ao lucro. As festas reuniram tradição e progresso, imbricados, comercializariam cultura, (re) inventariam Pato Bragado, distinguiriam-na de outros municípios.

Segundo Maria B. R. Flores, a construção de identidades é recorrente no processo de globalização, e a busca constante pela diferenciação ocorre em meio à homogeneização imposta: “[...] ao mesmo tempo, que se dissolvem cada vez mais, todas as fronteiras, paradoxalmente, presenciam-se os movimentos pela busca de identidades. A globalização do planeta, tornando

indiferentes os lugares físicos, social ou espacial, pela mundialização da cultura, cria por um lado, os desejos de marcar diferenças” (1997, p. 167). Em Pato Bragado, assim como em Portugal o *mar por tradição* é utilizado como um atrativo turístico diferenciado (PERALTA, 2003, p. 90); tradição e progresso são vistos na ênfase à gastronomia e aos eventos, e produzem características peculiares ao município.

Mas, e o CTG? Por que o poder público não o destacou no *folder*? A *Folha Bragadense*, sob a direção de Flávio M. Prigol, distanciou-se do poder público a partir de 2005. Neste ano é o periódico publicou uma série de chamadas para eventos promovidos no CTG. Teria esta entidade perdido também apoio do executivo municipal? E isso seria consequência de Normilda Koelher não ser tradicionalista, ao contrário do ex-prefeito Luiz Grando?

O CTG Sepé Tiaraju é uma entidade constituída como um *centro* voltado às *tradições gaúchas* (tradicionalistas sul-rio-grandenses), mas localizado no extremo-oeste paranaense. A tradição é *inventada* e, segundo Eric Hobsbawm, entendida como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (1997, p. 09).

As tradições, geralmente percebidas como algo permanente ou imóvel, poderiam ser transmitidas com uma configuração idêntica ao tempo presente, porém são recriadas, de acordo com olhares ou interesses que são lançadas sobre elas. Neste sentido, como integrantes do Sepé Tiaraju concebem as tradições? Aqui analiso com mais afinco o posicionamento daqueles que se consideram detentores da tradição, preservando-a, mantendo-a viva ou vivenciando-a.

Laércio Canabarro (2004), ex-patrão do CTG, secretário municipal de finanças, em 2004, *mantém viva a tradição* ao participar de eventos ou ir ao CTG frequentemente, e, ao vivê-la em seu cotidiano, ao usar bombachas, colecionar CDs de músicas gauchescas, apresentar um programa tradicionalista de rádio em Marangatu, no Paraguai, ainda se declara um *apaixonado pelo tradicionalismo*. No entanto, o “viver a tradição” ganha contornos específicos a cada narrativa. Por exemplo, para Eduardo H. Wolff (2004), peão da inverno artística, o CTG *centraliza as tradições* e ele as vivencia ali. Para o *jovem tradicionalista* de 15 anos, o CTG

é também um espaço de lazer e diversão. A tradição é concebida de formas diferentes, e, mesmo assim, ela pode ser “preservada”?

Preservar e manter viva são enunciados frequentemente utilizados por integrantes do CTG, e também pelos jornais. Ao conceder entrevista ao jornal *O Presente*, em função da Semana Farroupilha, realizada no município, em 2003, Laércio Canabarro afirma que:

em Pato Bragado, a partir de uma parceria com a administração municipal, através do departamento de Educação e Cultura, são desenvolvidos no CTG Sepé Tiaraju aulas de diversas danças tradicionalistas. “Temos um CTG que é destaque a nível de Paraná e de Brasil e, chegamos nesse posto porque recebemos apoio e incentivo. A administração paga o professor de dança e um gaiteiro [Telles pai e filho] para que 130 crianças aprendam a cultivar as tradições gaúchas, independente se é filho de sócio do CTG ou não”. A partir desse apoio podemos manter viva as tradições gaúchas e incentivar as crianças a aprender uma dança, ao invés de ficar em casa, muitas vezes, sem fazer nada. Aprender a dança é aprender uma cultura (16 de setembro de 2003, p. 19).

Nesta questão de dar *continuidade* à tradição, ressalto o incentivo dado a crianças e jovens, principalmente através da retomada da Invernada Artística, em 2000. O incentivo à participação de crianças e adolescentes é uma alternativa proposta para afastá-los de situações consideradas ruins, como as drogas e a *vadiagem*. O projeto busca legitimidade não só pelo discurso de necessidade de *cultuar* a tradição, mas de uma ocupação *saudável* às crianças. Esta justificativa encontra ressonância no mundo capitalista que vivemos, em que se valoriza sobremaneira a atividade produtiva e se combate o ócio. A dança ainda manteria *viva* a tradição, mas o que de fato viabilizaria este processo seria o apoio e o incentivo do poder público. A tradição não é qualquer uma, mas sim a *gaúcha*, e isso faz com que ela ganhe respaldo não apenas no CTG, mas envolva todo o município. Apoio e incentivo por vezes incondicional devido à ligação de integrantes da prefeitura municipal e do CTG, que resultou inclusive num reconhecimento da tradição gaúcha em Pato Bragado, por meio tanto de premiações, como a de *prefeito mais gaúcho do Paraná*, recebida por Luiz Grando, como pela realização da Invernada Artística ou pelo reconhecimento internacional dos irmãos Telles dançando a chula.

Há uma abertura às crianças do município para a participação no projeto da retomada da Invernada Artística, talvez para que não se acirrem os conflitos pelo apoio e incentivo do poder

público local. Antes disso, essa abertura simboliza as constantes (re) elaborações que são feitas. Busca-se, ainda, legitimidade à *tradição gaúcha*, procurando ligar os habitantes do município a um *passado gaúcho*, relembrando as *origens gaúchas* de muitos dos migrantes que se fixaram no município. Como registrou a primeira ata do CTG Sepé Tiaraju, datada de 27/03/1985,

[...] a importância de cultivar as tradições das pessoas que cultuam as tradições gaúchas [...] Nelson Muller vereador representante do distrito de Pato Bragado, [*destacou*] a importância de um grupo ou um centro que cultue as tradições gaúchas, já que a maioria é descendente de gaúchos [...] (Livro de Registro de Atas. Ata nº 01, 27/03/1985).

Neste caso, os *gaúchos* de Pato Bragado deveriam espelhar-se naqueles que *cultuam as tradições gaúchas*, os tradicionalistas sul-rio-grandenses. Há a presença de um indivíduo de renome no local, um vereador, que aponta, dentre o grupo ali reunido, a *importância de cultivar as tradições* e também da existência de *um grupo ou um centro* que a cultuasse. Este sentimento de construir algo que lembresse o local de origem, que valorizasse ou que simplesmente solidificasse suas *raízes gaúchas* é justificado pela *maioria ser descendente de gaúchos vindos do sul*. Para cumprir essa tarefa, foi instalado um Centro de Tradições Gaúchas, o Sepé Tiaraju. A tradição busca autenticidade na história, de acordo com Eric Hobsbawm, é *inventada* e “[...] toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (1997, p. 21). Conforme estas palavras, as tradições são consideradas por vezes como *o real*, ligando-se ou utilizando-se da história para legitimar algo ou algum grupo.

A *preservação das tradições gaúchas* junto ao CTG, antes de tudo, necessita de pessoas que se identifiquem e acreditem em tais práticas, para então cultuá-las. Para Michel de Certeau, a “[...] credibilidade do discurso é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem. Ela produz praticantes. Fazer crer é fazer fazer” (1994, p. 241). Um discurso que produz credibilidade é caracterizado

[...] por curiosa circularidade e capacidade de fazer se mover [...] é precisamente o que faz crer. Como a lei é já aplicada e com e sobre os corpos, ‘encarnados’ em práticas físicas, ela pode com isso ganhar credibilidade e fazer crer que está falando em nome do ‘real’ [...] acredita-se então naquilo que se supõe real [...] (CERTEAU, 1994, p.241).

Entretanto, ao dar-se *continuidade*, a tradição não seria alterada? (Re) apropriada ou (re) construída? Através do sentimento de apego à tradição, ou à terra deixada pelos que se dirigiram ao Oeste do Paraná, em especial a Pato Bragado, os migrantes acreditaram que poderiam preservá-la; todavia, esta tradição seria (re) apropriada. De acordo com Maura Penna, a migração é um processo em que determinados aspectos são (re) modelados ou (re) elaborados, *destruídos ou recriados*. Assim, “faz-se necessário, portanto, considerar a migração enquanto processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos [...]” (1998, p. 109).

Os elementos destacados por Laércio Canabarro são suficientes para que ele *reivindique o direito* de afirmar-se ou identificar-se enquanto *gaúcho*, tendo nascido e estando no Paraná. “Gaúcho, pro meu ponto de vista é um estado de espírito e, rio-grandense é quem nasceu no Rio Grande do Sul. Não quer dizer por que nasci em Toledo aqui no Paraná, que eu não posso ser gaúcho” (2004). É um *gaúcho paranaense*. É um exemplo da (re) invenção da tradição gaúcha. De acordo com Emerson Campos, que estudou o Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina, no período de 1959-1997, o gaúcho é encarado como *despossuído de quaisquer territorialidades*, tornando-se então um *estado de espírito*. Assim,

o gaúcho hoje é entendido como aquele que, independentemente do local de moradia, se interessa pela preservação, divulgação e vivência da cultura do homem ligada a práticas campeiras, desenvolvidas primordialmente na região onde se foi definido a fronteira sul dos domínios portugueses e espanhóis na América, em sua visão mais elaborada e expansiva, se tornou um ‘estado de espírito’. Este gaúcho, portanto, possui atualmente, um sentido desvinculado de quaisquer territorialidades. Sendo assim, nesta perspectiva podemos encontrar gaúchos no nordeste brasileiro, no sudeste brasileiro ou até em outras regiões, países e continentes (2000, p. 40).

A ideia de *continuidade*, vista em narrativas e em projetos como a retomada da Invernada Artística, está ainda presente no lema adotado pelo CTG do Sepé Tiaraju: *A Tradição continua viva no coração de cada gaúcho*. Ressaltam-se aqui duas questões relevantes: a primeira em relação ao uso do verbo *continuar*, e a segunda pela adoção da palavra *coração* no lema. *Continuar* expressa movimento, no sentido de conservar uma ligação entre o passado e o presente. A

expressão *a tradição continua* pode ser interpretada como a continuação ou o prosseguimento da tradição, ou a importância de perpetuá-la nas futuras gerações. Neste sentido, observa-se uma atenção especial às novas gerações, quando se percebe uma proposta de *educação tradicionalista* que vise a consolidar tais ideias. Para tanto, há a necessidade de frisar constantemente tal discurso para que este se mantenha vivo, pelo fato destes gaúchos terem migrado do Rio Grande do Sul. A palavra *coração* remete ao sentimento, ou seja, ao fato de se sentir gaúcho, mesmo quando se está fora de seu estado de origem. O lema pretende mostrar a necessidade de continuar sentindo-se “gaúcho”, mesmo fora do Rio Grande do Sul.

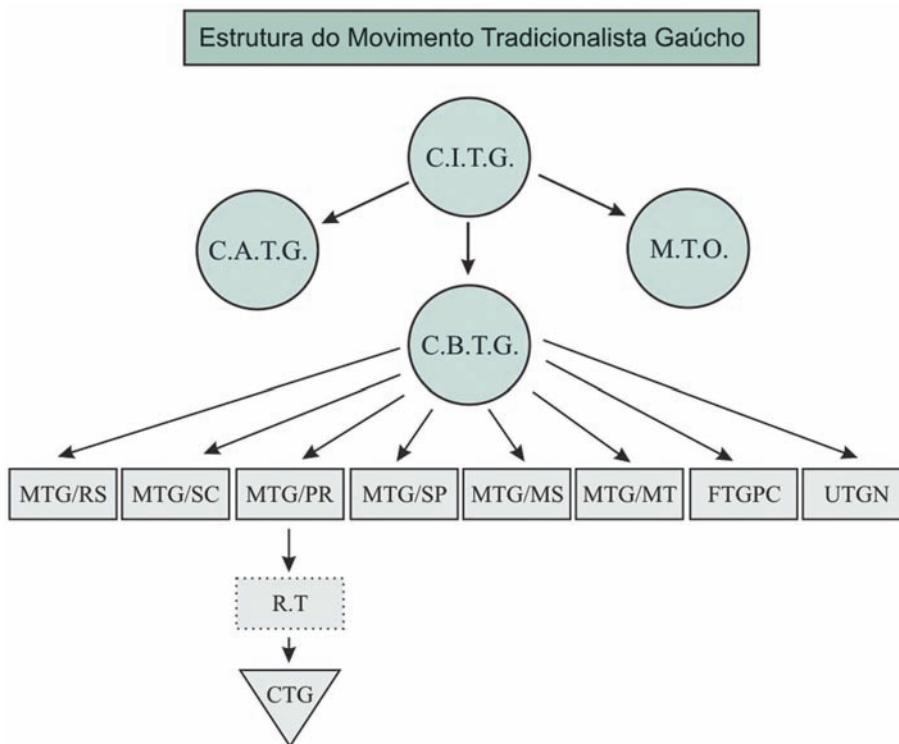


Fig. 24. Organograma. Estrutura do MTG. Sônia M. C. Pereira.

O tradicionalismo gaúcho é hierarquicamente organizado, como visto no organograma. O CTG Sepé Tiaraju liga-se às Regiões Tradicionalistas, às chamadas RTs, e ao Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná, ou MTG-PR, e este às instâncias nacional e internacional⁸⁰. Assim como o Sepé Tiaraju, os demais CTGs são [...] *agregações de cunho popular que têm por fim estudar, divulgar e fazer com que o povo 'viva' as tradições rio-grandenses*⁸¹. Embora as *tradições vividas sejam as rio-grandenses*, existem (re) apropriações. Desta forma, permite-se inclusive que existam *gaúchos paranaenses*. No Paraná, os *gaúchos paranaenses* detêm-se a elementos do Rio Grande do Sul, mas também ao local onde estão inseridos. As provas de História e Geografia, realizadas durante a escolha dos peões e prendas, e a ausência da Invernada Campeira no Sepé Tiaraju, são exemplos destas (re) apropriações.

Mas qual tradição é concebida pelo MTG-PR? *Tradição* corresponde ao ato de transmitir os fatos culturais de um povo, através de suas gerações. É rico no campo literário, folclórico, musical etc [...] *é o culto à memória dos feitos de seu povo. Se identifica pelas roupas que usam, comidas e outras coisas*.⁸² O MTG-PR sublinha a necessidade de transmissão de *valores* de um povo, através de suas gerações, no sentido de perpetuá-los por meio do culto a determinadas memórias, que se acredita, num primeiro momento, como estanques, não sendo passíveis de mudanças ou (re) elaborações. No entanto, o próprio movimento acredita que a tradição pode se espalhar, mas sem (re) apropriações. Neste intento, legitimam-se determinados aspectos em detrimento de outros, positivando e glorificando os *feitos* de um *povo* em específico. No caso, um *gaúcho* destemido, com um passado glorioso e positivo, sob um ponto de vista utópico.

Maria E. Maciel, antropóloga e historiadora, ao escrever sobre a questão da tradição e do tradicionalismo no Rio Grande do Sul, afirma:

80 Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha – CBTG, vinculada à Confederação Internacional de Tradição Gaúcha – CITG (Cf. ULIANA, 2004, p. 62).

81 Disponível em: <www.mtg.com.br>. Acesso em: 10 set. 2003.

82 Cf. *Concurso de 1ª Prenda e Peão Biriva, 12ª Região Tradicionalista*. CTG Sepé Tiaraju, Pato Bragado, 12 fev. 2003, p. 09.

o passado, nesse quadro, torna-se uma garantia de veracidade e o fator legitimador, já que é dele que são encontradas as tradições e é ele o manancial de onde se buscam os elementos culturais que vão constituir-se em traços identitários. O critério ‘antiguidade’ é confundido com ‘autenticidade’, ou seja, quanto mais remoto, mais legítimo se torna. O passado e os antepassados forneciam, assim, os elementos constitutivos da identidade do grupo, os quais, ao serem mantidos em sua ‘pureza’ original, são adotados como os verdadeiros e autênticos (1999, p. 130).

Percebe-se que determinados aspectos, e até o próprio passado, são forjados. São (re) elaborados, concedidos outros significados a elementos considerados pré-existentes. Volta-se ao passado com os olhares do presente, na busca por elementos que justifiquem, legitimem ou consagrem o que se afirma, ou seja, que dê base de sustentação ao MTG. Em outras palavras, as *tradições gaúchas* são inventadas a partir de perspectivas do presente, são reconstruídas e tomadas enquanto legitimadoras do que é afirmado pelo MTG.

Entretanto, as tradições simulam, ocultam e silenciam determinados fatos que não atendem a perspectivas ou interesses específicos. Logo, são frutos da construção humana e visam a alicerçar determinados discursos. Para Luis Felipe Falcão

[...] o sentido da tradição parece ser o de construir diques ou barragens que impeçam a corrosão de relações sociais ou pessoais que se mostravam relativamente estáticas numa época não muito distante, mas agora **correm o risco de serem subvertidas pelo esquecimento, pelos vícios do tempo presente ou pela intromissão de práticas e valores culturais estranhos a tudo aquilo que o passado teria legitimado como efetivamente correto, ímpoluto e autêntico** (2000, p. 224. Grifos meus).

Em outras palavras, a tradição só é percebida e inventada, pois algo que ela pretende *resgatar* não existe mais, está prestes a sucumbir em meio às amplas e rápidas transformações, como afirmou Eric Hobsbawm. Os apelos à tradição em Pato Bragado se dão também em meio ao processo de emancipação. Visando a autoafirmar a cidade diante da presença de *outros* no local, legitimam determinados grupos.

As disputas pela autoafirmação ao denominá-los *gaúchos* e *alemães* espalham-se pela cidade, e são expressas material e simbolicamente, através de festas, grupos de dança, poemas,

arquitetura, hino municipal, Centro Histórico Bragadense, etc. Em meio aos embates, fragmentos e seleções se transformam em discursos e ações instituídas que buscam atender a fins específicos, a exemplo da cultura que

[...] é relacionada às festividades nas quais ressalta-se a origem étnica germânica, o tradicionalismo gaúcho, a religiosidade, os costumes coloniais. Lideranças de diversos setores trabalham na perspectiva de divulgar características culturais do município a fim de torná-lo mais conhecido e construir identidades locais com a finalidade de trazer resultados econômicos, políticos e culturais (GREGORY; MYSKIW, GREGORY, 2004, p. 138).

Vários elementos foram escolhidos para diferenciar e caracterizar Pato Bragado. Poder público, imprensa e historiadores lapidaram determinados elementos, elegendo-os como próprios daquele local, buscando erigir identidades para que alcancem alguns objetivos como, por exemplo, *resultados econômicos*. Embora as tradições sejam [...] *ideologicamente veiculadas como se tivessem existido desde sempre*, Renato Ortiz propõe que a *modernização da sociedade reorganiza a esfera cultural* possibilitando redefini-las (1999, p. 161). Para ele

a mundialização da cultura redefina o significado da tradição. Temos agora dois entendimentos possíveis de um mesmo conceito. Tradição enquanto permanência do passado distante, de uma forma de organização social contraposta à modernização das sociedades [...] Mas ao lado desta compreensão desponta outra. Tradição da modernidade [...] cujos elementos de sua composição estão prontos para ser reciclados a qualquer momento (2003, p. 213).

As tradições são (re) apropriadas de acordo com os interesses diversos e são recicladas. Em seu entorno, desencadeou-se uma série de conflitos, tanto dentro quanto fora do CTG, em especial com o grupo alemão. Foram embates materiais e simbólicos, disputas de poder e tensões idênticas às que ocorreram durante o processo de constituição de Pato Bragado. Embora, por vezes, suas peculiaridades e discursos instituídos sejam sobrepostos a isto. Assim como há progresso, há tradição em Pato Bragado. O progresso é visto de ponta a ponta, na infraestrutura, nas festas, no turismo, na qualidade de vida, etc. Todos desfrutam, das empresas à agricultura, do centro ao loteamento, ele é enraizado na vida e no cotidiano do bragadense. O sonho

tornou-se realidade, convive-se em comunidade, e não há estranhamentos? A tradição mantida viva e preservada, transmitida às gerações futuras, é inventada e (re) inventada para atingir a determinados fins, sendo modelada para caracterizar a cidade ou transformada em mercadoria, a ser comercializada junto à atividade turística.

Assim como a tradição, o progresso, por vezes, acaba sendo naturalizado e não considerado como fruto de construções e (re) elaborações humanas. Conceito que está longe de um consenso semântico, como apontou Gilberto Dupas, mas Pato Bragado foi sustentado por aspectos apenas positivos, agregado ao desenvolvimento técnico, atrelado à superação de etapas e ao alcance de determinados estágios. O progresso é construído por impulsos que o direcionam a um fim específico, a uma etapa superior, uma espécie de ápice. Em alguns momentos os discursos apontam para a busca incessante por este ápice, em outros, o município já o teria alcançado, isto demonstra que os discursos são construídos e (re) construídos.

Valorizar os efeitos positivos do progresso em Pato Bragado indicam que a direção a ser seguida é única, e o progresso é construído linearmente, muito embora esteja envolvido por oscilações e contradições. Essas últimas são observadas em especial nas entrevistas em que os diferentes sujeitos, através de suas experiências singulares, questionam o progresso instituído positivamente. Estes não apenas são um contraponto ao que é proposto pelo poder público, pela imprensa e também pelos historiadores, mas indicam que o progresso não é apenas benéfico, reforçam que o discurso é criado e (re) elaborado.

A busca pelo progresso e a autoafirmação são constantemente frisadas nos discursos sobre Pato Bragado. Esse investimento ocorre com a colonização realizada pela MARIPÁ, em meados do século XX; a instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu nos anos 70 e 80, o processo de emancipação nos anos 80 e 90 e na sua configuração atual, os quais representariam mudanças na paisagem de Pato Bragado. Assim como o poder público e a imprensa, os historiadores também forjam discursos, muitas vezes os legitimam, e tornam-se “vozes autorizadas”, como afirmou Pierre Bourdieu (1998).

Como destacou Nelson D. Tomazzi (1997), em referência ao discurso produzido sobre o Norte do Paraná, os discursos fundadores funcionam como alicerce para um conjunto de ideias e imagens constitutivas de um país ou região. Deste modo, através de suas *origens*, as menções à Fazenda Britânia, à MARIPÁ, à Itaipu e à emancipação sustentariam uma Pato Bragado

progressista, mas que na busca por restaurar seu passado, muitas vezes para se autoafirmar como município, envolveu também o apelo à tradição.

Os discursos produzidos no processo de constituição do município de Pato Bragado retornam ao passado e buscam legitimidade na história. São utilizados para alicerçar e autoafirmar as ações e posicionamentos de determinados grupos, revigorar identidades, forjar memória coletiva – elaborada a partir de memórias individuais, socialmente compartilhada, como afirmou Alessandro Portelli – e edificar Pato Bragado como homogênea, única e singular. Tais discursos, ao frisarem as *origens germânicas* ou *gaúchas*, o *pequeno grande*, o *município pujante*, e até mesmo imbricar tradição ao progresso, buscam legitimar e consolidar a escrita de uma determinada história, em concordância com identidade e memória. Todavia, cidade, identidade e memória são concebidas, nesta pesquisa, em meio a contradições e embates, compreendendo sua pluralidade e sua multiplicidade. Observando-as através do espelho, outras Pato Bragado emergem e ainda estão por ser (re) escritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vezes, as vozes, as ações e os lugares nos parecem familiares, pois fazem parte do nosso cotidiano. Por outras, há uma estranheiridade surpreendente, pois nos deparamos com outros valores e sentidos que se conferem aos atos e palavras. Mas, no caso, não será esta mesma a grande aventura do historiador no campo do conhecimento? Chegar lá, naquela temporalidade já escoada e, tentar entender como os homens de uma outra época conferiam sentido ao mundo? Preencher as lacunas, dar voz ao silêncio, percorrer espaços que não mais existem para entender como foi (PESAVENTO, 2001, p. 356-357).

Marco Pólo descreve uma ponte, pedra por pedra.

___ Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.

___ A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco ___ mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

___ Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Pólo responde:

___ Sem pedras o arco não existe (CALVINO, 1990, p. 79).

A cada retorno a Pato Bragado, percebia uma cidade diferente, assim como na análise de cada foto, anúncio, cartão-postal, *folder*, narrativa, etc. existiam vestígios sobre uma cidade contínua, dinâmica, oculta, invisível. A pesquisa realizada ao longo destes anos instigou-me constantemente. Considerava-a um desafio, por cada dificuldade e percalço vivido, somados ao ofício do historiador.

Estava ciente de que, antes da ponte edificada, as pedras que a sustentam são imprescindíveis, pois a alicerçam. Não é uma só *pedra*, mas são inúmeras. Como a ponte, Pato Bragado é alicerçada não por um, mas por vários discursos; alguns até podem se sobressair em detrimento a outros, todavia, a cidade por estes pretendida singular torna-se plural, em

especial pelas vivências e experiências cotidianas de cada sujeito que a compõem. Pato Bragado também é feita “[...] de exceções, impedimentos, contradições, incongruências, contra-sensos” (CALVINO, 1990, p. 67). Construída e (re) construída, a cidade não se restringe às imagens projetadas num espelho. Muito embora o poder público e os periódicos visem a alicerçar discursos que forjem uma cidade peculiar, por vezes gaúcha e germânica, este processo ocorre em meio a tensões e disputas materiais e simbólicas. Porém, a cidade de Pato Bragado é construída por meio de identidade e memória selecionadas, as quais, aparentemente, não envolvem conflitos ou contradições. Ao fazer isso, poder público e periódicos se preocupam em legitimar os grupos aos quais pertencem e que estão à frente da prefeitura municipal e da imprensa local. Ambos têm um papel significativo na elaboração e (re) elaboração identitária e memorialística de Pato Bragado, pois conduziram o processo em vários momentos, tendo sido auxiliados, inclusive, por historiadores. No entanto, eleger e consolidar a cidade juntamente com identidade e memória não é tarefa fácil, e tal processo não ocorre de maneira restrita, menos ainda de maneira harmônica.

As narrativas, por sua vez, não apenas *humanizam* este processo, através de vivências e experiências no município, mas revelam outras formas de encarar, criar e inventar Pato Bragado. Diversas e diferentes maneiras de ver, sentir, perceber o local onde inúmeros sujeitos convivem. Um lugar onde está a família, o trabalho, o lazer e também os sofrimentos, as lágrimas, as angústias, as lembranças. Elementos que parecem não significar ou condizer com os propósitos das páginas de um periódico ou de um *folder*. Sem sombra de dúvida, isto não é algo atrativo à *cidade imagem*.

Todavia, a Pato Bragado dada a ver e a ler não é apenas *cidade imagem*, mas também é *cidade-colagem*, criada através da projeção de imagens, construída por recortes, colagens, costuras e tem “[...] seus contornos delineados, como um panorama daguerreótipo, sem franjas e sem fissuras” (FLORES, 1997, p. 67), principalmente ao ser *estetizada para o consumo turístico*, assim como as cidades turísticas germânicas em Santa Catarina. A *cidade imagem*, fragmentada e selecionada, sustenta-se pela sua fotogenia, na ênfase ao belo sem quaisquer rachaduras

visíveis, utilizada pelo turismo, mas também ao ser transformada num atrativo em que se imbricam a qualidade de vida, a germanidade, as festas, entre outros.

Assim como na *cidade imagem* vista através do espelho, alguns discursos buscam caracterizá-la, identificá-la, reconhecê-la, consolidá-la e legitimá-la diante dos outros municípios. Pato Bragado tornou-se único. Fundiram-se paradoxos, constantemente referenciados, como progresso e tradição. Foram elementos reciclados e (re) inventados frequentemente.

Em Pato Bragado, independentemente dos elementos (re) fabricados, a História é utilizada para solidificá-los. Ao progresso e à tradição são agregados vários aspectos, tais como: a colonização realizada pela MARIPÁ, a construção da Hidrelétrica de Itaipu, a emancipação político-administrativa e a configuração atual do município. Estes elementos produziram ali-cerces à *jovem cidade*, que buscou legitimar suas *raízes* ao restaurar o passado.

Na ânsia pela diferenciação, num processo de globalização que parece homogeneizar, Pato Bragado procura distinguir-se. A elaboração da identidade dá-se em meio à diferença, à alteridade, à disputa de poder, num paralelo com a memória produzida através de silêncios e esquecimentos.

Esses silêncios e esquecimentos são encobertos por discursos que se utilizam de *marketing* e de publicidade para maquiagem o real, como apontou Maria B. R. Flores (1997, p. 160). A publicidade é o *cosmético da comunicação*, aquele que embeleza para ser visualizado – mas que, simultaneamente, inclui e exclui determinados elementos, de acordo com desejos e interesses. Assim, produzem-se e entrecruzam-se a *cidade imagem*, o *pequeno grande*, o *município pujante*, o *progresso sem fronteiras*, o *povo sem tradição morre a cada geração*, dentre outros.

Todavia, analisar o implícito, problematizando os discursos propostos, é tarefa do historiador. Desconstruí-los faz parte de seu ofício, e não nos cabe *renovar mitos*, pois a História não segue linearmente rumo a uma direção específica. Ela não tem um destino certo e glorioso, mas é um processo em constante movimento, repleto de ondulações e contradições. E a cidade torna-se *um enigma a ser decifrado*, como afirmou Pesavento (2001, p. 26). Como um palimpsesto, um tecido, um quebra-cabeça, é um espaço construído e composto por sentidos variados e diversos.

Através disto, há a possibilidade de se ver uma infinidade de cidades sobrepostas, entrecruzadas e imbricadas numa só. Poder público, imprensa, moradores e historiadores (re) constroem, de maneira peculiar, a cidade, sua identidade e memória. Os discursos são alicerçados por meio de diversos aspectos, como visto no decorrer desta pesquisa. Aos poucos a cidade não é mais singular, mas múltipla. Rer páginas e interpretar falas levou-me, neste momento, a estas considerações, mas provavelmente visualizarei outras em breve. Conceber a cidade como um enigma sugere a desconstrução de discursos possibilitando a (re) escrita da História. As palavras pronunciadas por Sandra J. Pesavento, na epígrafe, indicam o (re) pensar deste trabalho que aqui finalizo; acabando-o, sem acabar, finalizando-o, porém não o esgotando, pois há muitas outras cidades, ocultas e invisíveis, a serem decifradas em Pato Bragado.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa: 1970-2000*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência social*. São Paulo: Ática, 1989.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria S.; NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento*. Campinas: Unicamp, 2004, p.15-34.

Ata n. 01, 10/07/1997. Ata encontrada na Prefeitura Municipal do município de Pato Bragado, referente a primeira reunião acerca da realização da Oktoberfest.

BANN, Stephen. As invenções da história. *As invenções da História: ensaios sobre as representações do passado*. São Paulo: Edunesp, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 09-113.

BENJAMIM, Walter. Teses sobre Filosofia da História. In: KOTHE, Flavio R. (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.

BOLSONI, Adejandre. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 20/03/2007. Aproximadamente 25 minutos gravados em MP4.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 107-132.

BOURSCHEIDT, Ivanilda de Freitas. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 20/07/2007. Aproximadamente 25 minutos gravados em MP4.

BRITES, Olga. Infância, higiene e saúde na propaganda: usos e abusos nos anos 30 a 50. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882000000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 11 ago. 2007.

Calendário de Eventos 2004; 2005; 2007 – Pato Bragado. Prefeitura Municipal de Pato Bragado – PR.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos de Uberlândia – 1938-1990*. 2001. 291f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

CAMINHOS – Turismo integrado ao lago de Itaipu. Disponível em: <<http://www.caminhositaipu.com.br/modules/lago/site/>>. Acesso em: 11 mar. 2008.

CAMPOS, Emerson C. de. O gauchismo em evidência: Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina (1959-1997). *Esboços* – Revista de Pós Graduação em História da UFSC. Florianópolis, v.06, maio 2000.

CANABARRO, Laércio. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: Unioeste. 27/07/2004. Aproximadamente 40 minutos gravados em K7.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. *Domínios da História: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elviesier, 1997, p. 375-399.

Cartão-postal *Cupim*. Prefeitura Municipal de Pato Bragado, 2001.

Cartão-postal *Oktoberfest*. Prefeitura Municipal de Pato Bragado, 2001.

Cartão-postal *Pato Bragado*. Prefeitura Municipal de Pato Bragado, 2001.

Centro de Tradições Gaúchas Sepé Tiaraju. *Livro de Registro de Atas*. Ata nº 01, 27/03/1985.

CERTEAU, Michel de. A maquinaria da representação. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Abramo, 2000.

Concurso de 1ª Prenda e Peão Biriva, 12ª Região Tradicionalista. CTG Sepé Tiaraju, Pato Bragado, Paraná, 12/02/2003.

CONRADI, Carla C. N. *As ações do Estado Nacional e a trajetória política dos Guarani Nandeva no Oeste do Paraná: 1977-1997*. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

CRUZ, Heloisa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – São Paulo, 1890-1915*. 1994. 240f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DALL AGNOL, Elpídio. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Marechal Cândido Rondon: Unioeste. 26/06/2004. Aproximadamente 60 minutos gravados em K7.

DA SILVA, Francieli Pirolli. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 19/07/2007. Aproximadamente 25 minutos gravados em MP4.

DIAS, Maria O. L. da S. Quotidiano e Poder. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 19-60.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso*. São Paulo: UNESP, 2006.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAE. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/tc4_pesquisa.asp#paranaense>. Acessado em: 06 abr. 2007.

FALCÃO, Luis Felipe. *O separatismo como opção ou o tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina*. Itajaí: Univale, 2000.

FARIA, Maria A. As formas de informação. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001.

FERNANDEZ, Érico P. et. al. *Contrapontos: ensaios de História Imediata*. Porto Alegre: Folha da História, 1999.

FLORES, Maria B. R. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Obra Jurídica, 1997.

_____.; WOLFF, Cristina S. Imagens que não se apagam: representações de gêneros na Oktoberfest. *Projeto História*. São Paulo, fev. 1997. p. 161-181.

Folha Bragadense. Pato Bragado, ano 01, ed. 01, outubro de 1995.

_____. Pato Bragado, ano 01, ed. 02, novembro de 1995; ed. 03, dezembro de 1995; ed. 04, março de 1996; ed. 06, junho/julho de 1996; ed. 07, agosto/setembro de 1996; ed. 09, novembro/dezembro de 1996.

_____. Pato Bragado, ano 02, ed. 10, dezembro de 1996; ed. 11, março/abril de 1997; ed. 14, agosto/setembro de 1997; ed. 15, setembro/outubro de 1997; ed. 16, novembro de 1997.

_____. Pato Bragado, ano 03, ed. 19, março de 1998; ed. 23, agosto/setembro de 1998; ed. 25, novembro de 1998.

_____. Pato Bragado, ano 04, ed. 28, março de 1999; ed. 29, abril de 1999.

_____. Pato Bragado, ano 05, ed. 33, outubro de 1999; ed. 34, novembro de 1999; ed. 37, março de 2000; ed. 38, abril de 2000; ed. 43, setembro de 2000; ed. 44, outubro/novembro de 2000; ed. 47, fevereiro de 2001; ed. 48, março de 2001.

_____. Pato Bragado, ano 06, ed. 48, março de 2001; ed. 53, agosto de 2001; ed. 54, setembro de 2001; ed. 55, outubro de 2001; ed. 58, janeiro de 2002; ed. 59, março de 2002; ed. 60, abril de 2002.

_____. Pato Bragado, ano 07, ed. 69, março de 2003; ed. 70, abril de 2003; ed. 71, maio de 2003; ed. 72, junho de 2003; ed. 73, julho de 2003; ed. 74, agosto de 2003; ed. 75, setembro de 2003.

_____. Pato Bragado, ano 08, ed. 76, outubro de 2003; ed. 79, janeiro de 2004; ed. 80, fev./março de 2004. ed. 81, março/abril de 2004.

_____. Pato Bragado, ano 9, ed. 82, abril de 2004; ed. 87, setembro de 2004; ed. 89, novembro de 2004; ed. 90, janeiro de 2005.; ed. 91, março de 2005; ed. 92, abril de 2005; ed. 96, agosto de 2005; ed. 97, setembro de 2005; ed. 98, outubro de 2005.

_____. Pato Bragado, ano 10, ed. 109, outubro de 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Edmundo Cordeiro. *L'Ordre du discours*: leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Paris: Éditions Gallimard, Paris, 1971. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/floesco/foucault/>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

FRITSCH, Sueli. *De gaúcho a alemão*: duas construções em Marechal Cândido Rondon. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.

Gazeta Popular: um informativo de credibilidade. Pato Bragado, ano 01, n. 01, março de 2007; n. 03, maio de 2007; n. 04, junho de 2007.

GIANNATTASIO, Gabriel. *Próxima parada: o haras humano* (ensaio). Londrina: Atrito Art Editorial, 2004, 68p.

GREGORY, Valdir; MYSKIW, Antônio M.; GREGORY, Lúcia T. M. *Porto Britânia a Pato Bragado: memórias e histórias*. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2004.

HAAG, Eliane Barros. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 18/08/2007. Aproximadamente 25 minutos gravados em MP4.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 1997.

_____. A questão da identidade cultural. Trad. Antônio Arantes. *Textos Didáticos*, 2 ed. revista, n. 18, fev. 1998.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____.; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUMERES, Estefânia. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 17/08/2007. Aproximadamente 40 minutos gravados em MP4.

HUMERES, João. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 17/08/2007. Aproximadamente 40 minutos gravados em MP4.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Contagem da população em 2007*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 06 out. 2007.

ITAIPU BINACIONAL. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.br/>>. Acesso em: 16 out. 2007.

KOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa R. et. al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, maio de 2004. p. 117-138.

JÚNIOR, Álvaro Banducci; BARRETO, Margarita (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001.

JÚNIOR, Durval M. de A. Violar Memórias e gerar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 2007, p. 199-209.

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná*. Curitiba, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-149.

MACIEL, Maria E. Tradição e tradicionalismo no Rio grande do Sul. *Humanas: descobrimentos e violências*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 22, n. 1/2, 1999.

MAINGUENEAU, Domingue. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MARECHAL C. RONDON (Município). *Decreto 090/1987, de 22 de junho de 1987*. Gestão de Ilmar Priesnitz. Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon.

MENESES, Ulpiano T. B. de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, v.34, 1992, p.09-24.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. In: PORTO, Sérgio D. (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002, p. 37-47.

_____. Aos leitores brasileiros. In: PORTO, Sérgio D. (Org.) *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília: UnB, 2002, p. 23-24.

_____. Preliminares. In: PORTO, Sérgio D. (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília: UnB, 2002, p. 25-28.

MTG SOFTWARES LTDA. Disponível em: <www.mtg.com.br>. Acesso em: 10 set. 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, n. 10, 1993, p.07-28.

NUNES, Zeno C.; NUNES, Eni C. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

OKTOBERFEST. *A mais simpática*. Folder da 8ª Oktoberfest. Pato Bragado – PR, 2004.

OLIVEIRA, Manoel Lauro. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 20/03/2007. Aproximadamente 35 minutos gravados em MP4.

O Presente. Marechal Cândido Rondon, ano 01, n. 2, 11 de outubro de 1991; n. 07, 15 de novembro de 1991; n. 17, 07 de fevereiro de 1992; n. 24, 27 de março de 1992; n. 46, 28 de agosto de 1992.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 02, n. 52, 09 de outubro de 1992; n. 57, 13 novembro de 1992; n. 59, 27 de novembro de 1992; n. 60, 04 de dezembro de 1992; n. 64, 31 de dezembro de 1992; n. 65, 29 de janeiro de 1993; n. 66, 05 de fevereiro de 1993; n. 22, 13 de março de 1993; n. 74, 02 de abril de 1993; n. 75, 09 de abril de 1993; n. 76, 16 de abril de 1993; n. 81, 21 de maio de 1993.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 03, n. 108, 03 de dezembro de 1993; n. 109, 10 de dezembro de 1993; n. 113, 14 de janeiro de 1994; n. 114, 21 de janeiro de 1994; n. 116, 04 de fevereiro de 1994; n. 126, 23 de abril de 1994; n. 162, 30 de dezembro de 1994; n. 171, 17 de março de 1995; n. 184, 16 de junho de 1995.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 04, n. 202, 20 de outubro de 1995; n. 212, 29 de dezembro de 1995; n. 213, 05 de janeiro de 1996; n. 215, 19 de janeiro de 1996; n. 220, 23 de fevereiro de 1996; n. 221, 01 março de 1996; n. 237, 21 de junho de 1996.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 05, n. 268, 24 de janeiro de 1997; n. 271, 14 de fevereiro de 1997.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 06, n. 304, 03 de outubro de 1997.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 07, n. 307, 24 de outubro de 1997; n. 323, 13 de fevereiro de 1998; n. 328, 20 de março de 1998; n. 329, 27 de março de 1998; n. 330, 03 de abril de 1998; n. 349, 14 de agosto de 1998.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 08, n. 381, 26 de março de 1999; n. 389, 21 de maio de 1999; n. 406, 17 de setembro de 1999; n. 408, 01 de outubro de 1999.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 09, n. 410, 15 de outubro de 1999, n. 425, 28 de janeiro de 2000; n. 426, 04 de fevereiro de 2000; n. 429, 25 de fevereiro de 2000, n. 430, 03 de março de 2000; n. 431, 10 de março de 2000.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 10, n. 566, 26 de junho de 2001, n. 585, 18 de julho de 2001; n. 656, 11 de outubro de 2001; n. 737, 09 de fevereiro de 2002; n. 746, 26 de fevereiro de 2002.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 11, n. 957, 13 de fevereiro de 2003; n. 1031, 10 de junho de 2003; n. 1038, 19 de junho de 2003; n. 1100, 16 de setembro de 2003, p. 19.

_____. Marechal Cândido Rondon, junho de 2004.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 13, n. 1590, 18 de junho de 2005, p. 17 a 24; n. 1591, 19 de junho de 2005.

_____. Marechal Cândido Rondon, ano 15, n. 1676, 04 de outubro de 2005; n. 2165, 18 de agosto de 2007; n. 2165, 18 de agosto de 2007, p. 04.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso fundador*. São Paulo: Pontes, 1993, p. 11-25.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORTIZ, Renato. Diversidade cultural e cosmopolitismo. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. 2. ed. São Paulo: Olho D'água, 1999.

_____. Legitimidades e estilos de vida. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 216-232.

PARANÁ. Governo do Estado. Disponível em: <www.pr.gov.br/turismo>. Acessado em: 22 out. 2007

PATO BRAGADO. *Lei n. 046, 09 de julho de 1993*. Prefeitura Municipal do Município de Pato Bragado, estado do Paraná.

_____. *Lei n. 1.933, 28 de abril de 1989*. Alterada em alguns quesitos pela lei n. 2.400, 05 de março de 1991. Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, estado do Paraná.

Pato Bragado 10 anos: progresso sem fronteiras. *Revista Região*. Edição Especial. Marechal Cândido Rondon, 2003.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidades e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Linguagem e identidade elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PERALTA, Elsa. O mar por tradição: o patrimônio e a construção de imagens ao turismo. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 20, outubro de 2003, p. 83-96.

PESAVENTO, Sandra J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Esboços*. Cidade e Memória, n. 11, 2004, p. 25-30.

_____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PETRY, Claudete R. A. *A “emancipação político-administrativa” de Pato Bragado - Paraná*. 1995. 99f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.

PINTO, João Inácio. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 19/07/2007. Aproximadamente 35 minutos gravados em MP4.

PINTO, Leonora. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: UFGD. 19/07/2007. Aproximadamente 35 minutos gravados em MP4.

PIOVESANA, Rodrigo. *Cidade em movimento: um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Candido Rondon - Paraná*. 2007. 174f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 05, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 02, n. 03, 1989, p. 03-15.

Portal do município de Pato Bragado. Disponível em: <<http://www.patobragado.pr.gov.br/assessoria.htm>>. Acessado em: 2004, 2006, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, fevereiro de 1997, p. 07-24.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética da História Oral. *Projeto História*. São Paulo, n.15, abr. 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAÍRA. Disponível em: <<http://www.guaira.pr.gov.br/php/noticia.php?id=1026>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATO BRAGADO. *Iguassu: natureza, história e cultura*. Folder. Pato Bragado, PR, 2008.

_____. *Pato Bragado: bom mesmo é viver aqui!* Folder. Pato Bragado, PR, 2001.

_____. *Prepare-se*. Folder. Pato Bragado, PR, 2005.

_____. *Turi\$mo*. Folder. Pato Bragado, PR, 2007.

_____. *XIX Festa Nacional do Cupim Assado*. Folder. Pato Bragado, PR, 2007.

RÁDIO PATO FM. Disponível em: <www.radiopatofm.com>.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMER, Inge. *Emancipação de Pato Bragado* 1998. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-119.

SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, progresso e a sociedade civilizada*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SAVOLDI, Adiles. A reconstrução da italianidade no sul do Estado de Santa Catarina. In: JÚNIOR, Álvaro Banducci; BARRETO, Margarita (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus, 2001, p. 89-116.

SCHIMIDT, Róbi Jair. Cultura do trabalho: essência da prosperidade. *Cenas da constituição de um mito político*. Edunioeste, 2001, p. 122-160.

SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano, trabalho e poder: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná*. 2. ed. Toledo: Editora Toledo, 1997.

SIMON, Maria C. O positivismo de Comte. *Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e graduação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 144-158.

SCHWENGBER Isabela de Fátima. *Representações do MST na imprensa de Mato Grosso do Sul: 1995 a 2000*. 2005. 176f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

SILVA, Adriano Larentes da. *Fazendo cidade: a construção do urbano e da memória em São Miguel do Oeste-SC*. 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Presente e passado em comemorações de aniversários de municípios. *Esboços*. Florianópolis: UFSC, n. 11, 2004, p. 53-64.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUZA, João Carlos. *Sertão cosmopolita: a modernidade de Corumbá – 1872-1918*. 2001. 310f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: GRAAL, 2. ed. 1986.

STEIN, Marcos Nestor. *A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon: 1946-1996*. 2000. 134f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TODOROV, Tzvetan. A questão do Outro. *A conquista da América*. Martins Fontes: São Paulo, 1998, p.03-47.

_____. A raça e o racismo. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, vol. 1, p.107-141.

TOMAZI, Nelson D. *Norte do Paraná: história e fantasmagorias*. 1997. 345f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

TURISMO NO LAGO DE ITAIPU. Disponível em: <www.turismonolagodeitaipu.com>. Acesso em: 22 out. 2007

ULIANA, Márcia Bortoli. *A tradição continua viva no coração de cada gaúcho: centro de tradições gaúchas Sepé Tiaraju – Pato Bragado (2000-2004)*. 2004. 124f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas Educação e Letras. Colegiado de História. UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon.

VIEIRA, Maria do P. de A.; PEIXOTO, Maria R. C.; KHOURY, Yara M. *A pesquisa em História*. Ática, 1997.

XIX FESTA NACIONAL DO CUPIM ASSADO. *Calendário de eventos*. Disponível em: <http://celepar7.pr.gov.br/eventos/lista_eventos.asp>. Acesso em: 20/10/2007.

WEBER, Max. A ascese e o espírito do capitalismo. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001, p. 123-146.

WELTER, Vanise. *Memórias submersas: uma abordagem da itinerância da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e dos espaços de Porto Britânia (1970-2003)*. 2006. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.

WOLFF, Eduardo H. Depoimento. Entrevistadora: Márcia Bortoli Uliana. Pato Bragado: Unioeste. 27/07/2004. Aproximadamente 30 minutos gravados em K7.

Diagramação, Impressão e Acabamento



Rua Fagundes Varela, 967
Cep 19802 150 • Assis • SP
Fone: (18) 3322-5775
Fone/Fax: (18) 3324-3614
vendas@graficatriunfal.com.br
www.graficatriunfal.com.br